

A blue handgun is positioned diagonally across the frame, resting on a red book cover. The book cover has a textured, slightly wrinkled appearance. The background is a light beige, textured surface. The title text is overlaid on the book cover and the handgun.

LENNY BARTULIN O RUSSO NEGRO



Casa da Palavra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Copyright © 2010 by Lenny Bartulin

Copyright © 2013 Casa da Palavra

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direção editorial

Martha Ribas

Ana Cecilia Impellizieri Martins

Editora: Fernanda Cardoso Zimmerhansl

Editora assistente: Beatriz Sarlo

Copidesque: Aline Naomi Sasaki

Revisão :André Uzêda

Capa: Thiago Lacaz

Foto de capa: © spxChrome/ Istockphoto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B296r

Bartulin, Lenny

O russo negro / Lenny Bartulin; tradução Marcos Ribas de Faria. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

Tradução de: The black Russian

ISBN 9788577343683

1. Ficção australiana. I. Faria, Marcos Ribas de. II. Título.

13-1992. CDD: 828.99343

CDU: 821.111(94)-3

casa da palavra produção editorial

Av. Calógeras, 6, 1001 – Rio de Janeiro

Rio de Janeiro-RJ – 20030-070

21.2222-3167 21.2224-7461

divulga@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br

Para Jules

ÀS VEZES ERA APENAS MÁ sorte. A vida consistia em andar para trás para ir em direção ao futuro. Então você poderia esperar cair em um buraco de lama de vez em quando. E tentar se limpar. Fazer o que der. Mas Jack Susko estava começando a perceber que provavelmente havia muito mais do que isso. Ele tinha começado a procurar pelas *razões*. Estava ponderando a teoria de cordas. Porque a má sorte jamais foi tão simples, mesmo que agora, na superfície, tudo parecesse direto e claro.

Com a pistola 38 na mão, a mulher disse:

– Todo mundo encostado na parede. Menos você, Jack. Você fica aí mesmo onde está.

Trovão e chuva do lado de fora, além das luzes dos relâmpagos. Duzentos mil dólares dentro de duas bolsas num canto. Dez mil pesando nas calças de Jack. Um cara morto no sofá. E o russo, como uma estátua ameaçadora, recusando-se a obedecer.

– Se a *mademoiselle* tiver algum cérebro – disse –, sugiro que o use agora.

A 38 se inclinou um pouco.

Um momento se passou, pesado e lento. O russo esperou, mas depois cedeu, dando um pequeno passo para trás. Então o revólver foi direcionado a Jack.

– Agora – disse ela –, que tal você passar o pacote que recebeu?

O prêmio inesperado que todo mundo sonha receber. O dele viera no meio de sua correspondência, por si próprio, passado por baixo de sua porta outro dia, enquanto Jack estava no trabalho, pensando sobre o mau momento de seus negócios. *Lamentamos não ter encontrado o senhor. Pacote normal. À disposição após as 16h30. Só que, no fim das contas, de normal ele não tinha nada. Ainda mais se comparado com os pacotes que costumavam chegar na Susko Books. E agora ele estava aqui, olhando para o cano da arma, que parecia um grande buraco negro.*

Ela voltou a mexer impacientemente a mão:

– Não me faça atirar em você, Jack.

Ele começou a abrir sua bolsa e tocou no pacote. Seu olhar passou do revólver para os lindos olhos castanhos dela. Um segundo soou como se estivesse tocando em um relógio de ferro gigante, e mais outro. De que servia a merda da física quântica agora?

1

JACK SUSKO ESTAVA AGRADECIDO, MAS não era o tipo de herança que mudaria sua vida. Um velho e funcional carro sedan japonês de vinte anos, azul-claro metálico, nunca estaria na lista das cem coisas mais desejadas do mundo como herança. Mesmo se o estofamento fosse de falsa pele de carneiro e o interior tivesse um forte cheiro de frutas silvestres, não importando o quanto você deixasse as janelas abertas. Se ele estava um pouco desapontado com a generosidade de sua tia Eva no fim da vida dela, era porque o ar-condicionado não funcionava. E justo agora que o rádio anunciava 38°C de temperatura. Jack estava na Oxford Street, por volta das 16h30, em uma sexta-feira de trânsito intenso, parado atrás de um ônibus quebrado. Havia sido um dia longo e ele ainda estava nervoso com seu negócio cansativo de livros também cansativos. E ele não fumava um cigarrinho há quase dezessete horas e meia.

Para o meu querido sobrinho, Jack, deixo meu Toyota Camry 1989.

O ar estava denso e úmido, cheio de fumaça. O calor estava em tudo que era lugar: até o asfalto suava. Os motoristas buzonavam um código Morse de frustração e os transeuntes se abanavam com revistas e tentavam se livrar de forma violenta das moscas. Jack deveria estar há uma hora na De Groot Galleries, em Woolhara. Novembro chegava ao fim. Ele ainda tinha esperanças de chegar lá antes do Natal.

O carro havia sido uma surpresa. Jack não via sua tia há muitos anos, desde os tempos em que ela costumava tomar conta dele nos fins de semana, quando ele tinha 12, 13 anos. Ele lembrava que o marido dela já tinha morrido naquela época e que ela tinha um filho, Carl. Às vezes Jack costumava ler para ela romances policiais e coisas românticas, contos publicados em revistas femininas. Costumava dizer que seus olhos já eram, mas a verdade era que ela

gostava de uma bebidinha. Também costumava dizer: “Completa isso para mim, meu amor”, quando sentia que a água tônica estava desproporcional ao brandy. O advogado disse a Jack que ela tinha morrido com problemas no fígado.

– De qualquer modo – havia acrescentado –, 86 anos não é um momento ruim para isso acontecer.

Tia Eva era uma Susko. Com um pouco de sorte, a tolerância ao álcool estava em seus genes. Desde que tinha abandonado o fumo, Jack tinha percebido mais isso.

O trânsito começou a andar novamente. Jack subiu a ladeira e, por fim, entrou na Jersey Road. Achar um lugar para estacionar o carro em Woollahra era o mesmo que tentar tirar leite de pedra. Depois de algum tempo, conseguiu meter seu Toyota na Spicer Street, entre o BMW branco ártico, último modelo, e um brilhante Range Rover preto. Ele esperava que ninguém ligasse para a polícia levar o Toyota como se fosse um carro abandonado.

Jack ajeitou sua mochila no ombro e foi em direção à faixa principal. O algodão de ótima qualidade de sua camisa azul clara, a leveza e o conforto de sua calças largas de amarrar de linho cáqui e seus pés praticamente descalços em suas confortáveis havaianas marrons não o ajudavam a se manter refrescado. Era como se estivesse vestindo uma roupa de surfe molhada por baixo das outras roupas. Sem dúvida os caras das bolsas sabiam que o melhor negócio nesta manhã eram as ações de fábricas de desodorantes.

As árvores largas ao longo da Queen Street ainda davam algum alívio. Sob as suas caras sombras, as pessoas faziam compras, bebiam água mineral sabor limão, chupavam sorvete ou passeavam com seus cachorros ofegantes. Só de óculos escuros, havia mais de 1 milhão de dólares caminhando de cá para lá, de lá para cá. Parecia haver até um modo todo especial de usá-los também, com uma expressão quase neutra, mas levemente superior que dizia: *E?* Jack ia ter que ensaiar muito em frente ao espelho quando chegasse em casa.

A De Groot Galleries ficava atrás de uma enorme porta de vidro e de uns degraus de madeira impecavelmente encerados. Ele teve que esperar um momento quando dois carregadores de amarelo desciam

com uma grande tela entre eles, protegida por um espesso embrulho de plástico bolha. Manteve a porta aberta enquanto os carregadores faziam caretas, suavam e se ajeitavam para que pudessem passar por ela. Pareciam estar com muito calor e irritados. Jack não tinha a menor inveja do emprego que os dois tinham escolhido.

Uma voz dura vinda do alto da escada interrompeu seus pensamentos.

– Vocês sabem o que estão fazendo? Isso aí vale uma fortuna.

Um dos carregadores mexeu os olhos com irritação. O outro murmurou:

– Vá tomar no cu.

Jack olhou por cima deles para a galeria. A inclinação do teto tapava tudo da cintura para cima, mas ele pôde ver um par de sapatos pretos de salto alto, calças pretas bem apertadas, boca de sino e um largo cinto preto com uma fivela prateada. As mãos postas nos largos quadris, como um par de revólveres prontos para atirar. Jack até esperou por isso, mas as pernas se afastaram.

Afastou-se da porta e começou a subir a escada. O ar-condicionado fazia barulho em algum lugar: um ar frio o envolveu e congelou o suor que escorria por suas costas. Ele tremeu de prazer. No alto, ele entrou na galeria, um espaço quadrado e aberto, chão de parquê, paredes brancas e muitas luzes. No fundo, havia uma enorme janela que dava para a rua, parcialmente protegida por uma cortina. Pinturas embrulhadas em plástico estavam encostadas nas paredes: havia rolos de plástico de bolha colocados no chão, aplicadores de fita adesiva, tesouras e uma furadeira sem fio. Em uma mesinha no centro da galeria, um ramo de lírios caía sobre a borda de um vaso de vidro.

A mulher de calças pretas estava de pé ao lado de uma comprida escrivaninha com bordas de aço, em outro espaço que ficava fora da galeria principal. Um degrau coberto por uma grossa fita adesiva de proteção, com listras amarelas e pretas, chamou sua atenção. Ali, quadros menores e já com moldura estavam prestes a ser pendurados nas paredes vermelho-escuro. A mulher estava de costas para ele, ligeiramente curvada para frente. Tinha uma

aparência madura e enchia as calças pretas com suas formas de meia-idade, já gordinhas e arredondadas. Jack podia ouvir páginas sendo viradas com força.

– Sra. de Groot? – ele disse.

Neste exato momento, um homem magro entrou porta adentro carregando uma caixa. Disse que o lugar estava fechado e continuou a andar, passou por Rhonda de Groot, e foi direto para a galeria principal. Ele vestia uma camiseta havaiana justa e de mangas curtas, jeans desbotados e alpargatas azul-claro. Chaves presas num cinto balançavam em seus quadris. Seus braços brancos e fortes seguravam a caixa com dificuldade; por um instante, ele pareceu um garotinho lutando com o tamanho do mundo adulto.

Jack o observou. O homem pôs a caixa ao lado dos lírios. Ajeitou-se, colocou as mãos nos quadris.

– Posso ajudar você? – perguntou numa voz que parecia um relincho e passava má vontade.

– Eu me chamo Susko. Estou aqui para ver Rhonda.

– A Sra. Groot está extremamente ocupada. Por acaso, tem hora marcada?

– Aquela não é ela? – Jack apontou. – Por que não pergunta a ela?

Antes mesmo que o Sr. Havaí pudesse responder, a mulher na escrivaninha virou-se. Estava lendo alguma coisa numa folha de papel. Uns óculos estreitos e sem armação permaneciam em seu nariz.

– Está tudo certo, Max. O Sr. Susko está atrasado.

Max deu uma olhada do tipo *que surpresa* para Jack. E então voltou para a galeria menor, passando por sua porta e por um corredor estreito. Seus passos eram curtos e efeminados, como se alguém tivesse acabado de derramar algo gelado em suas costas.

Rhonda de Groot deixou o material que estava lendo sobre a mesa. Tirou os óculos e olhou firme para Jack, levantando levemente as sobrancelhas.

– Está com você?

Seu sotaque sul-africano era suave, mas seco o suficiente para acrescentar uma frieza ao seu tom irritado.

– Por isso estou aqui.

– Ótimo. – Deu uma olhada na galeria. – Pelo menos alguma coisa deu certo hoje.

Jack abriu a mochila e procurou algo. Rhonda de Groot era mais alta do que ele imaginara, a julgar pela voz dela no telefone. Seu busto estava apertado pelos botões da blusa branca, e suas coxas não provocavam ninguém. Ela tinha cabelos curtos, levemente ondulados, tingidos de um louro pálido; olhos castanhos, mas vermelhos de cansaço; e um rosto redondo coberto de maquiagem. No mínimo, 50 e poucos anos. Debaixo de todo aquele aparato, ainda havia alguma coisa de natural sobrando, mas isso estava sumindo e Jack ficou imaginando que talvez Rhonda de Groot já estivesse exausta de se pintar toda manhã antes do trabalho.

– Esse é o que eu quero? – perguntou. – Não estou interessada em mais nenhum.

Jack pegou o catálogo. “Galeria de arte de New South Wales, 10 de fevereiro a 4 de março de 1983.”

Ela esticou a mão. Rhonda de Groot tinha telefonado para ele na última quarta-feira, aborrecida e com pressa. Havia ficado a manhã inteira ao telefone, falou, e ninguém havia sido capaz de ajudar. Seu cliente era um sujeito chatíssimo e exigente. A Susko Books era a última opção de sua lista. Suas primeiras palavras ao telefone foram:

– Eu nem sei por que estou telefonando para o senhor.

– Talvez a senhora tenha escrito meu nome em algum lugar? – Jack respondeu. Houve uma pausa, mas ela não desligou. E aí explicou o que estava procurando. Jack falou que ia ver o que poderia fazer.

Raramente ele tratava de pedidos por catálogos de arte, mas conhecia um colecionador da época em que trabalhava no *MacAllister’s Old Books*. Roy Campbell era um especialista em livros de arte na Victoria Street, em Darlinghurst. Ele se parecia muito com David Niven, adorava ternos de *tweed* e manter uma vida boêmia que estava se tornando cada vez mais cara desde que o dinheiro da família começou a escassear. Às vezes tinha que dividir as coisas com seus amigos, quando a situação apertava. Ultimamente, dizia para Jack que suas calças estavam se rasgando sempre que ele se sentava. Jack conhecia bem isso.

O artista em questão chamava a si mesmo de Xanadu. Havia alcançado uma certa fama nos anos 1960 e 1970 como artista conceitual. O catálogo era para uma exposição retrospectiva, intitulada *Para eu saber e para você descobrir*. Jack tinha lido um pouco do texto do catálogo, sem muito interesse.

*O trabalho de Xanadu é uma autodeclaração, uma comunicação através da inexpressividade, em que todas as decisões ficam livres de quaisquer construções doutrinadoras e libertas do duro assalto sobre o existente e o não existente, sobre a ficção factualizada e o fato ficcionalizado. As esculturas invisíveis e as pinturas transparentes de Xanadu flutuam na tranquilidade, na sensualidade, no pânico, na raiva e na ansiedade. Trabalhos como *The Beef Machine* passam isso de modo bastante sucinto: *Eu sou o universo que expira*.*

Jack torcia para que já tivesse expirado.

– Quanto? – Rhonda de Groot perguntou.

– Cento e setenta e cinco dólares.

– Ótimo. – Pôs o catálogo na mesa. – Vou fazer o seu cheque.

Jack concordou com a cabeça. Max reapareceu. Seu olhar dizia: *ainda aqui?*

– Ligue para o Sr. Vanning, Max, e diga para ele que o catálogo imbecil que ele estava atrás já está aqui.

– Tenho mesmo? Odeio aquele homem.

– Tem sim.

– Vou precisar de um café antes. – Max foi até a escrivaninha e tirou uma nota de 10 dólares de uma das gavetas. – Vai querer um também?

– Um pequeno com bastante espuma.

Max botou o dinheiro no bolso.

– Para mim, nada. Obrigado – disse Jack.

Max o ignorou por completo e saiu. Jack então olhou para a Sra. Rhonda de Groot.

– Podia ser em dinheiro vivo?

Ela destacou o cheque preenchido do talão que estava em sua carteira de couro.

– Tarde demais.

– Bem. Lá se vai o número dois do quarto páreo. O nome dele era Prancing Jack.

Ela lhe deu o cheque.

– Tenha um bom dia, Sr. Susko.

Jack pôs o cheque na carteira. Quem sabe o próximo cliente que ia visitar naquela tarde pudesse lhe oferecer um copo d'água.

Estava chegando na escada quando cruzou com Max voltando. Seu rosto estava pálido e tenso, seus olhos pareciam implorar por alguma coisa. Pelos ombros de Max, Jack pôde ver três homens o seguindo em fila. Todos usando máscaras. Como um pequeno bando de Robins procurando pelo Batman.

O homem que estava bem atrás de Max percebeu que Jack estava ali. Um segundo depois e o braço dele apareceu com um revólver apontado para Jack.

– Boca fechada – disse. – Vai voltando.

2

NO HORÓSCOPO DE JACK NÃO havia nada sobre o alinhamento de Vênus com Marte pela primeira vez nos últimos cinquenta anos e que, com isso, ele entraria em uma nova fase da sua vida, uma fase infernal. Aliás, a semana dele já tinha dado sinais disso, mas agora era oficial.

– Anda! – mandou o cara com o revólver.

Jack botou as mãos para o alto. Deu um passo lento para trás. O camarada era alto, musculoso, cabelo quase raspado, vestia camiseta preta e jeans. A borda da máscara branca em seus olhos brilhava como diamantes, o que dava ao assaltante armado uma aparência interessante. Quando o resto do bando chegou no topo da escada, ele empurrou Max com força para dentro da galeria. Max tentou ficar de pé, mas caiu no chão quando suas alpargatas saíram dos pés e suas pernas se descontrolaram como se ele estivesse andando sobre o gelo.

– Achei que você tinha dito que eram só dois. – O homem com a arma olhou de cara feia para Jack e voltou os olhos para os seus comparsas.

– Quem é a porra desse cara?

Rhonda de Groot se virou da pequena pintura que ela estava desembrulhando e viu o homem em cima de Max. Seu maxilar caiu um pouco, mas nada saiu de sua boca. O segundo chegou até ela e a pegou pelo braço.

– Quietinha, madame.

– O que... o que está acontecendo? Quem são vocês? – a voz de Rhonda se manteve firme. O choque ainda não tinha sido assimilado. Então ela piscou os olhos, como se uma poeira tivesse entrado neles. Jack sabia que fora a presença ameaçadora do revólver.

– Melhor ficar quieta. – O segundo mascarado apertou o braço dela logo acima do cotovelo. Ele era baixinho e tinha um sério problema de peso, cabelo louro encaracolado, comprido e todo suado, vestia uma camiseta azul enorme, parecendo uma tenda, e bermudas largas que iam até o meio das panturrilhas lisas. A máscara de olho era preta com franjas prateadas. Talvez depois fossem a alguma festa à fantasia.

– Walter, você ouviu o que eu falei? – O cara ainda mirava a arma em Jack. – Eu perguntei quem é a porra desse cara!

Walter, o gordinho, deu de ombros.

– Não vi ele entrar. – As franjas da máscara dele brilhavam sobre suas bochechas gordas e vermelhas.

– Puta que pariu!

O terceiro bandido chegou e ficou parado com as mãos na cintura.

– Isso não tem mais importância agora – disse. Ele tinha cerca de 1,80m, magro como um caubói, usava jeans e uma camiseta branca justa. Tinha uma pulseira grossa de couro no pulso, que parecia ser coisa da moda. A sua máscara de olho era preta e simples, sem qualquer adorno.

– Não tem *importância*? E se ele for um puto de um policial?

– Ele não é.

– Mas como você pode saber, porra?

– Ele parece um policial?

– Caras... parem com isso...

– Merda de amadores!

– Estão todos presos – falou Jack. – Por causa das máscaras.

O mais magro foi até Jack e deu um empurrão em seu peito.

– Para trás, engraçadinho.

Jack se desequilibrou um pouco, recuperou o equilíbrio, ficou de pé e encarou o homem por um instante. Ajeitou a mochila no ombro.

– Você é surdo?

– Shane, vamos lá, fica calmo. A gente não tem muito tempo.

– Acho melhor você ouvir o Walter – Jack falou, apontando o rosto para o cara que segurava Rhonda de Groot pelo braço. – Shane, não

é? – Dois nomes dos três até agora. Jack ficou imaginando se não era o primeiro assalto deles.

Shane encheu o peito.

– Vamos. Fala mais alguma coisa.

– O que aconteceu com os capuzes?

Atrás dele, o cara com a arma disse:

– Isso mesmo, Shane. Que merda aconteceu com os capuzes?

– Eu já falei, pelo amor de Deus! – Shane continuou de olho em Jack. – Só consegui essas máscaras.

– Você tirou da primeira prateleira do armário, não foi? – comentou Walter.

– E daí?

– Por que você não pegou aquelas grandes de borracha? Elas estavam bem ali, na segunda prateleira...

– Cala a boca.

– Que merda! – o cara com o revólver falou – Você nunca mais vai trabalhar comigo, porra.

Shane balançou a cabeça, as mãos atrás dos quadris.

– Por mim, tudo bem – disse. Então, olhando de volta para Jack: – *Pascal!*

– Por que você não fala logo a porra do meu endereço?

– Vamos parar com isso, merda. – Walter deu um tapa na coxa dele.

Shane fazia Jack se lembrar de alguém. O jeito com que ele ficava de pé. Algo meio oleoso, sujo. Concentrou-se no rosto, mas não conseguia enxergar através da máscara ridícula. O nome também despertou algo nele, mas Jack não era idiota de perguntar se eles dois já haviam se encontrado antes.

Max ainda estava no chão. Pascal, o cara da arma, foi até ele, pegou as chaves do cinto dele e jogou-as para Shane.

– Fecha a porta da frente. – Então chutou a perna de Max com força. – Levanta, veado.

– Deixa ele em paz! – Rhonda gritou.

Jack estava começando a pensar se o endereço que os mascarados tinham não estava errado.

– Vocês sabem que tem um banco aqui perto, um pouco mais lá para cima?

Pascal voltou a apontar o revólver para ele.

– Cala a boca.

Jack concordou com a cabeça e fechou a boca. Claramente, o homem não lidava bem com a pressão.

– O que vocês querem? – Rhonda estava tendo dificuldade em compreender o que estava acontecendo na sua galeria.

Pascal voltou a chutar Max.

– Levanta!

Max gemeu e ficou de pé, agora descalço. Andou até a sala menor da galeria, de cabeça baixa, o rosto ainda sem cor. Jack o seguiu, Pascal e Shane foram atrás dele. Walter segurava o braço de Rhonda de Groot e os seguiu pelo corredor que ligava as duas salas.

Passaram por duas portas. Havia uma cozinha à direita e, então, uma placa indicando a saída sobre a porta da esquerda, com uma escada descendo por ali. No fim do corredor, outra sala sem janelas. Era comprida e estreita, iluminada por lâmpadas fluorescentes em um teto baixo. Ao longo da parede do fundo, uma bancada laminada branca: no chão de azulejo, duas caixas, uma caixa de transporte de madeira cheia de bolhas de poliestireno e duas cadeiras ergonômicas com encosto e de rodinhas. No canto mais afastado, um aspirador de pó jogado como um bêbado dormindo. E, à direita, bem junto dele, um grande cofre cinza chumbo, da altura de um quadril e um metro de largura. Jack podia ver que dentro dele havia espaço suficiente para muitas coisas de valor. E tinha certeza de que os três homens pensavam a mesma coisa.

Pascal apontou para o cofre.

– Quando estiver pronta.

Rhonda olhou para ele, confusa.

– Abre a porra desse cofre!

– Mas não tem nada nele.

Ele deu um tapa forte na cara dela.

– Faça o que eu mandei – disse. – Não me faça mandar de novo.

Rhonda pôs uma mão no rosto. Seus olhos estavam esbugalhados, molhados e aterrorizados. Caminhou até o cofre.

– Amarrem esses dois.

As duas cadeiras foram puxadas da parede. Jack foi empurrado para uma delas. Max, para a outra. Shane arrancou a mochila do ombro de Jack e a jogou no chão. Começou a passar a fita adesiva em torno dos braços e do peito de Jack e do encosto da cadeira.

– Bela máscara – Jack falou.

Shane o ignorou, concentrado em seu trabalho com a fita.

– Por que não usou uma capa?

– O Zorro não usava capa.

– Está querendo dizer que não é o Pimpinela Escarlata?

Pascal deu um passo à frente e agarrou o pescoço de Jack com força. Suas mãos eram grandes e sujas, como as de um soldador.

– Uma palavrinha a mais...

Ele torceu levemente o pescoço de Jack, pôs a arma em sua mandíbula e pressionou o cano frio contra sua pele. Seu hálito era quente e tinha um forte cheiro de café. Através da máscara, era possível ver que os olhos estavam secos e muito vermelhos. Aí, ele parou.

Jack tossiu, tentou engolir. O dia tinha ficado uma merda. Talvez fosse lua cheia e todos os loucos estavam à solta? Ele devia ter checado o calendário na geladeira. Da próxima vez se trancaria com Lois, a sua gata. Poderiam ficar jogando Scrabble até tudo terminar.

– Já terminou, Sra. de Groot? – Pascal tinha ido até o fundo da sala e estava de pé atrás dela enquanto ela mexia na combinação do cofre. Ela se confundia, não conseguia se lembrar dos números da combinação.

– Só mais cinco segundos. Concentre-se agora.

Walter pegou a mochila de Jack do chão. Abriu-a e deu uma boa olhada dentro. Tirou um pacote e tentou sentir o que era e quanto pesava.

– O que é isso?

– Uma bomba – respondeu Jack.

O gordo começou a rasgar o papel de embrulho marrom. Jack ficou observando o rosto dele, brilhante e vermelho como uma linguça. Suas bermudas largas caíam, pedindo um cinto. O papel foi

todo rasgado e aí apareceu um livro. Ele o virou para ler o título na capa. Então, sorriu satisfeito.

– *Moscou contra 007*. O patrão vai adorar isso.

Jack fechou os olhos, deixando o queixo cair sobre o peito. O livro era uma primeira edição e valia um bom dinheiro – o único dinheiro que Jack ainda tinha no mundo. No ano anterior, uma mulher suíço-japonesa quase o comprara para o pai dela, mas isso acabou não acontecendo. Nem mesmo depois de um ótimo jantar, alguns coquetéis chiques, de 15 dólares cada, além do táxi para levá-la de volta ao lugar onde estava hospedada. Naquela tarde, estava com a esperança de conseguir vendê-lo. A próxima parada de Jack depois da De Groot Galleries teria sido num hotel da moda em Woolloomooloo: um homem de negócios americano queria ver o livro. Dan Osbourne, de Detroit. Ele viajaria de volta esta noite e tinha pedido para Jack levar pessoalmente o livro para ele ver. Se estivesse interessado, Dan havia dito, ele tinha muito dinheiro vivo. Inclusive dólares americanos. Podiam fazer negócio. Jack queria 15 mil dólares, mas não se importaria de abaixar um pouco. Agora, parecia que ele estava prestes a abaixar tudo.

– Acho que é um original – disse Walter. Jack se contorceu enquanto o homem molhava os dedos e virara as páginas. Eles o tinham prendido firme numa cadeira e agora o estavam torturando. *O nome é Susko. James Susko.*

– Ouve. – Walter apontou para início de uma página. – Esta é a primeira linha. – Limpou a garganta antes de ler. – “O homem nu que está deitado, estendido com o rosto para o chão ao lado da piscina, pode ter sido assassinado.”

– Deixa eu ver isso. – Shane tentou pegar o livro.

– Ele está comigo, portanto não venha com nenhuma ideiazinha.

A sobrecapa estava coberta por um plástico de proteção. Na orelha, Jack tinha colocado uma etiqueta pequena e retangular: *SUSKO BOOKS*. Tinha um desenho refinado e bonito, letras em azul-marinho gravadas em um fundo creme, uma margem fina e elegante com cantos curvos. Um pouco abaixo, em letras menores e de outra fonte, o endereço e o número de telefone. Jack tinha mandado fazer quinhentas delas quando abriu seu negócio. Para ser tudo de classe.

A ideia era substituir o pão com manteiga do dia a dia por algo especial, mais pretensioso, mudando um pouco o perfil do seu estoque, incluindo livros mais colecionáveis. Tudo o que precisava era construir um capital para o dia a dia e, então, especular sobre a primeira edição a ser vendida. Tudo estava indo muito bem. Após alguns anos, ele tinha só 499 etiquetas.

Shane tirou os olhos do livro e encarou Jack. Passou o livro para Walter.

Jack teve de novo aquela impressão curiosa de que conhecia o cara.

– Tem desconto para quem pagar com dinheiro vivo – disse. – Mas eu precisaria de um documento de identidade para cheque ou cartão de crédito.

– Claro – Walter disse rindo. – Sem problema. – E colocou o livro debaixo do braço suado. – Só vou ter que dar uma lida com calma no final de semana.

Ouviu-se o barulho de metal da porta do cofre sendo aberta.

– Boa garota. – Pascal puxou Rhonda de Groot de sua posição de cócoras em frente ao cofre. Ele balançou a cabeça para seus comparsas.

– Agora amarrem ela e amordacem todos eles.

Pascal ajoelhou-se e começou a procurar. Quando se levantou, tinha alguma coisa do tamanho de uma caderneta de telefones na mão, embrulhada num veludo violeta.

– O que é isso? – Rhonda olhou para o objeto na mão do homem armado. Ela estava irritada. – O que é isso?

– Nada com que você precisa se preocupar mais.

Ela olhou para Max, amarrado e mudo em sua cadeira.

– Max, o que tinha no cofre?

– Eu... eu não sei. Não tenho a menor ideia.

– Peguem a merda de uma cadeira!

Walter saiu correndo da sala e voltou instantes depois com uma cadeira branco de plástico.

Rhonda de Groot foi obrigada a se sentar e então foi toda amarrada com fita adesiva.

– O que é que estava no cofre? – ela insistiu.

Pascal a ignorou. Jack ficou observando-o levantar um dos cantos do veludo que cobria o objeto em suas mãos. Ele deu uma risada. Devia ser coisa boa.

Shane se aproximou, com a fita na mão e a boca apertada embaixo da máscara ridícula. Jack se inclinou ligeiramente para ele e sussurrou:

– Que tal os três mosqueteiros, hein?

Nenhuma resposta. A fita tapou a boca de Jack. Depois, a mesma coisa aconteceu com Max e Rhonda de Groot.

Os três mascarados saíram. Jack ouvia os passos deles pelo corredor, depois eles foram sumindo à medida que desciam a escada e escapavam para a rua.

Um silêncio tomou conta da galeria, exceto pelo barulhinho suave do ar-condicionado.

Jack fechou os olhos. *Catálogos de arte conceitual*. Nunca mais.

3

CINCO HORAS DEPOIS, JACK AINDA estava amarrado na cadeira.

O desconforto era enorme. Metade do seu corpo ficara dormente e dolorido pelo frio do ar-condicionado. Seu sangue parecia um mingau velho correndo pelas veias e seus dedos das mãos e dos pés estavam meio dormentes e inchados. É claro que o fato de ele ter feito a cadeira cair, numa tentativa inútil de se libertar de alguma forma, e estar virado de lado no chão frio e duro de azulejo, pelo menos pelas três últimas horas, ajudam para que ele se sentisse assim.

Os dois telefones da galeria tocaram muitas e muitas vezes durante o confinamento dos três. Os celulares de Max, Rhonda e de Jack também. Ele até chegou a escutar um outro tocando, em outro lugar no prédio. Era uma espécie de tortura tecnológica do século XXI: todas aquelas pessoas ligando – *você está aí? você está aí?* –, a liberdade tocando em seu bolso, mas, na verdade, há milhares de quilômetros de distância. Algumas vezes, alguém bateu no vidro espesso da porta da frente, o som surdo e oco atravessando toda a galeria até a sala agora completamente escura onde estavam, no fim do corredor. Propositadamente, os ladrões tinham se lembrado de desligar as luzes e trancar tudo ao saírem.

No começo, durante um certo tempo, Jack havia observado Rhonda e Max se olhando e tentando se comunicar com urgência através de olhares. Então, começaram a se virar com raiva em suas cadeiras. Depois, começaram a gemer em uma frustração muda, como dois bebês tentando ser entendidos. Agora, os olhos dos dois estavam meio fechados e vermelhos, olhando para o nada na sala cheia de sombras.

O relógio da parede mostrou que já eram 21h45. Sons vieram novamente da porta da frente, mas não eram batidas. Uma chave?

Rhonda e Max se agitaram em suas cadeiras. A porta da frente fez um leve barulho de estar sendo aberta e depois fechada. Passos subindo a escada de madeira. Naturais, sem pressa.

Rhonda e Max começaram a fazer o barulho que conseguiam. A luz se acendeu. Jack piscou os olhos, meio cego com a luz, e tentou ver alguma coisa através do doloroso brilho da luz. Alguém entrou na sala.

– Meu Deus!

Pernas passaram rápidas por cima de Jack no chão. Um instante depois, a voz de Rhonda de Groot.

– Richard! Richard!

– Você está ferida? Que diabos aconteceu aqui?

O homem tinha um forte sotaque sul-africano. Tentou arrebentar as fitas com as próprias mãos.

– Use a tesoura, ali, na bancada.

– Quem fez isso? O que aconteceu?

– Três homens mascarados. Eles tinham um revólver. – A emoção tomou conta da voz de Rhonda, um prelúdio para as lágrimas que viriam. – Eles bateram em mim, Richard!

– Tá certo, entendi, mas eles já foram embora – disse o homem de forma tranquilizadora. – Não estão mais aqui.

– A gente tem que chamar a polícia.

Jack ouviu as fitas em torno do corpo de Rhonda sendo violentamente arrancadas. Ela ficou de pé. Eles se abraçaram: roupas caras e de classe se tocaram suavemente.

– Ajuda o Max – o homem falou para Rhonda de Groot, dando-lhe a tesoura. Foi até Jack e o levantou, junto com a cadeira, do chão. – Quem é ele?

– Ninguém. Um vendedor de livros usados. Estava aqui na hora em que eles chegaram. – Rhonda tirou a fita da boca de Max, que imediatamente começou a ofegar e tossir.

– Ah, meu Deus! Graças a Deus!

O homem com sotaque sul-africano enfiou uma unha no canto da fita que tapava a boca de Jack. A loção pós-barba dele tinha um cheiro forte e combinava com o seu terno cinza muito caro e suas

unhas bem cuidadas. Pegou a ponta daquele pedaço de fita e o arrancou como se fosse um band-aid. Jack deu um pulo para trás.

– Tudo bem?

– Tudo – respondeu Jack. – Obrigado.

– Sou o marido da Rhonda. Richard de Groot.

– Jack Susko.

– Max, liga para a polícia – disse Rhonda. Seu tom autoritário já estava de volta.

– Espera. – Richard de Groot tirou a tesoura das mãos da esposa. Ficou atrás da cadeira de Jack e começou a cortar as fitas.

– Esperar o quê?

– Me fala o que aconteceu.

– Eu acabei de te falar. Nós fomos presos por homens mascarados e armados.

– Levaram alguma coisa?

– Levaram sim. Tudo o que você tinha neste cofre e que nunca tinha me contado. Será que podia me contar agora?

Jack levantou seus braços fortes, jogou fora as fitas e ficou de pé. Suas pernas pareciam mortas. Todo o resto doía. Ele se esticou um pouco, muito ar entrou em sua cabeça rápido demais. Ele precisava mesmo era beber alguma coisa, alguma coisa alcoólica. Pensou se devia pedir.

– E aí? – Rhonda falou para o marido.

– Agora não.

– Richard, eu quero saber.

Jack massageou a sua coxa dormente. Olhou de Groot indo até sua mulher. Ela era quase uma cabeça mais alta do que ele e era muito mais larga também. E usou tudo isso para olhar o marido de cima para baixo. Ele estendeu a mão e a pegou pelo cotovelo. Com uma voz neutra e seca, repetiu:

– Agora não.

Rhonda se livrou dele e deu um passo para trás.

– Eu acabei de apanhar, de ser amarrada e ameaçada com uma arma. Esta é a *minha* galeria, Richard, e eu quero saber o que você colocou no cofre! Você está envolvido em alguma coisa de novo?

O homem balançou a cabeça, olhou para baixo e coçou a testa. E ela era grande porque seu cabelo curto e escuro, mas levemente grisalho, era escasso. Lambeu os lábios carnudos.

– Nós não vamos chamar a polícia.

– Bem, não tenho certeza quanto a isso – Jack falou com toda a naturalidade. – Uma coisa minha foi roubada também.

Ele apalpou os bolsos frontais de sua calça e lembrou que tinha parado de fumar no dia anterior. O fato de ter ficado amarrado aumentou em cinco horas o tempo em que estava sem fumar. E isso o fez se sentir um pouco melhor.

Richard de Groot se virou para Jack. Era um homem pequeno, mas parrudo, provavelmente um daqueles que perdia o controle caso se sentisse pressionado. A expressão em seu rosto era quase de tédio. Ajeitou ligeiramente os ombros.

– Queen Street, nº 120, não é? – Jack pegou o celular do bolso e olhou para o teclado.

– Valia quanto? – de Groot perguntou.

Jack ergueu a cabeça.

– O quê?

– Valia quanto? Vou ficar satisfeito de compensar você pela perda que teve. – O olhar duro ficou mais suave e o tom da voz, mais agradável. Deu um passo em direção a Jack e lhe estendeu a mão. – Sr. Susko, não é?

Jack concordou com a cabeça. De repente, viu-se meditando sobre sua situação financeira. O Zimbábue não tinha nada a ver com ele. Depois de uma pequena pausa, cumprimentou de Groot. A mão dele era fria, macia e firme.

– Posso chamar você de Jack? – perguntou de Groot, levantando as sobrancelhas.

– Claro que pode, Richard, – Jack respondeu enquanto se cumprimentavam. Apenas alguns instantes atrás, ele estava preso e amarrado. E agora estava fazendo um negócio.

Na verdade, ter ficado amarrado por algumas horas tinha sido um descanso momentâneo para suas preocupações. Mas a partir do momento em que as fitas tinham sido cortadas, tudo voltou e ainda pior. Com o roubo do livro de Fleming, o buraco lamacento que

estava sua vida ficava ainda mais fundo. Jack precisava ouvir o que de Groot tinha a dizer. Ele devia muita grana e um dos lugares para os quais estava devendo mais era a seguradora. Nada do que tinha estava assegurado: mesmo com esta onda de calor logo no início do verão, suas posses mundanas estavam nuas e tremendo. Duvidou que a polícia largaria casos sérios de assassinatos e infiltrações no submundo do crime organizado para ir atrás de seu romance do James Bond.

– Não há motivo para que tudo isso se torne... *complicado* – de Groot falou, soltando a mão de Jack. Levantou a palma das mãos, como se fosse um padre abençoando seu miserável rebanho. – Complicações são uma perda de tempo para qualquer um.

– Era um livro raro, Richard. Não estou falando de um 9,90 da seção de promoção.

– Tenho certeza de que a gente vai chegar a um acordo.

Jack olhou para Rhonda de Groot, que estava com os olhos fixos no marido. Estava encostada, levemente inclinada, na bancada, com os braços cruzados debaixo de seus peitos grandes. O rosto dela tinha perdido um pouco da raiva, mas os olhos ainda estavam apertados e ameaçadores.

– Mas por que não chamar a polícia? – perguntou Jack, apontando a cabeça na direção do cofre. – Alguma coisa ali que você não quer que ela fique sabendo? Segredos nucleares? Plutônio?

– Max, por que não vai pegar um pouco de água pra gente? – Richard de Groot sorriu. Rugas apareceram nas duas bochechas, como duas cicatrizes de um duelo de espadas. Max pareceu aliviado por ter sido convidado a se retirar e caminhou rapidamente para o corredor. De Groot afrouxou a gravata.

– Não tem mistério algum – disse, olhando para a mulher. – Eu não posso perder os dividendos que ainda não resgatei.

Jack sorriu.

– Legal. Gostei dessa.

– É a pura verdade.

– Não estou duvidando.

– O negócio da minha mulher é um pequeno buraco negro, Jack. Ninguém está comprando arte neste momento. Nós temos que ter

cuidado com cada centavo nosso. – Richard de Groot apontou com a cabeça para o cofre. E, por isso, é preciso lidar com algumas perdas.

Jack deu uma olhada em Rhonda. Ela continuava observando o marido atentamente. Jack ficou imaginando como os dois funcionavam juntos. O marido astuto e sua esposa enorme. Os dois usando calças.

– Bem, quanto valem estes dividendos ainda não resgatados? – perguntou Jack.

– O suficiente para não chamar a polícia.

– Quinze mil?

– Um valor interessante.

– Tudo com muitos desvios, muitas curvas, Richard?

– Não, claro que não. Eu sempre gostei de coisas redondinhas. – E olhou para a mulher.

Tinha sido um dia muito quente. A noite parecia ir pelo mesmo caminho. Jack deu uma olhada geral na sala, percebeu os olhares ansiosos de Richard e de Rhonda para ele como duas lâmpadas quase em fogo. Ele tinha que tomar uma decisão.

– Que tal 20 mil dólares? – Richard coçou seu queixo liso.

Ultimamente, Jack estava trabalhando sua impulsividade. Ele estava focando sua consciência em ficar com os pés no chão, no presente. Parar de fumar, melhorar a saúde. Economizar algum dinheiro. Estava sendo uma época muito desgastante para a Susko Books e Jack almejava ter sucesso em algumas coisas. Infelizmente, uma abordagem de vida zen, mais saudável e equilibrada não acabava com dívidas bancárias. E o que Jack precisava era de uma coisa: dinheiro vivo.

4

ALGUÉM HAVIA BATIDO NA JANELA lateral de seu Toyota. A parte externa do espelho, de plástico preto, estava pendurada, toda frouxa, na porta, por um arame fino, como um marsupial pequeno e todo arrebitado. O espelho estava todo quebrado na rua. Não havia nenhum bilhete com número de telefone preso no limpador de para-brisa. Mas, também, o que ele queria? Há muito tempo a honestidade tinha deixado de ser uma boa prática em todos os lugares que Jack conhecia.

Ficou parado na rua e olhou para os outros carros estacionados ali: nenhum arranhão, todos impecáveis, o estado da arte da tecnologia automotiva brilhando sob o calor das luzes de segurança sensíveis a qualquer movimento e um céu noturno azul que protegia a eletricidade da cidade como uma grande cobertura muito bem esticada. Pensou quais daquelas rodas seriam de de Groot.

Tinham marcado um encontro no dia seguinte às 11h da manhã na Susko Books.

Jack não havia concordado com nada especificamente, mas conhecia muito bem aquela espécie de transação. Era uma música que ele tinha ouvido muito antes, na época em que trabalhava para Ziggy Brandt. Só que agora era ele que estava tocando o principal trompete em vez de carregar os equipamentos. Tinha sido um passo surpreendentemente fácil para ele, só um pequeno movimento para começar. Ficou imaginando se Ziggy havia começado a carreira da mesma forma. Chutou os cacos do espelho na rua. *Merda*. Não que ele tivesse muita escolha. Então eles chamaram a polícia e tudo havia sido anotado nos livrinhos de couro, as descrições dos três assaltantes mascarados, tudo que haviam falado, os horários aproximados, nomes e endereços. E aí eles iam sair para investigar, encontrar os bandidos e o livro de Jack.

James Bond, não era? Vamos manter contato. Isso mesmo, certo.

Abriu o carro. Por que tinha que se preocupar com o cofre do de Groot e com a porra que estava guardada nele? O homem não quis chamar a polícia. Havia milhares de razões para isso. E nenhuma delas tinha nada a ver com Jack.

Não, havia apenas uma coisa na sua cabeça: ele não queria perder a Susko Books. *De jeito nenhum.* Às vezes ele a adorava, quase sempre, ficava triste, mas estava à frente dela e a responsabilidade era dele. Alguma coisa tinha que medir a satisfação e o valor de um homem. E muito embora o dono estivesse quebrado e todos os números tivessem sumido, Jack era o responsável, a mão dele é que estava ali, era ela que fazia os cálculos de tudo. E isso já era algo, especialmente quando não havia restado praticamente mais nada.

Sexta-feira de noite em Paddington. Multidões do lado de fora dos bares na Oxford Street: pessoas gritavam, riam alto, chamavam táxis, verificavam mensagens de texto em seus celulares. Casais passeavam pelas calçadas em grupos: as mulheres escassamente vestidas por causa do calor, seus homens musculosos andando um passo ou dois à frente delas, excitados com o cheiro de sexo no ar. O relaxamento com a chegada do final de semana era evidente. O amanhecer cheio de bêbados que mal conseguiam ficar em pé ainda estava longe. Agora, todo mundo irradiava frescor e alegria, como aqueles modelos de propaganda de xampu.

O Toyota acompanhava todo aquele otimismo de verão. Jack estava se sentindo um pouco melhor no meio da noite. Talvez ele se reunisse com os festeiros na noite seguinte para uma boa bebedeira, após ter escondido o dinheiro de de Groot em seu colchão.

Encontrou um lugar para estacionar o carro bem em frente ao edifício onde morava, na Leinster Street. Fez a manobra e parou.

No portão de entrada, verificou a correspondência. Na hora em que enfiava a chave para abrir a caixa, uma sombra se mexeu na rua. Ouviu passos e se virou para ver o que era. Uma figura escura se aproximava.

– Jack Susko?

O tom do homem não soava particularmente amigável. Jack deu uma olhada rápida na correspondência, uma mistura de contas, menus de pizzarias e restaurantes tailandeses e uma revista *Time* que não era para ele.

– Nunca ouvi falar dele – disse.

O homem apontou para a caixa do correio de Jack:

– Apartamento dois?

– Está na rua certa?

O homem deu uma risada.

– Jack, sou eu! Carl Reiss, não se lembra?

Jack olhou com atenção. As luzes da rua cobriam o homem com sombras, mas algo ativou sua memória. O filho da tia Eva. Jack lhe estendeu a mão.

– Primo Carl.

Cumprimentaram-se.

– Fiquei triste quando soube da sua mãe.

– Obrigado. É, foi duro, muito duro no final – confessou Carl, com uma tensão na voz. Mas aí deu de ombros, resignado. – Você sabe, quando a hora chega, a pessoa tem que ir.

– Era uma mulher adorável. – Jack se sentiu culpado quando pensou no Toyota. – Eu teria ido ao enterro, mas eu não sabia de nada até que o advogado ligou para mim depois.

– Eu entendo – Carl disse, o olhar passeando por Jack.

Ele não acredita em mim. Jack ficou aborrecido por um instante, mas deixou para lá.

– E você, está bem?

– Eu? Ah, sim. Estou levando, sem maiores problemas... bem, estou me acostumando com isso, mas, você sabe, a vida segue. – Carl sorriu para Jack: seus dentes sujos refletiram as luzes da cidade e do céu e brilharam. – É isso, estou me acostumando.

– Quer beber alguma coisa?

– Ah... hoje não dá. Vou encontrar uns amigos daqui a pouco.

Jack fez que sim com a cabeça, olhou para seu primo de cima a baixo. Alto, magro, mas forte, os ombros um pouco arqueados. Engraçado, igualzinho quando era criança.

– Você mora aqui por perto?

– Não, não, ainda estou na velha casa da minha mãe lá em Bankstown. Só estou dando uma volta.

Jack se lembrou da casa da tia:

– Begonia Avenue.

– Isso mesmo – Carl deu uma pausa. – Ela pelo menos me deixou a casa.

Um morcego comedor de fruta passou raspando pela cabeça de Jack. Ele olhou para o céu noturno, mas não conseguiu ver nada, só a irritação das estrelas. Não era o suficiente para distraí-lo do desconforto crescente que estava sentindo.

Carl olhou a hora.

– Eu estava pra ligar pra você desde que mamãe morreu. Aí pensei em passar aqui hoje de noite para ver se te encontrava. Já estava indo embora quando vi o carro virando na esquina.

– É, cheguei tarde hoje – Jack disse. – Fiquei preso e me atrasei.

– Trabalhando duro, né?

– Assaltado por bandidos mascarados.

Carl deu uma gargalhada.

– O mesmo Jack de sempre, então. Sempre costumava falar essas merdas quando a gente era criança. Sempre inventando coisas.

Jack franziu levemente as sobrancelhas, massageou a dor nos ombros.

– Mas mamãe adorava – Carl acrescentou.

– Verdade. – E lá estava Jack pensando que quando garoto sempre foi enigmático, meio frio, misterioso, uma criança de poucas palavras. Igualzinho ao Clint Eastwood de *Por uns dólares a mais*, só que sem charutinho.

O primo Carl botou as mãos nos quadris. Passou a língua nos dentes e deu uma olhada na rua.

– E como está se comportando o velho Toyota?

– Como um Rolex de ouro.

– É, é um bom carro – Carl falou com deboche.

Jack fechou a caixa do correio. Faróis de um carro que estava passando iluminaram os dois. Carl voltou a olhar para a rua.

– Ainda não consigo acreditar que você conseguiu a porra do carro.

– Não é um Porsche, primo. – Jack sentiu as velhas irritações ressurgindo.

– Acho que foi por tocar no lugar mais sensível – Carl continuou. – Você costumava servir as bebidas dela a qualquer hora do dia. E acender os cigarros dela com aquele isqueiro Zippo Harley Davidson que ela tinha.

Jack se lembrou do isqueiro. Uma anomalia no mundo certinho de tia Eva.

– Ela nunca me deixou tocar na porra do isqueiro – disse Carl. – Nunca.

Mais algumas memórias voltaram a povoar a cabeça de Jack.

– Você quase botou fogo na casa uma vez – disse. Foi suficientemente cuidadoso para não dizer *tentou botar*.

– Então você ainda se lembra disso.

– Lembrei agora.

– E do que mais você se lembra?

Jack deu uma risada forçada, por dentro estava se contorcendo.

– De correr pelos irrigadores quando estava muito quente. – Queria que o primo fosse embora logo.

Carl puxou a sua camiseta preta de manga curta.

– Isso viria a calhar agora.

– É. – Jack deu um respiro profundo, concordou com a cabeça, deixou o ar sair devagarinho. – De qualquer jeito...

– Lembra da vez que o seu velho apareceu? Te deu uma surra no jardim da frente? A gente pensou que ele ia matar você. Um dos vizinhos até chamou a polícia.

– Eu devo ter bloqueado essa passagem na minha cabeça.

– É – Carl levantou uma sobrancelha –, foi muito legal a gente tomar conta de você, né?

Jack concordou com a cabeça, deu um sorriso tenso.

– Foi bom rever você, Carl. Qualquer dia desses a gente se cruza por aí.

– Olha, tem mais uma coisa. – Os olhos de Carl brilharam como vidro molhado e se fixaram nos de Jack. – Tem chance de eu conseguir emprestada a lata velha?

– O Toyota?

– É.

– Bem...

– É que eu preciso de um carro por uns dias. Na verdade, três ou quatro.

– Quando?

– Preciso dele esta noite mesmo. Sabe o que eu estou querendo dizer?

– Na verdade, não.

– Olha. Sei que é um pedido. Mas é que eu preciso de um carro para trabalhar. A minha van enguiçou, estou duro e não posso consertá-la. Eu tenho coisas urgentes para fazer. Estou numa pindaíba de dar gosto. Pode quebrar o meu galho?

Jack ficou mexendo na correspondência que estava segurando. Sentiu na hora o que era estar na pindaíba.

– Quero dizer que... era o carro da minha mãe – insistiu Carl.

Um casal passeava na rua de mãos dadas, as vozes alegres, contentes. Carl se virou para olhar os dois. Jack se lembrou de que o primo tinha sido um garoto quieto, calado, nervoso e propenso a gaguejar. Na maioria das vezes, com uma cara de ódio. Mas ele tinha perdido o pai quando era bem novo. E agora era a mãe dele que tinha partido também. O cara estava quase entrando em depressão. Como é que Jack poderia dizer não?

Começou a tirar a chave do Toyota do seu chaveiro.

– Toma aqui.

– Muito obrigado, tô precisando mesmo.

– Sem problema.

Carl estendeu a mão. Um calo saliente corria na base de seus dedos, como se ele talvez tivesse passado o dia puxando corda ou tentando soltar porcas com uma chave inglesa. Jack deu a chave para ele, imaginando o que Carl fazia consigo mesmo.

– Eu devolvo o carro são e salvo em poucos dias.

– Claro – respondeu Jack. Cumprimentaram-se. – Vejo você, então.

Carl desceu a rua. Jack ficou observando-o e então esperou até ouvir o barulho da partida do Toyota. Ele estava com um

pressentimento de que Carl o tinha enganado, mas tentou não ficar pensando nisso.

Lois surgiu da escuridão do corredor do edifício na hora em que Jack enfiou a chave na porta. Subiu em suas canelas, miou, enrolou-se em suas pernas e miou um pouco mais. A gata olhou para ele. Jack se abaixou e fez carinho na parte de trás dela.

– Foi um dia longo, meu amor. Guardou alguma coisa do jantar para mim?

Fechado o dia todo, o apartamento estava um forno e com forte cheiro de mofo. Exalava umidade. Lois correu até a cozinha e ficou esperando ao lado da sua tigela. Jack jogou a correspondência em cima da mesa de café, achou o controle remoto do aparelho de som e apertou o *play*. *Mingus Ah Um, 1959*. Pulou para a faixa dois: *Goodbye Pork Pie Hat*.

Quando a música começou, foi procurar por um cigarro perdido, esquecido, no sofá. Até uma guimba servia. Mas nada. Começou a procurar debaixo dos móveis. Duas esferográficas e muita poeira. E só. Foi checar no quarto, no armário, nas roupas, até no banheiro. Lois miava impacientemente na cozinha.

Jack abriu mais umas gavetas, procurou nas prateleiras dos livros. Zero. Ele sabia que não tinha nem um tiquinho de tabaco em casa. Tinha destruído e jogado fora tudo na véspera: cigarros, isqueiros, fósforos. Então, que diabos estava fazendo?

Lois miou da cozinha de novo, encarando-o. Ela tinha mudado seu estilo recentemente, mas só agora que ele tinha percebido isso. Uma certa insolência. Nada de sofisticação europeia, porém, uma ardente confiança americana. Adeus, Marlene Dietrich, bem-vinda Veronica Lake.

A orelha esquerda caía tapando o olho, quase como uma onda. Ela não andava mais para qualquer lugar, na verdade, deslizava, sem pressa, um pouco esquiva. Quando ela oferecesse bourbon para você, uma hora antes do 12h, podia estar certo de que ela já havia quebrado a garrafa. E sua nova filosofia de vida? Resumida numa

frase e você podia ler na cara dela, a qualquer hora do dia ou da noite: *Ei, cara, você acha que eu me importo?*

Jack deu comida para ela e abriu uma garrafa de vinho, a última de uma caixa de merlot de 5 dólares que tinha comprado uma semana antes. Rascante e cheio de farpinhas. Serviu-se de um copo, achou uma caderneta e uma caneta, pegou o bloco de contas, sentou-se, então, em sua poltrona Eames. Quando o couro rangeu, ele se lembrou da venda de garagem alguns anos antes, quando o camarada disse:

– Setenta e cinco dólares. É uma ótima cadeira.

E ele tinha respondido:

– Ok, feito.

Talvez aquilo tenha acontecido caso ele viesse a precisar dela em um momento ruim. Será que ele podia se separar dela e levantar algum dinheiro? Será que tinha que fazer isso? Ficou ouvindo a música e esqueceu os problemas. Provavelmente estava na hora de apreciar os detalhes.

Um dólar a mais ou a menos, pouco importava, Jack devia cerca de 32 dólares. Contas, cartões de crédito, pagamentos enormes, o aluguel atrasado, entre muitas outras coisas. No banco, ele tinha exatamente 2,49 dólares. Retirar esse dinheiro do caixa eletrônico lhe custaria 1,50 dólares. Todas as páginas de economia e finanças dos jornais alertavam que não era um bom momento para se mexer nos investimentos. Por isso, desistiu daquela fortuna na hora.

Havia 93,85 dólares na boia de salvação na Susko Books. O negócio tinha caído dos já magros 213,45 dólares para 95 dólares na semana anterior. E, disso, Jack tinha que subtrair aluguel, luz, concertos, compras para a casa, trocadinhos para o dia a dia e, agora que Carl tinha levado o Toyota, para as passagens de ônibus. Nem precisava de uma calculadora. Sabia mais do que perfeitamente o quanto ele não tinha.

Ele precisava mesmo da grana de de Groot.

Jack jogou no chão a caderneta, as contas e pegou a *Time* que tinha sido colocada errada na sua caixa. Leu a etiqueta de endereço: era de alguém chamado Gavin Porter.

Rasgou o plástico protetor, abriu a revista, bebeu um gole do vinho. *Desculpe, Gav, eu te pago depois.*
Quando for pagar todo mundo.

5

MANHÃ DE SÁBADO. A CIDADE já estava quente, barulhenta e ocupada. Jack atravessou a York Street, em frente ao Queen Victoria Building, e desceu os degraus até a Susko Books, o quartel-general de seu império global de sebos e que até agora não havia conseguido abrir uma filial. Depois do vinho que tomou de noite, em sua cabeça parecia que alguém tinha trocado seu cérebro por uma bala de canhão pequena, recém-atirada.

A sex shop que ficava na parte de cima ainda estava com as suas grades abaixadas, escondida atrás de sua fachada amarelo brilhante. Deepak, o dono, dirigia uma empresa de limpeza de escritórios de manhã e só a abria depois das 12h; ele também era DJ nos fins de semana e sócio de um restaurante indiano em Pennant Hills. O cara era obcecado com sua ambição de ter 1 milhão de dólares antes dos 30 anos. Até tinha tentado comprar a Susko Books. Agora, pelo menos, com o dinheiro de de Groot a caminho, Jack podia dizer não para Deepak e voltar à sua leitura anual de verão de *A ilha do tesouro*.

Ele abriu a porta da frente e andou em meio aos livros que ocupavam a silenciosa tranquilidade das estantes, esperando para serem comprados, lidos e amados. Não tinha ar-condicionado, mas, com o chão, as paredes e o teto de concreto, o lugar era mais do que suportável durante o verão. Fechou a porta atrás de si, colocou as chaves, os óculos escuros e sua mochila no balcão. Então, colocou um CD em seu aparelho de som. *Somethin' Else*, de Cannonball Adderley. Apertou o *play* e a melodia de "Autumn Leaves" tomou conta do ambiente com sua abertura que era uma explosão dos metais. Quando Miles disse "oi" com seu trompete, Jack acendeu as luzes. Decidiu fazer uma limpeza.

A manhã passou normalmente: algumas vendas decentes e até uma garota bonita passara meia hora namorando as estantes de livros de ficção. Antes de ela ir embora, bateram um papo ótimo sobre Virginia Woolf. Jack admitiu jamais ter lido nada dela, mas não confessou que havia tentado *Ao farol* e fracassado. Ele nunca ia a lugar algum que fosse muito doloroso para voltar. Mas a garota disse que ele tinha que ler algo de Virginia Woolf e Jack respondeu que certamente leria. Tinha muitos livros dela no estoque. Podia até começar a ler hoje.

Às 11h vieram e se foram. Jack folheou algumas páginas de *Orlando*. Já era 13h30 e nada de Richard de Groot. Tentou *As Ondas*, mas o seu fluxo de consciência não era páreo para a imagem de um belo cheque nominal ou de um envelope branco cheio de notas de 100 dólares. Assim, Virginia voltou para a estante e Jack começou a discar os números do telefone.

Não teve resposta alguma do celular de de Groot, a chamada caía direto na caixa postal:

– Oi, Richard, aqui é Jack Susko. Talvez tenha esquecido de nosso compromisso e não veio me ver. Talvez você devesse se lembrar.

Na galeria, o mesmo silêncio. A feliz manhã de Jack estava se transformando em um começo de tarde desagradável. Pegou a lista telefônica debaixo do balcão e encontrou *de Groot*: havia quinze mas nenhum deles tinha a inicial “R”. De qualquer maneira, Jack ligou para todos. Nada. Assim que sua ressaca melhorou, uma nova dor de cabeça começou a atacá-lo. Parecia que a volta aos cigarros estava prestes a acontecer e Jack tinha um forte sentimento de que o júri não ia demorar a chegar a seu veredito.

A porta da frente se abriu. Um homem alto, magro e de barba, com cabelos compridos e oleosos. Usava uma velha camiseta branca sem mangas com algumas manchas amarelas de comida na altura do pescoço. E jeans desbotados. Estava descalço. Os braços dele eram compridos, finos e tatuados. Seus pés suados faziam um ruído úmido e de algo sendo descascado enquanto ele caminhava pelo chão de concreto encerado em direção ao balcão. Jack deu um suspiro e esperou pelo inevitável. *Não tenho dinheiro para passagens de ônibus e eu tenho que ir até Blue Mountains hoje à*

noite. O cara tinha escolhido uma péssima tarde para tentar alguma caridade da Susko Books.

– Oi – disse ele sorrindo.

Jack balançou a cabeça em resposta. Os dentes do cara fizeram se lembrar de que ele precisava de uma visita ao dentista para um *checkup*.

– Bem, olha, isso pode ser um tiro no escuro, mas, bem, por acaso você teria alguns, como dizer, livros de referência sobre cultos e grupos religiosos, sabe, coisas desse gênero?

A voz do cara era nervosa, mas não parecia muito louca, apesar do assunto. Jack coçou a palma da mão esquerda, pensando.

– Talvez tenha – respondeu.

– Legal!

Jack foi até a estante e ficou lendo as lombadas dos livros: *Confessions of a sinner*, de Santo Agostinho, *A light that is shining*, de Harvey Gillman, *The heart of christianity*, de Marcus. J. Borg, *Joan of Arc in her own words*, *Roman and european mythology*, editado por Yves Bonnefoy, *Zen in the art of archery*, de Eugen Herrigel, *When the day is done*, de Filippo de Tomasi. Muitos deles já moravam ali há muito tempo.

Jack foi procurar em outra prateleira e achou o que estava procurando. Pegou um grande livro amarelo de capa mole, uma publicação muito feia e difícil, feita em condições precárias, que ele tinha comprado numa venda de garagem há algumas semanas somente em Gladesville: *Dictionary of sects, heresies, ecclesiastical parties and school of religious thoughts*, de John Henry Blunt. Era um fac-símile barato da edição original de 1874, mas mantendo os adoráveis tipos de letra antiga. Antes de passá-lo para o homem, Jack não resistiu, folheou, abriu em uma página e deu uma olhada. Parou na página 114.

COTOPITES, or COTOPHITHAE. Nome africano para Circunceilões. Provavelmente equivalente ao latim "agrestes", rústicos, vagabundos. [Isidore, *Origg*, viii, 5, 53. Honourous. Aug. *de Hoeres*. 69.]

– Pode ser isso aqui – Jack passou o livro.

O homem olhou para ele com avidez. Seus olhos passaram rapidamente pelo pequeno e compacto texto. Foi então para as páginas finais e passou um dedo imundo pela letra W.

– Ah! Os Waldensianos. Perfeito – leu por alguns instantes e então devolveu o livro para Jack. – Vou levar.

– Ok. – Jack verificou o preço que ele havia escrito a lápis na primeira página com o título. – Não é barato – informou. – Na verdade, muito difícil de conseguir.

– Tá bem.

– Cinquenta dólares.

– Uaaaauuuuu! – O cara balançou a cabeça, levantou as sobrancelhas e as sombras do desapontamento ficaram evidentes em sua expressão. – Nossa.

Por alguma razão, naquele momento, Jack resolveu não querer o dinheiro do homem. Sua dose de “bondade humana” estava bem no fim, porém ele deu uma sacudida e ouviu os barulhinhos do que ainda lhe restava. Podia acabar com este resto. O que mais ele poderia fazer com a porra do quase nada que havia sobrado? Foi para trás do balcão, colocou o livro em um envelope pardo e o entregou para o cara alto, magro e descalço. Aqueles 50 dólares seriam de tanta serventia para as finanças dele quanto um cubo de gelo para um vulcão em erupção.

Penteou seu cabelo para trás com a mão.

– Quanto é que você tem?

– Bem, sabe, uns 10 dólares, acho.

– Fechado.

– Verdade?

– Verdade. Pode levar.

O homem sorriu, um pouco confuso, mas balançou a cabeça ainda mais.

– Cara, obrigado pra caralho! Isso foi muito legal! – Meteu a mão no seu bolso: os jeans pretos caíam abaixo de seus quadris de garoto. Aí, passou uma nota toda amarrotada.

– Obrigado mesmo, cara!

Jack viu o garoto ir embora. Possivelmente, o universo tinha anotado essa sua boa ação.

Richard de Groot permaneceu incomunicável o resto do dia. Não apareceu na Susko Books, não telefonou nem mandou mensagem de texto. Nem e-mail. Nadinha. Nem tampouco mandou um representante autorizado para acertar o acordo dele com Jack. Em sua volta para casa, o universo não deixou cair qualquer carteira sem identificação ou sacolas de dinheiro não rastreável por ser ligado a drogas no caminho de Jack. Nenhum bilhete de loteria vitorioso jogado fora sem querer. Nem mesmo um maço de cigarros. Talvez o universo estivesse muito ocupado.

6

VISTA DA RUA, A *RAY Campbell Art + Books + Catalogues* parecia fechada há algum tempo. As vidraças da janela da frente da loja eram todas pintadas com uma fina camada de tinta branca e a pequena reentrância que levava à porta da frente estava tomada por panfletos e folhetos de propaganda espalhados, além de alguns jornais velhos que nem tinham sido lidos, tudo isso perturbado somente pelo vento ou por bêbados noturnos à procura de um lugar para mijar. Isso tudo não dava a mínima indicação de que lá dentro estava mais para a sala de leitura da British Library do que para áreas vazias e abandonadas caindo aos pedaços.

Jack amava isso na Ray. Estar lá. Sempre fora um desejo seu trabalhar para Ray, mas este não dava a devida importância aos negócios. Preferia ficar sentado, lendo – e isso sempre fora uma ação de homens solitários. Jack havia fundado a sua Susko Books com o mesmo objetivo: embora longe do mesmo resultado. Mas o que é que ele podia fazer? Um bom estoque significava dinheiro. E dos bons. A *Ray Campbell + Art + Books + Catalogues* tinha se erguido com uma quantidade de livros altamente colecionáveis, de capa dura, muitas de couro, do túmulo da sua família. Ray tinha herdado algumas preciosas belezas raras e tudo o que tinha a fazer era vendê-las e, com isso, ele poderia se permitir uma vida tranquila com a leitura de todas as que sobravam. A herança de Jack se constituía principalmente de álbuns cheios de fotos desbotadas tiradas com polaroides e um bando de memórias desagradáveis. E era possível encontrar algo parecido com esse tipo de coisa em qualquer venda de garagem em que você desse uma olhada.

Ray Campbell era o único verdadeiro excêntrico que Jack havia conhecido. Com o seu velho patrão, Brandon MacAllister, fora em uma viagem à Nova Zelândia com a mulher, Ray era o porto seguro

de Jack, a sua fonte de conhecimento sobre tudo que você jamais havia lido em um jornal. Jack tinha esperança de que Ray soubesse alguma coisa sobre Richard de Groot.

O calor e a umidade da tarde daquele domingo tinha enchido a loja de Ray na Victoria Street, em Darlinghurst, daquele bolor espesso, que quase podia ser retirado com um aspirador de pó. Jack entrou e respirou o perfume da poeira do tempo que lá estava. O passado em milhares de matizes de marrom. Prateleiras e mesas cheias de primeiras edições raras, cartões postais únicos ilustrados à mão, livros de artistas de edições limitadas, catálogos assinados, gravuras, pinturas, estampas, fotografias e esculturas. Pequenos enfeites em todo canto, como migalhas de pão numa mesa de jantar: soldadinhos de chumbo e carros, caixas de fósforo e velhos cartões postais. O mundo inteiro trazido ali para dentro fazendo com que Ray não precisasse sair.

No aparelho de som, os *Souvenirs d'Andalousie*, de Gottschalk, brilhante, festivo, calmo.

– Raymond.

– Oh, Jack! Que bom te ver, amigo!

– Você parece ótimo, confortável, preparando-se para um cruzeiro.

– Não estou me preparando não, Jack – respondeu Ray, o seu rosto normalmente pálido bem vermelho por causa da bebida. Já estou *no cruzeiro*.

– Claro, claro. Mil desculpas.

Raymond estava reclinado numa cadeira de jardim de madeira. Sobre sua cabeça, um guarda-sol com listras nas cores vermelho, branco e azul, colocado de forma levemente angulada. Estava sentado, bem fundo, no assento de lona, os joelhos altos, uma perna comprida e fina cruzada sobre a outra, um drinque verde-claro na mão esquerda. Estava de camisa amarela, aberta na altura do pescoço, com punhos e colarinho brancos, como brancos eram os suspensórios sobre seus ombros estreitos e caídos, as calças também eram brancas, sapatos de duas cores e meias amarelo-ovo.

– Oh, Jack, meu amigo. Eu estou tão desacostumado a surpresas agradáveis – falou quando começou a lutar para se levantar da cadeira. – Venha cá! Me dê um abraço.

Jack deu um sorriso. Ray derramou seu drinque pelo chão e abriu os braços. Eles se abraçaram com força, pontuando a afeição mútua com alguns tapas camarada em suas costas. Mas Jack não bateu muito forte: estava surpreso em sentir em seus braços como Ray estava magro e frágil. A velha idade tinha calmamente invadido seu amigo desde a última vez em que tinham se visto.

– Uma margarita? – perguntou Ray.

– O que aconteceu com o bom e velho malte?

– Estou num momento latino. Na verdade, essa semana inteira. Não percebeu a música? – Balançou duas maracás imaginárias.

– Acabei de ler a *Historia verdadera de la conquista de la nueva España*, de Bernal Diaz de Castillo. Também revisei Lorca e Neruda. Sem falar de Elizabeth Bishop, de sua época na América do Sul. Ela é deslumbrante. A melhor.

Ele se abaixou até o chão, ao lado da cadeira, e deu um livro para Jack.

– Aqui. Pra você.

– Você não tem que me dar livros.

– Mas eu quero. Tome. É uma primeira edição adorável. Era do meu tio Pete. Acho que ele nunca leu. Mas *você* deve ler.

Jack folheou o livro, concordou com a cabeça. Então levantou os olhos e disse:

– Será que podia me emprestar algum dinheiro também?

Ray balançou a cabeça.

– Ah, Jack.

– Esse foi um daqueles meses.

– Eu sei – sorriu simpaticamente. – Quanto?

– Quinhentos?

– Sem problema. Agora, vamos beber um pouco. Acho que você está precisando de um pouco mais de tequila na sua mistura. Você parece aborrecido, Jack. Três partes para uma! Vai ficar ótimo.

Ray foi até a mesa de mogno que servia de balcão e expositor de livros.

– Estou ficando especialista nisso.

– Não duvido.

– E olhe que só comecei hoje de manhã.

Jack observou Ray preparando as margaritas. Pôs a tampa na coqueteleira e a agitou cinco vezes. Serviu os drinques e deu um para Jack.

– Para a solidão compensada pela conversa.

– Saúde!

– E sexo, é claro! – Ray voltou a andar até a cadeira para se sentar. – Incrível que, mesmo com a minha idade, isso não sai da minha cabeça.

Jack se encostou na beira da mesa e bebeu. O limão frio e a porção de tequila estavam valendo o dinheiro.

– Você precisa sair mais.

– E estragar a minha imaginação? – Ray balançou a cabeça. – Não, não e não... – Ele sorveu seu próprio drink. – Aliás, por falar em imaginações estreitas, o catálogo Xanadu estava legal?

– Estava. Era exatamente aquele.

– Meu Deus! Maldito Sr. Xanadu! Chegou a encontrá-lo? Um homem tão insuportável. Que total falta de talento! Chegou a dar uma olhada no catálogo?

– Dei.

– Não vá me dizer que gostou!

Jack riu, tomou mais um gole de sua margarita.

– Que tal os de Groot? Sabe alguma coisa deles?

– Bem, sei agora que não têm o menor bom gosto.

– Era para um cliente.

– Porra! Com que espécie de gente eles trabalham?

Jack levantou seu copo, viu o brilho da luz através do verde da margarita.

– Comigo.

– Essa empresa, no momento, está fora de minhas observações depreciativas, é claro. – Ray levantou as sobrancelhas. – Estão precisando de algum outro catálogo?

– Não. É outra coisa. – Jack deu uma pausa. – Nós acertamos um pequeno negócio. Uma espécie de troca. E agora o marido me deve algum dinheiro e ele está adiando o pagamento.

Ray olhou pensativamente para Jack.

– Certo. Interessante. Eu devo perguntar?

– Talvez mais tarde.

– Ok. Ótimo. Então, você está perguntando se os de Groot têm a fama de maus devedores? Bem, não posso dizer que tenha ouvido alguma coisa *nesse sentido*.

– Mais alguma coisa?

– Sei que eles deixaram a África do Sul nos anos 1980, como outros cheios de dinheiro, e vieram para a Austrália, fugindo com o dinheiro antes que o apartheid desmoronasse de vez. E creio que, aqui, depois, Richard de Groot continuou a fazer ainda mais dinheiro.

– Com o quê?

– Negócios. Não tenho a menor ideia. Você sabe muito bem a importância que dou para o mundo das corporações, Jack.

– E quanto à galeria?

Um meio sorriso se desenhou no canto da boca de Ray.

– Um presente de compensação para a esposa.

Jack ficou parado com o copo de margarita perto da boca.

– Richard é um garoto sacana?

– Aparentemente sim. Um apetite insaciável por *putas* novinhas, fresquinhas, pelo que eu soube.

– Certo. – Jack se lembrou do rosto tenso e cansado de Rhonda, de seu ar esquentado.

– Ele é um puto de um bastardo – disse. – Deve ser o dinheiro.

– Na verdade, houve um incidente, não há muito tempo – Ray falou. – A polícia foi chamada na casa deles. Ela jogou alguma coisa nele, ele tentou acalmá-la, essas coisas. Olhos roxos e vasos quebrados. E nem foi a primeira vez.

– Ele é desses que bate em mulher?

– Mas ela dá motivo. Já tacou fogo no carro dele em plena rua uma vez. O boato era que tinha sido a máfia russa, mas as pessoas sabem.

– Como *você* sabe?

Ray deu uma risada.

– Você conheceu o Max lá na galeria? Ele é um velho amigo do Vietnã.

– Sei. – Jack concordou com a cabeça. Ficou exercitando sua imaginação como se estivesse com cartas de baralho nas mãos e pensando no que jogar. Então, falou:

– Me diz uma coisa. Por que você não chamaria a polícia se algo tivesse sido roubado do seu cofre?

– Roubaram alguma coisa do cofre da De Groot Galleries?

– Só entre nós dois.

Ray franziu as sobrancelhas.

– Jack, você não está metido em alguma coisa idiota, está? – Sua voz era firme, mas preocupada. – Não quero ficar emprestando dinheiro e incentivando você a se meter em problemas.

– Não precisa ficar preocupado, Ray. – Jack largou sua margarita na mesa.

– Não acredito em você.

– Pode responder a minha pergunta?

A cadeira rangeu quando Ray se ajeitou nela.

– Bem, a conclusão óbvia é que a coisa roubada pode ter sido algo escondido, escuso. Algo não declarado, comprado com dinheiro vivo, esse tipo de coisa. Embora, eu só esteja raciocinando em cima do que aconteceu, uma galeria de arte especializada em obras contemporâneas tem muito poucas oportunidades e é um lugar pouco favorável, vamos dizer assim, para servir para fraudes financeiras.

– Ao contrário de você.

– Está insinuando que eu sou um sonegador de impostos? – Ray levantou imediatamente a mão. – Não responda. – Deu mais um gole em seu drinque. – Mas sim, se você quiser saber. Eu tenho tantas oportunidades para... *esquecer* por quanto eu vendi alguma coisa. Uma galeria de arte contemporânea, contudo, tem que trabalhar valorizando os perfis de seus artistas e os seus trabalhos, bem, mostrando isso nas vendas que faz. Uma galeria dessas vive e respira publicidade.

Jack se lembrou do homem com o revólver examinando os objetos guardados no cofre.

– Mas essas obras não estariam, em sua maioria, nas paredes ou em colunas ou guardadas no fundo da galeria?

– Concordo, mas...

– Talvez tudo o que aconteceu nada tivesse a ver com a galeria – Jack disse, mais para si mesmo.

Ray fez um movimento com a sua mão livre.

– Então poderia ser qualquer coisa.

Jack concordou com a cabeça, soltando a respiração.

– Como é que você sabe que alguma coisa foi tirada do cofre da De Groot Galleries?

– Um grande golpe de sorte de merda.

– Entendi. A gente não gosta mesmo desses. – Ray conseguiu se erguer mais facilmente da cadeira. Apontou para o copo vazio de Jack. – Mais um pouco?

– Obrigado. – Apesar de suas preocupações financeiras e do problema de Richard de Groot, o drinque estava relaxando a tensão de seu pescoço e de seus ombros. – Cigarro, Ray? – perguntou.

– Infelizmente, não. Proibido pelo médico. Parece que os meus pulmões são como os do diabo de um passarinho com asma.

– Ninguém mais fuma.

– Nós atualmente sabemos demais, Jack. Não somos mais livres para brincar escondidos com a bendita ignorância. – Balançou a cabeça. – Agora, vivemos num mundo onde não ser saudável é visto como um crime contra a humanidade.

Jack pegou uma revista masculina que estava na mesa onde Ray preparava as margaritas. O que vestir, aonde ir, quem ler, o que dirigir, como parecer. Ficou folheando, distraído. Cavalheiros não fumantes, de saúde mais do que perfeita, muito bem-vestidos.

– Para as fotos? – perguntou, virando uma página.

– Um cliente esqueceu aqui. – Ray martelou o ar durante alguns segundos com a coqueteleira. O gelo todo quebradinho soava tão tranquilizante e agradável que Jack imaginou se Ray tinha outra cadeira igual àquela. Beber margaritas durante o resto de uma tarde quente de domingo parecia uma ideia maravilhosa. Melhor do que ficar sentado sozinho, ruminando suas preocupações.

Ray serviu os drinques e deu um para Jack.

– Saúde.

Quando Jack tirou os olhos da revista e os dirigiu para o drinque na mão de Ray, um rosto na página que ele estava olhando provocou um estalo em sua cabeça. Só a vibração de uma luz muda, mais nada. Mas olhou de volta para o rosto. Alguma engrenagem de seu cérebro se moveu rapidamente. Os dentes se encaixaram. E, então, as rodas andaram e as correntes começaram a fazer barulho. Jack soube que tinha reconhecido o cara. Na verdade, ele o tinha visto exatamente na última sexta-feira: a única diferença é que ele estava usando uma máscara no lugar do terno da foto.

– Desculpe, Ray. – Jack pegou a margarita dele e a tomou em um só gole. Devolveu o copo. – Tenho que ir. Por acaso, você tem, em algum lugar aqui, uma lista telefônica?

7

O NÚMERO DA CASA ERA 279. A fachada era suja, de um azul pálido com manchas de um cinza mais do que gasto, como se o pintor tivesse ficado com preguiça de fazer o serviço todo, de acabar com o revestimento interno, talvez percebendo que de nada adiantaria o seu trabalho para melhorar o lugar. O balcão parecia uma caixa de plástico toda enrugada, um pouco mais escura do que o azul da fachada, e as janelas eram protegidas com o que parecia ser uns lençóis de um verde desbotado. Eles caíam de forma desengonçada em um ângulo estranho, como se a casa tivesse sofrido um derrame.

Jack entrou pelo portão da frente, descendo um pequeno caminho de concreto todo quebrado, e depois subiu dois degraus de madeira que davam em uma varanda pequena, que estalava sem parar. Ervas daninhas cresciam através do piso. Bateu na porta.

Um ou dois segundos depois, uma voz:

– Só um minutinho!

Era a voz de uma mulher. Jack esperou e então ouviu passos lá dentro da casa, aumentando à medida que se aproximavam pelo piso de madeira. A porta se abriu.

– Oi. Em que posso ajudar?

Ela era alta, do tipo bem magra. Seus cabelos curtos eram de um louro quase branco, com uma franja juvenil saindo de um boné preto. Sobrancelhas escuras e olhos castanhos também escuros. Uma boca pequena com lábios carnudos pintados de vermelho. Uma pele clara com uma nuvem de sardas nas bochechas. Um sorriso agradável.

– O Shane está? – perguntou Jack.

– Desculpa, mas ele saiu – ela respondeu. – Acho que só volta na quinta ou na sexta.

Ela vestia uma camiseta rosa desbotado, alguma coisa escrita nela em preto, impressa no meio de um círculo liso: *Partido del Slumber, Sevilla, 1987*. Bermudas jeans cortadas bem curtas, mostrando um par de pernas esguio e bronzeado, e tênis Converse enfeitado com laços dourados. Isso com uma bolsa vermelha brilhante pendurada no ombro, com um enorme pregador dourado como os laços do tênis. A bolsa cruzava a parte da frente do corpo dela por uma correia longa e fina. Jack poderia ter dito que era uma estudante universitária, mas ela era mais velha do que isso: talvez nos seus 30 e poucos anos. E ela tinha estilo. Jack percebeu que confiança era algo que não lhe faltava.

– Estou de saída – disse ela. – Posso ajudar em alguma coisa? Anotar um recado?

Jack pensou em alguns possíveis recados, mas não quis causar má impressão na mulher.

– Não, tudo certo, sem problemas. Eu volto a procurar depois.

– Claro. – Ela deu um passo para fora e puxou a porta para fechá-la. A fechadura estalou alto. Ela lhe estendeu a mão.

– Ah, sou a Kim.

– Jack Susko.

Cumprimentaram-se.

– Kim *Archer* – ela completou com uma pequena mesura e sorriu novamente. Passou por ele e Jack foi atrás dela até o portão da frente. Na rua, parou e apontou.

– Vou por ali.

– Eu também.

Começaram a andar. Jack sentiu o cheiro do perfume que ela usava, alguma coisa floral, mas sofisticada: não tinha nada a ver com o short jeans que usava e ainda assim combinava muito com ela.

– Shane está na China. Fazendo uma propaganda de cerveja.

– É mesmo?

Kim percebeu a surpresa de Jack.

– É, eu sei. Enfim, consegui um trabalho pago! – Ajeitou a franja.

– Mas ele se esforça sempre, coitado.

– Quando é que ele foi?

– Semana passada, hum... Quarta? Quinta? Que dia é hoje? – Kim deu uma gargalhada.

– Domingo. – Jack franziu as sobrancelhas, pensativo.

– Ele é um velho amigo seu?

– É, de uma certa forma – disse, pensando onde Shane poderia realmente estar. – Antigo companheiro de apartamento. Queria dar um alô para ele.

– Ah, você é um sortudo – ela brincou. – O que é que ele fez?

– Como assim?

– Contas enormes a pagar? Nunca devolveu sua jaqueta favorita? Ou pediu o seu carro emprestado e você conseguiu mais pontos na sua carteira e uma multa por excesso de velocidade?

Jack deu um sorriso.

– Então ele também deve dinheiro a você?

– Só dois meses de aluguel. E nem quero falar sobre a conta do telefone.

– Nossa!

– Isso mesmo, nem me fale! Ele prometeu acertar tudo logo que chegar da China. Parece que agora ele está bem de dinheiro. Além disso, estou me mudando e precisando do dinheiro. E se ele não me pagar, eu mato ele. Bem devagarinho.

– Você mora com ele há muito tempo?

– Mais ou menos há um ano, algo por aí.

– E ele continua a ser ator?

– Bem, ele, na verdade, finge ser ator. – Havia um toque de aborrecimento, mas ela se livrou dele rapidamente, como se sentisse culpada por sentir isso. – O que ele faz mesmo é trabalho de modelo. E ele é bom nisso. Fica lá parado, lindo, mudo. – Sorriu e virou os olhos brilhantes para Jack.

– Será que eu descrevi direito o homem perfeito?

– Esqueceu de dizer *e tem dinheiro*.

– Ah, merda! Sabe que isso sempre acontece comigo. Eu nunca me lembro de tudo que tem numa lista. E acabo sempre ficando com homens cheios de defeitos e aí fico pensando porque as coisas nunca dão certo.

– Na próxima vez, pense só no Shane, então.

– É isso que eu devia fazer. Só que Shane pensa tanto nele mesmo que eu ia odiar estragar o mundo fazendo a mesma coisa.

– Parece que você está mesmo decidida a mudar.

Kim suspirou.

– Ah, até que ele é legal. Só que custa caro às vezes. Inclusive falei para ele que se me perguntasse de novo se era parecido com o Brad Pitt, eu ia raspar as pestanas dele quando ele estivesse dormindo.

Jack se lembrou da covinha no queixo, dos olhos azuis, dos cabelos curtos castanhos alourados e do elástico de sua cueca Calvin Klein sempre aparecendo acima de um cinto solto.

– Ele continua a conhecer *Deus e o mundo*?

– Mais de um milhão de pessoas e o número continua aumentando. Ele tem sempre que telefonar para eles o tempo todo. Certamente, alguém ainda vai ajudar o Shane a entrar no mundo do cinema.

Jack ficou pensando se o que tinha acontecido na última sexta-feira seria trabalho de pesquisa para um papel.

– Morou com ele muito tempo? – Kim perguntou.

– Só uns dois meses, há muitos anos. Estava mudando de casa e alguém me recomendou Shane como um hóspede mais que perfeito.

– Que mentira!

– Bem grande!

Um telefone celular começou a tocar na bolsa de Kim. Ela parou e o pegou.

– Desculpe – ela disse, verificando o número no visor. – Vou ter que atender esse.

– Sem problema.

Botou o celular no ouvido e voltou a andar.

– Oi, estou a caminho... Dez minutos... É... É! O que, o quê?... Não seja tão imbecil...

Enquanto Kim falava, chegaram a um sinal num cruzamento. Jack indicou que ia virar à direita. Ela fez um sinal para ele esperar. Ao celular, disse:

– Só um segundinho, querida. Tenho que dar até logo para uma pessoa.

Afastou o celular do ouvido.

– Foi ótimo conhecer você, Jack – ela falou de um jeito bem simpático. Então, aproximou-se dele e deu um beijo em seu rosto.

Isso deixou Jack surpreso.

– É, também adorei te conhecer.

– Ele deve estar de volta no final da semana. Fique à vontade e apareça.

– Apareço sim. Obrigado.

– Tchau.

Ela foi embora. O celular de volta ao ouvido e Jack viu Kim sorrir quando voltou à conversa dela:

– Não, não! Só um velho companheiro de apartamento do Shane...

Quando se dirigiu para rua, Jack deu uma olhada para trás. Umas duas vezes. O que era algo esquisito porque Kim Archer nem fazia o tipo dele.

Andou. Na hora em que estava quase chegando em casa, o sentimento gostoso que Kim tinha inspirado já tinha quase sumido. Lá no alto, um avião tinha começado a desenhar palavras com fumaça no meio da neblina. Jack olhou, ficou assim, imaginando o quanto demoraria para o céu ser todo alugado para anúncios permanentes. Ele até ia poder, quem sabe, arranjar um cantinho para um da Susko Books. Algo como: *À venda. Estoque de livros usados. Todas as ofertas razoáveis serão consideradas. Até uma troca por um pouco de paz de espírito.*

8

JACK ESTAVA SENTADO EM SUA cadeira, arremessando uma pequena bola verde de borracha na parede atrás do balcão da Susko Books. Pensando. Esperando. A cabeça dele chegava a doer com isso. Seria muito mais saudável se estivesse simplesmente fumando.

As manhãs de segunda-feira eram sempre calmas. Normalmente, Jack aproveitava para ler. Tinha começado *A ilha do tesouro* de novo, como fazia anualmente, mas nem mesmo o velho e bom Robert Louis estava sendo capaz de distraí-lo de seus problemas. Ele se sentia preso, parado, de mãos atadas: incapaz de se comunicar com Richard de Groot e igualmente incapaz de fazer algo neste sentido.

Ficou em sua cadeira por mais de meia hora, cerca de quarenta minutos, pensando e repensando em sua tormenta pessoal e lançando a bolinha sem parar. Tentando imaginar o que de Groot poderia estar fazendo. Pensando em Shane Ferguson. Tentou de novo ler *A ilha do tesouro*.

Minha curiosidade, num certo sentido, era mais forte que o meu medo, pois eu não poderia mais ficar onde estava...

A porta da Susko Books se abriu com violência.

– Jack, como é que você está? Mil desculpas por meu atraso.

Era Richard de Groot.

Jack mal o reconheceu. Pôs o livro no balcão e ficou de pé. Foi-se aproximando lentamente. De Groot estava vestindo um boné azul com os dizeres *Kentucky Wildcats* na frente, e uma camiseta polo Ralph Lauren rosa bebê com a gola levantada. Bermudas três quartos irretocavelmente brancas. Mocassins de couro mole marrons, pernas bronzeadas em um estúdio, sem meia. No pulso, usava um relógio de ouro com a pulseira frouxa que parecia indicar simultaneamente as horas de três galáxias diferentes. Um homem

rico em um estilo casual. Do tipo que dizia: *pareço engraçado porque normalmente ando de paletó e gravata*. Entrou na livraria e foi até ao balcão.

– Oi, Richard – disse Jack. – Não está trabalhando hoje?

De Groot o ignorou completamente. Parou, colocando as mãos nos quadris. Seus olhos se estreitaram enquanto dava uma olhada em tudo. Era um homem pequeno, mas de grande atitude. Então olhou para trás, por cima de seus ombros, em direção à porta da frente e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

Pelo vidro, Jack viu outro homem. O cara era grande, o peito parecia uma muralha, os ombros largos que davam para carregar, sentadas, duas crianças em cada um. Estava com um terno cinza-claro e uma gravata branca. Tudo *muito justo*. Cabelo em estilo militar e óculos escuros: completamente parado, só olhando para o interior da loja. Segurava o pulso esquerdo com a mão direita, apoiando-se de forma casual em sua barriga. Balançou a cabeça em resposta a de Groot. Uma só vez, a boca fechada como se fosse uma linha reta. Parecia aborrecido. Jack ficou pensando se era porque ele não podia passar com facilidade pela porta.

– Que lugar agradável – de Groot disse, nem mesmo tentando fingir que acreditava no que tinha acabado de falar.

– Obrigado. Simpático o seu guarda-costas.

– Nós temos alguns negócios pendentes.

– Isso é uma declaração ou uma pergunta?

– Desculpe por não ter podido vir no sábado. Tive que voar por causa do fim de semana. Palm Beach.

– Detesto quando isso acontece. – Jack olhou firme para o capanga do lado de fora da porta. Permanecia imóvel.

– Bem – disse de Groot –, vamos resolver as coisas?

– Pode entrar no meu escritório – Jack falou, fazendo um gesto em direção ao balcão.

Richard de Groot pôs a mão no bolso procurando algo. Todo orgulhoso, com o rosto bem barbeado e bronzeado. Colocou um pequeno monte de notas no balcão. Prendeu-o firme com um elástico. – Melhor não deixar isso aí dando mole.

Eram cerca de 500 dólares. Pegar ou largar. Jack olhou para o dinheiro e depois para de Groot. Novamente, virou os olhos para o dinheiro. Estranhamente, não estava nem chocada, nem surpresa. Quando o olhar dele examinou bem a nota de cima, a situação ficou óbvia para ele, com uma certeza tediosa e nauseante.

– Quer contar?

Jack continuou mudo, olhando para o maço de dinheiro. Estava pensando em uma porção de coisas, embora, naquele momento específico, pensou que o homem louro todo musculoso ainda do lado de fora devia ter um forte sotaque escandinavo.

De Groot se inclinou levemente para frente, olhando por debaixo do seu boné.

– Oi? Tem alguém em casa?

Jack se virou na direção dele. Mas sem abrir a boca.

– Eu, pessoalmente, não reclamaria, Sr. Susko. Você ainda teve a sorte de eu me preocupar em aparecer. – Virou-se para sair. – Aproveite o presentinho.

Jack se mexeu e agarrou de Groot pelo braço. E o fez girar de forma ríspida.

– Não seja estúpido, Sr. Susko.

Richard de Groot olhou para o lugar onde Jack o tinha agarrado como se houvesse uma mancha ali agora.

– Eu odeio que toquem em mim.

– É melhor o senhor pegar a sua carteira.

– É mesmo? – De Groot deu um sorrisinho e balançou a cabeça.

Ouviram-se um barulho: era o punho de Jack dando uma porrada no meio da cara de de Groot, um soco ruidoso e perfeito de direita, limpo como a rajada leve da brisa do mar. Acontecera algo com Jack e ele tinha gostado. Pena que também sabia que era algo que ia passar rápido.

Antes que tudo terminasse, ele deu um chute em de Groot. O sul-africano se estatelou no chão.

A porta da frente se abriu. Sven, o Destruidor, finalmente entrou na Susko Books. Ou quem sabe era o próprio Thor, o Deus do trovão. Não tinha importância. O ar em volta dele faiscava de fúria.

De Groot tentava se levantar.

– Acabe com este veado.

O guarda-costas imaculadamente vestido de terno ainda estava de óculos escuros. Ele estava calmo, sem nenhuma expressão no rosto e foi surpreendentemente rápido. Veio por trás de Jack como um raio, apertou seu braço extremamente grosso em volta do pescoço de Jack e o puxou.

Jack agarrou o braço do guarda-costas com as duas mãos e começou a torcer um pouco, tentando se livrar dele: o efeito só pareceu fazer com que o aperto ficasse ainda mais forte. Uns segundos depois e o oxigênio deixou de entrar em seus pulmões. Mais outro segundo e os músculos de seu corpo começaram a afundar em uma espécie de ácido e ele sentiu como se seu rosto estivesse sendo arrancado de seu crânio.

– Filho da puta! – De Groot segurava um lenço em seu nariz que sangrava. Observou Jack lutando e xingou ainda mais. Piscava de tanta lágrima que escorria de seus olhos. Então, cuspiu um monte de sangue no chão da Susko Books.

– Segura ele!

Um foi bem no estômago. Doeu mais porque Jack não podia se contorcer depois do soco.

– O que é que você estava pensando, hein, Susko? Que eu ia mesmo te dar 20 mil dólares a troco de nada, por uma merda? – Aí deu outro soco para sentir mais prazer.

Jack gemeu. Pensou que o sujeito que o estava segurando começara a ler um livro naquele momento.

– Pois agora, nem isso você vai ter.

De Groot pegou o maço de dinheiro do balcão e o botou de novo no bolso. Balançou levemente a cabeça, ficou enxugando seu nariz coberto de sangue e deu uma longa olhada pela Susko Books.

– Vinte mil! Deus do céu! – disse, quase espantado. – Por quê? Por estar no lugar errado na hora errada? E como se isso tivesse sido culpa *minha*.

De Groot tentou respirar pelas narinas e recuou.

– Puta que pariu!

Voltou a cuspir no chão.

Uns ruídos saíam da garganta de Jack sem que ele estivesse tentando fazê-los. Como um balão molhado se esvaziando. Torceu para que as coisas não mudassem e não ficasse permanentemente com aquela careta no rosto. Só aumentaria ainda mais a lista de Jack, que se desenhava claramente pelo ódio gigantesco que tinha de Groot e da família dele, tanto por relações de sangue, casamento ou emprego.

Richard de Groot sacudiu a mão. O guarda-costas soltou o pescoço de Jack. Ele desabou no chão. Engoliu o ar fedorento da Susko Books como se fosse um copo de água de uma fonte puríssima e cheia de gelo.

– Vamos embora, Lewis.

Os dois homens se foram. Jack tentou gritar um insulto, mas a voz saiu fraquinha como um chiado. Lutou para ficar de pé. Quando tropeçou, ao tentar chegar na porta, a lógica e as leis da inferioridade física lhe disseram para ficar onde estava, parado, respirar lentamente e agir como morto, fingindo que nada daquilo havia acontecido, no caso de algo do mesmo gênero voltar a acontecer com ele logo, logo. Mas a adrenalina tomou conta dele. Subiu os degraus e chegou na porta no exato momento em que de Groot entrava no Maserati Quattroporte branco que estava estacionado em lugar proibido. Lewis se sentou no banco de trás, sempre com seus óculos escuros, a boca, uma linha rígida, o rosto, uma promessa de dor bem fria. Quando viu Jack pela janela, simplesmente fez um sinal com o dedo indicador: *Não se atreva!* Jack ouviu o motor se pôr em movimento. Alguém no assento do passageiro debruçou-se no colo de Richard de Groot e olhou para Jack. Foi por um breve instante, talvez nem isso, mas ele a viu.

Larissa.

Que merda era aquilo?

Jack jamais havia acreditado na velha história de como o mundo era pequeno. Para ele, o mundo sempre fora enorme. Mas, enquanto estava de pé na velha e suja York Street, ficou olhando o Maserati de Richard de Groot virar a esquina e suspeitou que ia mudar de opinião nos próximos minutos.

Levou três minutos e meio. E aí Jack teve a certeza: tudo estava conectado. A Terra era um grão de areia.

9

DUAS HORAS DEPOIS, ELA LIGOU.

– Oi, Jack.

– Srta. Larissa Tate. – Ele falou lentamente. – Estava pensando justamente em você.

Uma hesitação rápida.

– Como tem passado?

– Muito bem. E você?

– Ótima.

– Que bom.

– Como está indo a livraria?

– Igual a mim – Jack respondeu. – Sumindo em meio a um lento brilho de glória.

Nenhuma resposta.

– Você devia ter entrado com de Groot – ele continuou. – Ter dado uma olhada. Eu teria dado um desconto para você em um bom livro.

– Eu não sabia que era você.

– É mesmo? Até que momento? – As palavras saíram um pouco ferinas e altas. – Quando você leu o nome na porta?

– Não fique assim.

– Patrão ou amante?

– Ah, dá um tempo.

– Você primeiro.

Novamente, silêncio. Jack se lembrou do corpo dela, do cheiro da pele. Haviam se encontrado em uma festa no terraço de um edifício em Potts Point em fevereiro passado. Não era exatamente o tipo de gente com que Jack habitualmente convivia – jovens, bem-sucedidos e ricos –, mas uma antiga namorada o tinha convidado para acompanhá-la. No bar, Larissa lhe pedira um cigarro. Longos cabelos castanhos-claros, uma franja rigorosamente reta na altura dos olhos,

tudo cheio de fumaça e escuro. Era pequena, mas cheia de curvas, usava um vestido preto tomara que caia e saltos altos que marcava adoráveis linhas para cima e para baixo em suas pernas bem torneadas. Ela pagou o táxi para casa. Era engraçada. Jack não havia sido um “amante de brinquedo” antes e estava considerando um trabalho de tempo integral como um, quando, dois ou três meses mais tarde, ela desligou a tomada.

– Olhe, me desculpe – disse. – O que mais posso falar?

– De relações públicas de moda até sair com os caras fodões. Qual o seu trabalho? Ficar vigiando para ver se não vem nenhum guarda de trânsito?

– Já te disse. Não sabia que era você.

Jack franziu as sobrancelhas.

– Ok! Ótimo! Agora vai e fala para o seu patrão que eu quero o meu dinheiro.

– Não é tão simples assim.

– Dá uma volta até aqui e veja pelo meu lado.

– Acha que eu teria uma visão melhor? – O tom dela tinha ficado mais áspero.

– Só diz para o Richard de Groot que eu quero o meu dinheiro – Jack repetiu. – E vir com o capanga dele a tiracolo não vai me impedir de conseguir o que eu quero.

Larissa fez um barulhinho suave com a língua.

– Quanto é que o de Groot deve a você?

– Ora, vá! Chega dessa conversa mole.

– Conversa mole?

– Larissa, você estava no carro.

– Eles me falaram que era *você* que devia dinheiro a *eles*. E foi fácil de acreditar neles.

– Porra.

Ela limpou a garganta.

– Então, o que é aconteceu na galeria?

– Como? – O radar de Jack para merda começou a soar um pouco mais alto. – O que você sabe disso?

– Não muito. Ouvei o Richard falando no escritório com alguém no telefone. Alguma coisa sobre três mascarados. Ora, vamos Jack... –

fez uma voz um pouco mais rouca. – A gente teve momentos ótimos, ou não?

Jack balançou a cabeça. O novo feminino em sua glória máxima: melhor um carinho do que um chute no saco.

– Exatamente, eles apareceram. Três caras com um revólver esvaziaram o cofre.

– Viu o que eles tiraram?

– Não vi, não. Era alguma coisa coberta com um pano, mais ou menos do tamanho de uma caderneta de telefone.

Ela pensou sobre aquilo. Jack esperou. Estava focado na voz dela, concentrado em toda e qualquer nuance. Ele não ouvia aquela voz já fazia tempo e foi gostoso ouvir de novo.

– Como eram os ladrões?

– Pareciam ladrões – Jack disse. – Só que ridículos.

– Como assim?

– Um usava uma máscara de Zorro. Os outros dois estavam prontos para irem a uma festa de carnaval.

– Tá falando sério?

– Teria sido engraçado se eu não estivesse lá.

– Então por que é que Richard deve dinheiro a você?

– Um dos assaltantes levou o meu livro. Um livro raro para colecionador. O seu querido Richard não quis chamar a polícia. E se ofereceu para compensar a minha perda.

Larissa quase caiu na gargalhada.

– E você acreditou?

Jack trincou os dentes.

– Quanto é que ele te ofereceu?

– O suficiente.

– Ah, Jack.

Ele não queria se sentir um babaca, mas se sentiu. Jack podia ver Larissa pelo olhar de sua mente, balançando a cabeça bonitinha daquele jeito que costumava fazer, a franja dançando sobre os olhos dela.

– A gente precisa conversar.

– Sobre o quê?

Ao fundo do telefone, Jack pôde perceber um murmúrio de vozes. Aí, Larissa falou:

- Tenho que ir.
- Espera...
- Te ligo amanhã.

A linha ficou muda. Jack ainda ficou ouvindo por um tempo e, então, também desligou. O radar dele ainda estava varrendo o ponto intermitente de Larissa na telinha. Já estava se preparando para ligar para ela no dia seguinte. O que viesse a acontecer, pelo menos seria interessante. E, com alguma sorte, ele até poderia descobrir que merda estava acontecendo.

Foi até a seção de livros de referência da Susko Books, ainda com a cabeça tonta. Pegou o *Concise Oxford English Dictionary*: décima edição, sem índice alfabético. Nem se preocupou em se perguntar alguma coisa específica. Já tinha uma ideia e pensou vagamente sobre o sentido da vida.

Abriu o livro. Folheou. Abriu na página 445.

comestível/ • **adj.** pronto para ser comido. • **s (comestíveis)** tipos de comida.

DERIVADOS **comestibilidade** s.

ORIGEM C16: do latim antigo. *edibilis*, do latim *edere* 'comer'.

10

TALVEZ FOSSE A HORA DE desistir. Pegar alguns bons livros, algumas roupas, arranjar algumas coisas, gravar algumas fitas, pegar Lois e botar o pé na estrada, caro Jack. Broome era o lugar mais longe que conseguia imaginar, a uns cinco mil quilômetros de distância, do outro lado do continente. Ia colocar uma bela distância entre ele e todas essas contas pregadas no armário da cozinha. E daria bastante tempo para Jack trabalhar em seus planos para o futuro. Vender livros usados não era o trabalho dos seus sonhos quando criança. Mas o que teria sonhado em ser? Agente secreto? Estrela de rock? Uma lenda viva? Era difícil conseguir lembrar com o rosto de Larissa Tate borbulhando em sua mente como uma rolha de champanhe em um escoadouro para água da chuva.

Jack colocou uma pequena isca em seu anzol e a lançou: tentou a De Groot Galleries de novo. Dessa vez, foi atendido.

– Sim?

– Oi, Rhonda. Fico feliz em saber que um pequeno roubo não impediu que você continuasse com o seu negócio.

– Quem está falando?

– Jack Susko. Nós ficamos amarrados juntos outra noite. Você, eu e Max. Lembra?

Silêncio.

– Como está Richard?

– Bem, obrigada.

– Que bom saber! Ele é um cara tão adorável.

– Sr. Susko, estou ocupadíssima agora. O que está querendo?

– Bem, estou pensando que quero ligar para a polícia, Rhonda – respondeu Jack, com toda a calma, para que cada palavra ficasse bem clara.

– Achei que tinha acertado tudo com o meu marido.

– Também achei. Mas parece que ele mudou de ideia. Na verdade, de uma forma um tanto rude, eu diria.

– Sinto muito que o senhor se sinta assim – ela respondeu, sem sentir coisa alguma.

– *Assim* não é nem a metade do que sinto, Rhonda.

Ela deu uma risada.

– Eu sou uma comerciante de arte, Sr. Susko. Os negócios do meu marido são problemas dele. Por isso, a não ser que esteja interessado em alguma coisa que viu aqui na galeria...

– Ah, sim, interessadíssimo – Jack disse. – Na mesma coisa em que a senhora está. Será que o seu marido já disse o que estava no cofre?

Nenhuma resposta. Jack deixou o momento suspenso por um instante e, então, falou:

Não chame a polícia, não conte à esposa; olha aqui, Jack, toma aqui o dinheiro para ficar com a boca calada. Ele estava imaginando tudo aquilo enquanto continuava.

– Tudo soa um pouco suspeito, não soa? O que acha?

– Você não hesitou nem um minuto em concordar, Sr. Susko.

– Sou apenas um rapaz pobre, Sra. de Groot. E alguém roubou os meus sapatos enquanto eu estava dormindo.

– Que vergonha.

Jack massageou o pescoço. Rhonda era dura como uma porca enferrujada.

– Adeus, Sr. Susko.

– Como é que você lida com a Larissa Tate?

– Como?

– Ela trabalha para o seu marido, não trabalha?

– E como é que você sabe sobre a Srta. Tate?

– Uma velha amiga.

– Já posso imaginar.

– Senti uma certa irritação. Não gosta dela, Rhonda?

– E isso tem importância, Sr. Susko?

– Ainda não tenho certeza. Por que não gosta dela?

– Acho que já perdi muito tempo com esta conversa tão estimulante.

- Acha que ela sabia o que estava no cofre?
- Uma pausa. Rhonda de Groot continuou na linha.
- Por que você acha isso?
- Eu não acho. Mas parece que você acha.

Pela segunda vez naquele dia, a linha ficou muda no ouvido de Jack. E agora ele não sabia nada sobre o que estava acontecendo *duas vezes*.

Tudo o que sabia com certeza era que já tinham se passado três dias e meio desde o seu último, doce e gostoso contato com o sabor do fumo. Um grande feito pessoal. Sem adesivos, sem chiclete, sem CDs de relaxamento – no lugar disso, muita Santa Agnes, a santa padroeira dos biscoitos australianos de brandy e dos beberrões contumazes. Considerando que tudo isso tinha acontecido naqueles três últimos dias e meio, ele estava se saindo muito bem.

Três dias e meio. Se alguém merecia um cigarro, esse alguém era Jack Susko.

11

O FORTE APERTO EM SEU pescoço e o par de murros na barriga garantiram uma noite insuportável. No quarto de Jack, a manhã de terça parecia como se todo o ar tivesse sido aspirado. Tinha sonhado com um cruzamento sem sinais, totalmente escuro, sem placas de “pare”, sem guardas de luvas brancas dirigindo o trânsito. Era um horário de pico e Jack estava no meio de tudo isso, de pé, sem um tostão, indo a lugar nenhum, tão rápido quanto os carros e caminhões que passavam voando por ele. O *Penguin book of dream interpretation* era completamente desnecessário.

Levantou cedo: fez café, deu comida para Lois e botou música para ouvir; Django Reinhardt fazendo miséria com sua guitarra, como um homem que havia perdido algo que jamais voltaria a encontrar, mas condenado a procurar sempre que estivesse tocando. Um gênio cigano, uma mão mágica e tudo mais num momento complicado. Mesmo duro, um homem de talento conseguia atravessar as intempéries. Infelizmente, para Jack, enfrentar *situações* não era sinônimo de talento.

A manhã já estava um forno e o sol escaldante não dava trégua. Jack foi andando para o trabalho pela Oxford Street e atravessando o Hyde Park cheio de preguiça e dor. No meio dessa caminhada, já tinha se transformado em uma poça de suor. Só uma tempestade para melhorar tudo. Ela estava chegando, ele podia sentir, mas, por enquanto, nada no ar.

No Queen Victoria Building, ele se esquivou de jovens voluntários cheios de alegria que ocupavam a entrada, distribuindo panfletos, abaixo-assinados e pranchetas para todos os que passavam, abrangendo todos os tipos de culpa que os ricos ocidentais poderiam sentir e que os universitários podiam imaginar. Atravessou a York Street no meio de todos aqueles ônibus e correu para a Susko

Books, ainda escura, tranquila no buraco dela, só esperando por ele. O seu reino. Jack torcia para que a sua atual crise financeira não o forçasse a desistir dela em breve.

Não havia mensagens no telefone da livraria. Ficou pensando quando Larissa ligaria.

A primeira venda do dia deixou Jack com um humor melhor: uma mulher enorme, de uns 40 e tantos anos, chegou com uma lista enorme. Tinha cabelos curtos, castanhos, e olhos azuis acinzentados em um rosto redondo e simpático. Era toda vermelha e ria sem parar. Uma blusa verde sem mangas caía solta por cima de uma leggings preta, sandálias confortáveis. Jack a viu com bons olhos. No fim, conseguiu somente dois dos títulos que ela queria, mas a mulher sucumbira alegremente a três outros livros que achou enquanto examinava as estantes.

– Eu realmente não tenho jeito mesmo! – disse. – Não consigo resistir a livros.

– Isto está no gene. Por acaso, tem muitos parentes?

A mulher soltou uma gargalhada.

– Bem, não... mas tenho o meu clube do livro. Eles amariam isso aqui. Uma coleção... tão *eclética*.

– Eclético é o meu nome do meio.

Ela corou um pouco, sorriu ainda mais.

– É sério, é uma livraria pequena, mas adorável.

– Obrigado. Então indique para os membros do seu clube.

– Claro que vou, pode deixar. Só não vou falar para a Brianna. – O rosto alegre dela murchou ligeiramente. – Desculpe dizer isso, mas ela é muito esnobe. Não tocaria num livro de segunda mão nem de luvas. Tem medo de pegar alguma doença.

– Fala pra ela que todos os livros são bem cuidados e vêm com atestado médico.

– Vou sim. Vou dizer exatamente essas palavras.

Jack calculou a seleção dela no balcão: *The Atlas of legendary places*, de James Harpur e Jennifer Westwood; *Amarant: the flora and fauna of Atlantis*, editado por Una Woodruff; uma cópia levemente danificada pela água de *Fables of La Fontaine*, de Gustave Doré; a terceira edição de *The elements of style*, de William

Strunk Jr. e E.B. White; e, por fim, *Covariance, covariant and covariation: the mathematical lives of Theodore and Sarah Newmarket*, de Hugo Schiff. Ao todo, 75 dólares, que Jack deixou por 65 dólares. Trate bem um cliente e ele voltará.

– Que simpático!

– O prazer foi todo meu – disse Jack. – Quer uma sacola?

– Não, não, muito obrigada, eu tenho a minha. – E pegou uma sacola de lona creme de uma biblioteca. – Carrego tudo nela. Livros, compras de supermercado, o que você imaginar. Nunca quebrei nadinha.

Pagou com notas e moedas de dez e cinco. Do lado de fora, ela fez uma medida e acenou um “até logo” pelo vidro da porta da frente. Jack acenou de volta. Ele se sentiu como se estivesse celebrando com um cigarro. Colocou um lápis na boca e soprou uma fumaça imaginária. Sessenta e cinco paus. A taxa por hora era de 25,67 dólares. Mais algumas vendas como aquela e logo Jack ia poder sair da linha da pobreza e voltar a pertencer com louvor à classe trabalhadora.

O dia definiu mais do que evoluiu. Na hora em que o carteiro veio, mais ou menos às 14h30, e entregou umas correspondências por baixo da porta, a taxa por hora tinha caído para 11,82 dólares. Igualzinho se tivesse apanhando latas de alumínio.

A correspondência consistia quase exclusivamente de contas, um aviso postal para apanhar um pacote. *Lamentamos não ter encontrado o senhor. Pacote normal. À disposição após as 16h30.* Um pacote normal, sem necessidade de assinatura. Jack balançou a cabeça, botou o aviso em sua mochila. Mas que diabo tinha acontecido? Como é que não o tinham achado sendo que ele estava lá o tempo todo?

O resto do dia se arrastou penosamente até o final da tarde como o esqueleto de um velho de muletas. Às 16h30, Jack estava pensando em fechar mais cedo e ir até o correio quando dois clientes entraram. Quem sabe o dia terminava com um saldo positivo.

Dois homens. Um era alto e de corpo muito benfeito; o outro era baixo, largo e gordo. O cara alto disse:

– Oi, Jack.

O tom não tinha nada a ver com o de um bom comprador.

– Eu te conheço?

– Ainda não.

Atrás dele, o sujeito gordo tinha parado na porta da frente. Pegou a maçaneta e fechou a tranca. Aí, verificou se estava trancada mesmo.

– Que porra você acha que está fazendo? – Jack saiu detrás do balcão.

– Onde você estava... – disse o cara alto, que tinha olhos firmes e cruéis. Usava uma calça tipo militar de um verde desbotado, botas que pareciam capazes de deixar pegadas bem fundas e grossas. Levantou a bainha de sua camisa preta de manga curta. Jack viu um revólver no cinto dele e parou.

– Quem são vocês?

– Somos os caras que limpam, entendeu? – O sujeito alto foi até a mesa com os livros em promoção e a varreu com o braço. Livros baratos caíram no chão, provocando uma pequena explosão de aplausos sem graça. Depois, deu um chute na mesa.

– Estamos aqui para limpar.

– O que, a máquina registradora? De uma livraria pequena de livros de segunda mão? – Jack franziu as sobrancelhas. – É a primeira vez que faz isso?

O homem foi até outra estante e pegou livro por livro e os que estavam no chão por cima dos ombros.

– Ok, tá certo! Estou começando a entender – Jack falou aumentando a voz. O aborrecimento continuava a superar seu medo. – Tá tudo atrás do balcão, todos os 97 dólares que eu tenho. E você nem precisa de uma chave pra abrir a gaveta do dinheiro.

O camarada continuava a jogar livros no chão. Sem parar.

– Puta que pariu!

O gordão se aproximou, suando profusamente em sua camiseta do tamanho de um paraquedas pequeno. Usava bermudas vermelhas na altura dos joelhos e volumosos tênis brancos no formato de

sapatos ortopédicos em virtude de alguma deformação no pé. As suas panturrilhas eram brancas, grandes e sem pelos.

Seu parceiro mais alto concordou com a cabeça sem nem olhar para ele. O gordão suspirou, baixou os ombros e andou até o balcão, foi para trás dele e examinou tudo com atenção. Ele se curvou com um resmungo e começou a procurar nas prateleiras de baixo.

– Posso ajudar vocês com alguma coisa?

O homem parou de jogar livros por cima dos ombros.

– Onde está o pacote? – perguntou. Encostou-se na estante agora vazia, cruzou os braços musculosos e ficou encarando Jack.

– Que pacote?

O sujeito deu uma risadinha. Depois esticou o braço e deu um tapinha em seu pulso nu.

– Cinco segundos.

– Vou precisar de um pouco mais de informação.

– Quatro segundos.

Jack balançou a cabeça. *Merda*. Aí ele lembrou quem eles eram.

– Pascal e Walter – disse. – O duo dinâmico. O que aconteceu com as máscaras?

Pascal coçou a barba por fazer. Se ele estava surpreso por Jack tê-lo reconhecido, nada demonstrou.

– Três segundos.

– E Shane, como é que ele tá?

– Dois segundos.

– Aqui não tem nada – disse Walter atrás do balcão.

– O tempo acabou, Jack. O pacote ou o murro?

– Não tenho a menor ideia do que está falando.

Walter ficou de pé.

– Aqui não tá – repetiu. – Quem sabe ainda não chegou?

– Continua procurando.

– Mas que pacote? – Jack perguntou de novo. Ele se lembrou do aviso postal em sua bolsa. Mas não falou nada.

Pascal ajeitou a arma debaixo da camisa dele, mas não a tirou.

– Se eu fosse você, falaria.

– Mas sobre o quê?

Ouviu o som de um vidro sendo quebrado atrás dele. Walter tinha arrancado um quadro da parede.

– Isso foi brilhante – Jack disse. – Obrigado.

– Desculpa.

– Que porra é essa de ficar se desculpando? – Pascal falou, aborrecido.

– Foi um acidente.

– Você que é a porra do acidente.

O rosto gorducho de Walter ficou todo vermelho. Mostrou o dedo para Pascal.

Jack se debruçou no balcão, olhou para o chão.

– Que maravilha!

O quadro era de um menu de drinques original datado de 1952 que ele havia encontrado em um mercado em Rozelle: da Lindy's, na Broadway. Naquela época, um coquetel El Presidente custava 0,60 centavos de dólar. Uísque com gelo, 0,65 centavos de dólar. Um cálice de Remy Martin VSOP, só 0,75 centavos de dólar. Às vezes, em seus sonhos, Jack ia até lá e abria sua Susko Books bem ao lado.

– Ok, e agora? Vocês destruíram meu lugar e eu não tenho a menor ideia de que merda estão falando.

Pascal fez um sinal com a cabeça:

– Nada aí?

– Nada.

– Tudo bem, vamos então, Walter. O Sr. Susko pode se explicar pessoalmente.

A porra dos boches sabiam mesmo como produzir carros. Jack se sentou no banco de trás de uma brilhante Mercedes Benz CLS 500, bronze fechado, tudo com a temperatura controlada, um maravilhoso e confortável assento de couro bem macio, com *airbag* suficiente e de última geração para se sobreviver a uma colisão com um pequeno planeta. O motor mal era ouvido. A suspensão absorvia as dores e os sofrimentos do mundo como uma esponja bem macia. Era o tipo de carro que você poderia ficar dirigindo para sempre: e isso não parecia uma má ideia para Jack naquela hora.

Estavam descendo a Bottany Road, passando por armazéns e lojas revendedoras de carros e uns poucos velhos bares de tijolinho com antenas no teto, mas nenhuma alma dentro. O tráfego estava pesado, com muitos carros, ônibus e caminhões: todos andavam com lentidão. A única coisa que vinha à cabeça de Jack era que se tratava do caminho para o aeroporto.

– Eu só voo de primeira classe – disse. Sua voz estava leve, mas seu estômago era um nó só. – Pegaram o meu passaporte?

Nenhuma resposta.

– Alguém tem cigarro?

Pascal estava no banco de trás com Jack. Virou levemente a cabeça para dizer não.

– Música?

– Só tem jazz – Walter disse enquanto dirigia. – Eu não suporto essa merda de jazz.

Saíram da Bottany Road, viraram para a esquerda e para a direita algumas vezes em ruas bem estreitas e aí voltaram para outra estrada cheia, margeada de construções, de hotéis de aeroporto, lojas de móveis. Todos andavam na primeira marcha. Jack podia ver como estava quente lá fora: reparava nas caras cansadas dos caminhoneiros, os cabelos colados de suor dos motoqueiros, os operários sindicalizados em uniformes fluorescentes e shorts, passando seus antebraços tatuados pela testa quando paravam de cavar um buraco. Por um momento, Jack ficou com inveja: era um trabalho honesto. Você trabalhava, você ficava cansado, você ia dormir. E depois voltava a fazer isso tudo. Porém, Jack também sabia muito bem que nunca poderia ser um desses caras que via pela janela. Se estivesse lá fora, ia se apoiar na pá, chateado, imaginando quem estaria dentro daquela Mercedes de vidro escuro: como conseguiram chegar lá, o que é que eles faziam e para onde estavam indo?

Era isso. Agora ele sabia.

Walter deu sinal e entrou numa viela.

– Vou pela King.

– Pode ir.

Mudando de direção, a Mercedes virou furiosamente numa curva fechada, disparou, os pneus jogando fumaça nos vidros traseiros. Jack caiu em cima de Pascal quando o carro fez isso e, então, se ajeitou todo enquanto iam por uma rua reta, com todo cuidado, como um gato escaldado.

Dez minutos depois, pararam em frente a um armazém cinza de alumínio. Um portão todo enferrujado estava fechado em frente a uma garagem. Walter saiu do carro, abriu o portão com força. Voltou e eles andaram por um caminho de cascalho, coberto de ervas daninhas, terminando por parar sob uma área de concreto sombreada e grande dentro do armazém. Pararam perto de uma escada de metal estreita que subia pelo lado direito.

– Pode sair, Jack.

Havia uma van branca estacionada ao lado de uma rampa elevada para carga, mas ninguém à vista. Umas poucas caixas aqui e ali, carrinhos de mão, um elevador pequeno de cargas com os seus dentes levantados, uma área protegida por uma cerca de arame farpado num canto mais afastado, cheio de barris de metal. O ar estava quente, cheirava a graxa e petróleo, e tudo parecia meio gasto.

Walter começou a subir os degraus, seus pés ressoando no metal, o som oco e ameaçador. Pascal empurrou Jack para que ele o seguisse. No meio da subida, Jack pensou se quebraria alguma coisa caso pulasse por sobre o corrimão. Olhou para baixo e viu que ia. Começou a pensar em um plano B.

Chegaram no alto da escada, andaram por um lugar estreito e aí Walter bateu na porta.

– É a gente – disse, rápido e baixo, segurando firme a maçaneta, como se fosse uma arma pressionando as costas de uma pessoa.

Jack ouviu um resmungo. Walter abriu a porta. Era um espaçoso escritório, com carpete verde, paredes ainda rebocadas e sem janela. Duas lâmpadas fluorescentes nuas no teto, em cima de praticamente nenhum móvel. Podiam ter uns vasilhinhos. Mas quando Jack viu Shane Ferguson, soube logo que nada ia poder amenizar o tom sombrio daquele lugar.

O péssimo ator estava jogado em uma cadeira. O nariz dele estava cheio de sangue, e sua camisa, toda rasgada. Um dos seus olhos estava um pouco inchado. Uma forte reação alérgica a algo do tipo punho.

– Bem-vindo, Sr. Susko. Eu sou Viktor Kablunak.

Jack se virou na direção de onde vinha a voz. Atrás da escrivaninha, estava um homem de camisa e gravata, cabelos escuros, apoiado nos cotovelos. Comendo um pedaço de churrasco de frango.

12

ERA UMA ESCRIVANINHA COMPRIDA, RETA, madeira compensada, o tipo de móvel de repartições do governo leiloado quando resolvem ganhar novos ares. Viktor Kablunak estava sentado atrás dela e continuava a devorar seu frango. Perna e coxa. Comia como um homem que tinha acabado de retornar da Batalha de Stalingrado. Seus olhos pequenos e castanhos estavam presos em Jack, mas não havia nada para ler neles. Uma gravata de caxemira azul e roxo sobre uma camisa branca. As mangas estavam enroladas até os cotovelos, que estavam apoiados na mesa. A cópia de *Moscou contra 007*, de Jack, estava também ali. Torceu para que Kablunak não estivesse lendo enquanto comia.

– Nada – Pascal anunciou. – Ainda não checamos o apartamento dele, mas aposto que não chegou. – Olhou para Shane todo amarrado na cadeira. – O veado só pode ter enviado sexta-feira bem tarde ou sábado, talvez segunda. Daí...

Kablunak concordou com a cabeça, continuando a ouvir. Tinha um anel com sinete na mão direita, um escudo com as letras V e K inscritas, e um rubi entre as duas. Abotoaduras combinando estavam na escrivaninha ao lado de seu cotovelo. O cabelo dele era espesso e saudável, escuro e praticamente sem pontos grisalhos, penteados para trás de seu crânio quadrado e eslavo. Um nariz grande e carnudo, bochechas levemente coradas, a papada bem barbeada e brilhando. Cinquenta anos, talvez um pouco mais velho, mas abençoados com ótimos genes que lhe dava uma pele bem macia.

Continuou a comer o frango. O que restava da carcaça estava bem à sua frente na mesa, dentro de um recipiente de metal aberto pela metade. Ainda estava faltando um par de asas e uma boa parte do peito. Nenhum vegetal. Nem salada. Só a carne da ave.

– Susko diz que não sabe nada sobre isso – Walter falou.

Viktor Kablunak fez uma cara feia e jogou o que ainda tinha da perna e da coxa da galinha na mesa, como se houvesse decidido, repentinamente, que estava ruim. Fez um gesto com as mãos, as palmas para cima como um cirurgião entrando na sala de operações. Olhou firme para Jack. Fez um gesto para que Walter se aproximasse. O gordo se abaixou atrás do patrão e procurou uma coisa no bolso do paletó dele colocado no encosto da cadeira. Passou para Kablunak um lenço branco dobrado e voltou a ficar ereto. O patrão abriu o lenço e limpou os dedos e a boca, para depois assoar o nariz com ele. Fez um bolo com o lenço e o jogou no recipiente de metal junto com o frango e começou a desenrolar as mangas da camisa.

– Vodca – disse.

Walter foi até um armário de três gavetas que ficava no canto. Abriu uma das gavetas e tirou um copo grosso e bojudo e uma garrafa pela metade, clara e transparente. Stolichnaya. Serviu Kablunak com uma dose, tomada de um gole só.

Jack engoliu um pouco do ar pesado da sala.

– Boa leitura? – perguntou, apontando para o livro na mesa.

Kablunak nada respondeu. Ficou segurando o copo para receber mais uma dose. Walter serviu logo. Seu patrão esvaziou o copo de novo, mas de forma mais suave.

– Sr. Fleming – Kablunak disse. – É. Uma literatura bem pobre. Mas ela conhece o que um homem realmente é por dentro – falou lentamente, e sua voz tinha um leve sotaque, um toque firme. Talvez tivesse aprendido inglês quando era adolescente ou estudado em uma escola estrangeira. De qualquer forma, Viktor Kablunak parecia ser um homem que estava acostumado a ser escutado. – Por dentro – continuou, dando um tapinha no peito –, o homem não pode esquecer completamente que ele é um animal que deve lutar para poder sobreviver. O resto não é nada. – Mostrou seus bons dentes. – E James Bond... bem, ele sabe que a única consequência da vida é a morte.

Não era exatamente a observação que Jack esperava sobre o livro. Olhou para Kablunak quando *a única consequência da vida é a*

morte martelou na sua cabeça.

– Não acha que há algo além disso?

Kablunak ignorou a pergunta. Ajeitou os punhos, colocou as abotoaduras, prendeu-as, arrumou as mangas da camisa. Recostou-se na cadeira, os punhos firmes na borda da mesa, e passou a língua nos dentes. Então, afastou um pouco mais o frango.

– Sabia, Sr. Susko, que Ian Fleming já tinha vendido mais de quarenta milhões de livros *antes* que Sean Connery tornasse a sua criação num idiota no *Satânico Dr. No*?

– Sabia que ele tinha se saído bem.

– Isso é mais que bem.

– Pelo que vejo, então, o senhor é fã dele?

– Bem... o livro me agradou. – Deu uma batidinha na cópia de *Moscou contra 007* que estava sobre a escrivaninha.

– Ótimo – Jack disse, tentando não pensar nos dedos cheios de gordura de frango de Kablunak. – Então, eu fecho por 15 mil dólares. Em dinheiro vivo, se você puder.

Kablunak deu um sorriso.

– Não.

Pensamentos começaram a girar em torno do cérebro de Jack como mariposas voando em torno de uma lâmpada. Nenhum deles, porém, durou o suficiente para ele conseguir formular uma ideia. Virou-se e olhou novamente para Shane Ferguson. Viu o olho inchado, o lábio partido, as gotas de sangue no canto da boca dele.

– O que aconteceu com o Shane?

– Ah – Kablunak disse. – Vocês dois se conhecem.

– Na verdade, não – Jack falou.

O russo mexeu com a cabeça para Pascal. Enquanto Jack examinava com mais atenção o rosto de Shane, um murro poderoso de esquerda atingiu seu estômago e o fez dobrar-se de dor. *Putaque pariu*. Atingir as tripas de Jack parecia ser a última moda. Tentou continuar de pé e envolveu a barriga com os braços, mas a dor enorme continuou lá, para ficar, e o fez cair de joelhos no chão. Ficar assim não ajudava em nada. Jack gemeu e se contorceu ainda mais quando a dor aumentou. Abraçar-se nunca é uma experiência tão agradável como você esperava que seja. Por alguns segundos,

pensou que se deitar e se enrolar como uma bola pudesse ajudar em algo, mas se lembrou das botas com biqueiras usadas por Pascal.

– Você está com uma coisa que me pertence, Sr. Susko – Kablunak disse. – Algo que me foi roubado. E agora foi roubado de novo. Quero de volta.

Pascal agarrou Jack firme pelo bíceps e o puxou para que ficasse de pé. Jack fez uma careta de dor, seu intestino, seu estômago, suas tripas, tudo queimando e um gosto ácido de bateria no fundo da garganta.

– Desculpe, Jack – falou Shane Ferguson.

Kablunak pôs as mãos atrás da cabeça e se inclinou mais na cadeira. Deu uma olhada no livro de Fleming na mesa e o alcançou com a mão e alisou a capa do livro com a palma dela.

– Quem sabe, você gostaria de ser James Bond neste exato momento? – disse com uma voz suave, mas arrogante. – Sr. Susko?

– A gente podia tentar – Jack respondeu, todo encolhido, sussurrando. – Eu vou ser Bond – respirou um pouco –, e você pode ser o General... Grubozaboyschikov...

As sobrancelhas de Kablunak se apertaram, tensas. Virou-se de lado, como se estivesse prestes a cuspir no carpete. Levou um tempo para responder.

– Se eu fosse Grubozaboyschikov – disse, pausadamente –, você estaria pendurado num gancho agora. – Ele estalou o recipiente onde estava a carcaça do frango com o dedo.

Walter soltou uma gargalhada. Kablunak lhe lançou um olhar que era uma verdadeira porrada na cara.

– Você acha que estou fazendo graça? – perguntou. – Grubozaboyschikov destruiu a aldeia do meu velho. Com um lápis no mapa. – Viktor Kablunak deu um murro violento na mesa e deslizou seu polegar pela escrivaninha. – Exatamente desse jeito. De uma só vez. A gente teve que correr, como uns animais de merda. Aqueles que ficaram para trás, os chineses fizeram bolinhos com as bolas deles. Mas como é que você ia saber? – Balançou a cabeça, o rosto sombrio de desprezo. – Aqui, a história não passa de mentiras inglesas.

Silêncio. Jack tentou respirar calmamente, mas continuava muito ofegante. A garganta ainda estava péssima. Lembrou de procurar *Grubozaboyschikov* no Google quando chegasse em casa. Obviamente, Fleming tinha feito uma pequena pesquisa entre os dois martinis.

– Tira isso daqui! – Kablunak fez um gesto com a mão para onde estava o frango. Walter quase deu um salto e rapidamente limpou tudo e jogou numa pequena lata de lixo em um canto. O russo olhou para a escrivaninha coberta de madeira.

– Onde está o que me pertence, Sr. Susko?

O lugar estava muito quente; Jack suava sem parar.

– Eu não sei do que está falando.

– O seu amigo aqui, o Sr. Ferguson, disse que enviou alguma coisa para você depois de me ter roubado. É um completo imbecil.

Kablunak deu uma pausa, suspirou.

– Espero que *você* não seja um imbecil também.

Tudo estava diante dos olhos de Jack, mas este tudo dizia para ele não mencionar o protocolo do correio que tinha recebido mais cedo.

– Ninguém me mandou nada.

– Não minta para mim, Sr. Susko. Seu amigo mentiu. Deu uma boa olhada no estado dele?

Jack fechou os olhos por uns rápidos segundos: Kablunak ainda estava ali quando voltou a abri-los. – Dei, sim, dei uma boa olhada – respondeu.

– Ótimo. Então, por favor, chega de merda.

Jack se lembrou de Richard de Groot não chamando a polícia na galeria; a esposa dele não sabendo nada do que tinha no cofre. Lembrou também de Pascal levantando um cantinho do pano de veludo que cobria o que quer que fosse a coisa, olhando para ela e sorrindo.

Jack se virou para Shane.

– Que porra você me mandou?

– Desculpe, Jack... não tinha outra escolha.

– Dói falar?

– Dói.

– Ótimo. Você me deve 500 paus há dez anos. Por que não me mandou o dinheiro, então?

Shane tossiu, engoliu com alguma dificuldade.

– Não pude acreditar quando vi você na galeria. Dá logo o pacote de volta para o Sr. Kablunak e tudo ficará bem.

– Eu não recebi porra nenhuma de pacote! – Jack e toda sua raiva se voltou no pretense ator coberto de porrada e amarrado em uma cadeira na sua frente. – Mas que merda você me mandou?

Kablunak se levantou, saiu detrás da mesa e se sentou na borda dela com uma perna no chão.

– Você não devia se preocupar com detalhes, Sr. Susko. Para você, tudo pode ser muito simples. Neste momento, vou acreditar que você não tem o que lhe foi enviado. Certo. Quando chegar, você vai me procurar. Quando a coisa estiver comigo, pode esquecer tudo isso e voltar a sua vidinha de sempre. Ok?

– Claro, parece bom. Mas e se eu não acreditar em você?

– Problema seu.

Jack deu uma esticada que fez acender uma fagulha de dor em seu estômago. Agora, com quantos problemas ele estava? Talvez ele pudesse entrar para o *Guinness book of records*. Apontou com a cabeça para o livro de Fleming na mesa.

– Queria o meu livro de volta.

Kablunak se virou um pouco para ver o livro.

– Claro, por que não? – disse, com uma voz melhor agora. – Tudo o que vou pedir é um pouco de espírito de cooperação. E aí poderemos talvez fazer uma troca justa.

– Que tal você me dar o livro agora e *então* eu coopero?

– Não.

– Ok – Jack falou, aborrecido. – Até lá, prometa manter as suas mãos sujas longe dele.

Kablunak levantou uma sobrancelha e não proferiu uma palavra. Jack sustentou seu olhar.

– Só faz o que ele pediu, Jack. – Shane se mexeu debaixo das fitas que o colavam na cadeira. Farfalhou como se fosse uma folha de alumínio.

Jack olhou para o seu antigo companheiro de casa. – O que é que está acontecendo, Shane? Eu achava que você queria ser ator.

– Eu sou um ator.

– Está mais do que óbvio.

Shane voltou o olho inchado para Jack.

– Eu precisava de dinheiro vivo. Sabe como é.

– Aí, por isso, você participou de um assalto e depois resolveu trair esses caras? – Jack lançou um olhar de desdém, mostrando que não estava acreditando em nada. – Será que, por acaso, você pensou que estava na merda de um filme?

– Chega. Pascal e Walter vão levar você de volta para casa, Sr. Susko.

Jack olhou para Viktor Kablunak. O russo estava examinando as pontas dos dedos. Ele tinha mãos enormes, mãos de operário, mas as unhas eram impecavelmente benfeitas.

– O que você vai fazer com o Shane?

Kablunak deu um sorrisinho. Então parou. Pegou o paletó da cadeira atrás da mesa, procurou em um bolso interno e deu um cartão para Jack.

– Quando o meu pacote chegar, liga para esse número. Não abra nada, não espere, não *pense*. Só ligue.

Pascal se debruçou sobre o rosto de Jack.

– Acha que consegue fazer isso?

– Claro. Sem problema. E você acha que consegue escovar os seus dentes?

Dessa vez, até Viktor Kablunak fez uma careta na hora do murro.

13

ELES O LARGARAM NO CENTRO da cidade. Era a hora de as pessoas voltarem para suas casas. Gravatas frouxas, paletós nos braços, rostos relaxados. Sapatos de saltos altos trocados por tênis. Turistas olhando os menus colados nos vidros dos restaurantes e decidindo qual a melhor opção. Um milhão de mensagens de textos bipavam em um milhão de celulares como se toda a população da cidade estivesse olhando para as palmas das mãos. Jack ficou pensando se um gângster russo tinha ameaçado mais alguém hoje.

Esperou por um ônibus: quando chegou, atirou-se num assento e ficou olhando pela janela enquanto se arrastava pela Oxford Street no pico do tráfego. Na hora em que chegou a Paddington, o sol já diminuía, sua luz pálida, meio marrom, meio amarela, tomando conta do céu. Jack chegou em casa sob um brilho obscurecido, desbotado e um pouco fragilizado, como um lenço de papel esquecido em um bolso e lavado inúmeras vezes.

Pegou suas chaves e estava pronto para abrir a porta da frente do seu apartamento na Leicester Street, quando notou uma fina e fraca faixa de luz cortando sua perna de alto a baixo. Apertou a ponta dos dedos contra a porta, mal fazendo força: as dobradiças estalaram. Todos os sentidos de Jack despertaram ao mesmo tempo. Sua pele foi pinicada, seus ouvidos estalaram e todos os seus músculos se retesaram forte. Esquecer de fechar a porta era uma coisa que jamais tinha acontecido com Jack. Pelo menos quando estava sóbrio. Ele ficou escutando e, então, empurrou a porta e esperou o vão para que o lento abrir revelasse o que estava se passando dentro.

Ele olhou: nada era bom.

A sala da frente parecia o deque inferior daqueles barcos de praia, tudo empurrado das prateleiras e espalhado pelo chão. Jack soltou um palavrão e foi andando cuidadosamente em meio aos livros,

álbuns de discos e móveis silenciosos e vulneráveis, como se tivessem tomando um grande porre após uma festa daquelas. Teria sido os rapazes de Kablunak, mais cedo?

Não. Ele se lembrava deles dizendo ao russo que só haviam procurado na Susko Books. Outra pessoa ou outras pessoas tinham estado ali. E, sem a menor dúvida, pelo mesmo motivo. Caça ao pacote misterioso.

Continuou a andar e abriu a porta de correr que dava para o seu pequeno pátio pavimentado que ficava na parte dos fundos e deixou uma chorosa Lois ir para dentro de casa. Ela miou, se balançou toda e se esticou, da ponta do seu focinho até as unhas abertas de suas pernas traseiras completamente estendidas, cada uma de um jeito. Depois de uma olhada rápida em algo que estava incomodando sua pata da frente, ela foi saltitando até a cozinha cheirar a sua tigela de comida, não dando a mínima para toda aquela mudança na decoração. Sentou-se, voltou a miar, com potes, panelas e xícaras quebradas espalhados em volta dela. Olhou para Jack para ele ler bem o que estava querendo dizer: *Não fui eu.*

Jack abriu sua mochila e pegou o código postal. Ficou examinando-o. Nenhuma pista ali, mas levando em consideração o nível de interesse demonstrado, não importando do que se tratava, por enquanto, provavelmente era melhor deixar aquilo lá no posto do correio mesmo. Kablunak podia esperar. Jack tinha uma intuição muito forte de que o pacote misterioso poderia ser a sua única ficha para ser usada se as coisas piorassem. Colocou de volta na mochila.

Foi até a cozinha: botou um pouco de peixe para Lois e fez um sanduíche quente de ovo e maionese para ele. Depois, começou a arrumar a bagunça. Com todo o cuidado, foi fazendo uma pilha com os seus discos, primeiro inspecionando cada um. Pegou o *This is Sinatra*, de 1953, que estava meio debaixo do sofá e o limpou com a manga. Um pouco de poeira apenas, nenhum dano maior. Não o ouvia já fazia tempo. O toca-discos estava em cima do aparador e havia escapado da atenção do invasor. Jack colocou o disco nele e aumentou o som. Ouviu o gostoso arranhado e estalo da agulha entrando no vinil e, então, deslizando calma, fazendo os alto-falantes soarem suavemente. Isso já o estava fazendo se sentir

melhor. O som da deliciosa tensão. Depois, os metais entrando. Então, delicadamente, bem delicadamente, tudo ficou mais baixo – e Frank entrou com toda a sua classe.

Got the string around my finger...

Mais como um nariz respirando suavemente em seu pescoço. Jack pensou novamente nos cigarros, sentiu um desejo forte apertando todo o seu corpo quebrado. Procurou esquecer enquanto continuava a sua limpeza.

Um pouco mais tarde, ouviu uma batida na porta. Jack abaixou o volume. Encontrou Larissa Tate de pé na entrada.

– Oi – Jack disse. Tentou manter o tom da sua voz neutro, mas as batidas do coração aumentaram. – Entra.

Ela chegou mais perto e colocou a mão no braço dele. Uma leve apertadinha, uma apoiada no corpo, um beijo na bochecha. Jack retribuiu. Podia sentir a frieza da sua visita em seu rosto.

– Você parece ótimo, Jack.

– Tenho feito muito exercício.

Nenhum comentário. Ela entrou.

Jack passeou os olhos por toda ela.

– Você parece ótima também.

Os movimentos dela eram tranquilos. Ela estava com uma frente única de seda, estampada com imagens de bonés de jôqueis, selins, fivelas... Um jeans modelo anos 1980 justo, azul desbotado. Nos pés, sapatos peep-toes verdes-jade, sem salto. O mesmo cabelo de seda castanhos com a franja. Os mesmos olhos escuros e lábios brilhantes, a mesma expressão à vontade, despreocupada, no rosto. E o mesmo corpinho bem desenhado, mesmo que as curvas estivessem mais cheinhas. Mais sexy.

Os quase doze meses desde que tinham terminado haviam sido generosos para Larissa Tate.

Jack fechou a porta da frente.

– Como é que Richard está? Devia ter vindo com ele.

Larissa sorriu: só abriu levemente os lábios pequenos e de forma breve. Jogou a bolsa no sofá.

– Fiquei ligando para o seu celular, para a livraria, e ninguém atendia.

– Almocei tarde. Estava fazendo novos amigos.

– Ela era atraente?

– Não gostei do jeito que ela comia frango.

Larissa ficou parada no meio da sala de estar, de costas para ele.

– Não tinha percebido que você era tão exigente.

– Mudei. Agora *eu* venho em primeiro lugar.

Ela se virou de lado, riu.

– Bom ouvir isso.

Jack sentou em sua cadeira Eames.

– O Sr. Músculo está lá fora no carro? – perguntou.

– Por quê? Eu preciso de um guarda-costas?

– Talvez o novo eu seja um lunático homicida.

– Sei, sei.

Ela se sentou no sofá de dois lugares. Recostou-se e cruzou as pernas. Apontou o queixo para Jack e mexeu levemente nos cabelos.

– Então. Gostaria de saber o que foi roubado do cofre da De Groot Galleries?

Larissa era realmente uma peça. Jack gostava dela. Muito, e o sentimento só crescia.

– O quê? – perguntou.

– Uma Bíblia.

Ele deixou a notícia ser assimilada.

– Que tipo de Bíblia?

– Uma caríssima – respondeu Larissa. Acariciou uma coxa com a palma da mão. – Bordas de ouro, toda incrustada de joias, iluminada, imaculada. Uma obra-prima única feita por um monge russo famoso, em 1396. É conhecida como a Bíblia Sergius.

– Um hobby seu?

Ela deu de ombros.

– Quanto?

– Cerca de 100 mil dólares – falou isso como se estivesse dando uma gorjeta para o garçom.

Jack pensou *Porra*, mas disse:

– Tudo isso?

Uma sensação ruim tencionou os músculos do pescoço dele. Era um dinheiro pelo qual as pessoas podiam *fazer* muitas coisas. A

espécie de dinheiro do qual talvez seja melhor ficar longe.

– E aí? – Larissa disse.

– Como você sabe tudo isso?

– A internet é maravilhosa.

Jack franziu as sobrancelhas. Um músculo da perna dele estremeceu.

Larissa descruzou as pernas, juntou os joelhos e se inclinou para frente com os cotovelos.

– Olha, a última vez que a gente se falou...

Jack levantou as mãos.

– Espera aí. Me responda uma coisa. Por que de Groot não colocaria uma coisa dessas no seguro?

Ela inspirou profundamente e depois soltou o ar.

– Porque foi roubada.

As palavras pareciam ter um eco nos ouvidos de Jack. Ficou escutando até parar.

– Era sobre isso que eu queria falar com você – Larissa disse.

– De Groot negocia arte roubada?

– Negocia.

– Aqui?

Larissa se ajeitou toda.

– Não seja ingênuo, Jack.

Jack pensou em Viktor Kablunak. Uma pequena bola de fogo queimou seu estômago. – Ingênuo seria simpático.

– Cem mil – Larissa repetiu. – Cento e vinte e dois para ser mais exata. Da última vez, eu verifiquei a taxa de câmbio também.

Jack olhou para ela. Ela não parecia absolutamente preocupada com nada. A sala estava quente, mas tudo era uma fachada fria com Larissa no sofá.

– Cem e mais um pouquinho, né? Só isso. Você sabe tudo isso e não aguentou, tinha que vir aqui e me contar.

– Nós somos velhos amigos, não somos, Jack? – Ela sorriu meio irônica, olhando para ele.

– Há quanto tempo você trabalha para de Groot?

– Tempo suficiente.

– O suficiente para ele te contar tudo sobre as falcatruas dele no mundo da arte?

Larissa virou os olhos.

– Você sabe, mas a mulher não?

– Rhonda? – perguntou, zombando. – Eu sou uma funcionária da De Groot Finance. Não uma conselheira matrimonial.

Jack manteve a boca fechada, mas a expressão em seu rosto deve ter deixado escapar alguma coisa.

– Nem pense nisso – Larissa falou, elevando novamente a voz. – Não sou obrigada a trepar com ninguém que eu não queira.

– Isso não quer dizer que não trepou.

– Não, não quer dizer. – Larissa coçou a palma da mão. – Falou com Rhonda?

– Nós estamos frequentando o mesmo grupo de apoio – Jack disse. – Depois do trauma do assalto.

– Valeria a pena ser honesto comigo.

Do lado de fora, o dia chegava ao fim e partia para o horizonte, o seu calor indo junto, como um casacão pesado. O apartamento de Jack era uma opressão só.

– Você começa. Tudo que eu vejo são curvas.

– Não gosta delas?

– Sou do tipo nervoso.

– Não que eu me lembre.

– Então agora vale, né? Há um instante eu te ofendi.

– Você presumiu. Agora sabe.

Jack balançou a cabeça.

– O que você quer, Larissa?

Ela olhou para o seu próprio colo. Aí, deu uma ajeitada nos cabelos e se sentou toda reta.

– Dinheiro – falou.

– Ah, a velha palavra.

– Jack, nós precisamos entrar em um acordo.

Ele concordou com a cabeça. Pelo menos, ela não queria dar um murro no seu estômago.

– De Groot faz milhões. A arte religiosa é a especialidade dele. A Europa Oriental está sendo completamente saqueada e os

coleccionadores estão loucos, querendo pagar tudo com o dólar todopoderoso. E todo mundo está atrás da Sergius. Tem uma fila enorme já.

- Achei que você trabalhasse para revistas de moda...
- Eu tenho diploma de economia.
- Com mestrado em...
- Negócios internacionais e sou dona de mim mesma.
- Certo. E agora você está se especializando em arte roubada?
- Só dessa vez.
- Isso significa?

Larissa ficou de pé.

– Eu desviei uma pequena peça do comboio de arte roubada de Richard de Groot.

– Desviou?

Ela olhou em volta.

– Tem alguma coisa para beber?

Jack apontou para a mesa de jantar. A sua garrafa de St. Agnes estava lá.

Larissa se levantou, andou até a mesa, olhou para a garrafa.

– Minha avó costumava botar isso nos pudins que fazia.

Jack deu uma risada.

– Então você sabe que não vai te matar.

– Você é a própria classe. – Larissa abriu a tampa e serviu boas doses de brandy em dois copos. – Mas se você me ouvir, Jack, você vai comprar o que há de melhor.

Andou de volta, entregou o copo a ele. Ficou de pé ao lado da Eames.

– Saúde. – Tiniu seu copo no dele. – Bem. A merda de sempre quando se trata de roubo e negócio. Só mais um dia no escritório. Mas desta vez Richard não queria a Sergius pelo dinheiro que valia. Queria enviar uma mensagem. – Larissa bebeu um pouco. – Um rival antigo entrou no ramo e está ficando muito rico rapidamente. Rapidamente demais. E com isso Richard está perdendo clientes.

Jack riu. Algumas peças do quebra-cabeça estavam começando a tomar forma.

– A Sergius foi roubada de outro mercador de arte?

– Exato. E isso quer dizer que ninguém vai envolver a lei, Jack. Dá para entender? É como se a maçã do quintal do seu vizinho caísse no seu.

– Isso não quer dizer que ele não vá querer de volta.

– Nessa hora, eu não vou estar mais aqui.

Jack deu um gole no brandy.

– Este outro ladrão de arte, por acaso, é um cara chamado Viktor Kablunak?

Isso a tomou de surpresa. Ainda assim pareceu resistir bem.

– Você o conhece?

– O meu novo melhor amigo.

– Merda.

Jack bebeu mais um pouco.

– E que tal Shane Ferguson?

Ela fez uma cara de desdém.

– É o que eu imaginava. Então, você sabe que ele está todo amarrado numa cadeira, preso num armazém de Kablunak. Não me pareceu muito bem. Tenho certeza de que ele também não estava se sentindo nada bem.

O rosto de Larissa ficou pálido.

– Isso significa que Kablunak sabe tudo sobre a... – Jack fingiu não se lembrar. – Como é mesmo o nome?

– A Sergius.

– É isso, a Sergius. E como Shane a enviou para mim...

Ela mordeu o seu lábio inferior.

– Você recebeu?

– Não, ainda está a caminho.

Uma pausa. Os pensamentos brilhando no cérebro dela trabalharam para que o seu rosto fechado brilhasse.

– Então nós ainda podemos fazer isso, Jack!

– Nós?

14

LOIS SAIU DO QUARTO, SONOLENTA, olhos semiabertos. Parou e bocejou. Lambeu-se. Continuou a andar. Cutucou a perna de Larissa e se jogou em uma almofada no chão.

– Ainda com esta pulguenta.

– Lois está se recuperando de alcoolismo. Eu a ajudo a se manter de pé.

– Bem, eu dou para você 20 mil dólares.

– Não vem sendo meu número da sorte nos últimos tempos.

– Ótimo. Vinte e um, então. Isso daria para você comprar algumas boas primeiras edições, Jack. Ou poderia dar uma boa arrumada na livraria. Ou, quem sabe, umas boas férias em Positano. Tenho certeza de que você está merecendo uma.

Jack sorriu, coçou o queixo.

– E isso ainda deixa para você, limpinhos, uns 100 mil, né? Tem certeza de que 21 é justo?

– Você não acha que 21 mil dólares é mais do que suficiente para não fazer absolutamente nada?

– É isso que você quer que eu faça? – Jack ficou de pé, foi até a garrafa de brandy na mesa de jantar e se serviu de mais uma dose.

– Quero 50.

– Você acha que isso é uma piada?

– Claro que não. Acho que sou o queijo do sanduíche quente de todo mundo.

– Por que não me dá uma mordidinha então?

Jack olhou para ela. Saiu de um trabalho assalariado para ser sócia num piscar de olhos.

– Ora, ora, Larissa. Quem está sendo boba agora? – Mas a ideia ainda flutuava em troca de estoque. Exatamente como ela pensava que aconteceria.

– Por que não? – Olhou em volta. – Não vejo nenhuma namorada em nenhum lugar.

Jack bebeu, observou Larissa através do copo. Estava apelando de novo para aquele olhar escuro, enfumaçado, sexy, apenas com um leve toque de “aí-estou-eu”. Pôs o copo de novo na mesa.

– Tem um cigarro?

– Não.

– Então você conhece Shane Ferguson, né?

Uma pausa. Pareceu desapontada.

– Conheço sim, do palco. Somos membros da mesma companhia em Surry Hills. O Palomino Theatre.

– Você é atriz?

– Não faça essa cara tão chocada. Na verdade, sou muito boa.

– Não duvido.

– Fizemos o *O mercador de Veneza* na última temporada. Eu era Portia. Fui até elogiada nos jornais.

– Alguma cena de baile de máscaras?

– O quê?

– Nada, nada. Parabéns. Mas agora me diz por que será que Shane Ferguson me mandaria uma Bíblia roubada pelo correio?

Larissa suspirou pesadamente.

– Porque, por último, estavam atrás dele.

– O que é que aconteceu?

– Depois do trabalho, Shane ia pegar a Sergius e levá-la com ele para a China, onde tiraria uma fotos. Ficou com ela até eu chegar. Dei então o pacote que parecia ser o original e ele escondeu no armazém. Tudo muito rápido.

– Isso deve ter levado meses para ser planejado.

– Olha, era bem simples e perfeito e tudo estava bem cercado, pode acreditar. Os caras com quem estava trabalhando eram *acidentais*. De qualquer modo, não sei o que aconteceu exatamente, mas, a partir de um certo momento, começaram a ficar de olho nele e seguiram seu táxi até o aeroporto. Por sorte, Shane reparou no carro. Deu ao motorista do táxi muitas notas de 50 e pediu para ele enviar pelo correio um pacote. Claro que não para a casa dele e muito menos para a minha. Lembrou-se de você da noite do assalto

e de um livro que tinham tirado de você. O endereço da livraria estava nele.

– *Moscou contra 007.*

– Esse mesmo. Me ligou pelo celular e me contou tudo. Pensei que tivesse ido para a China.

– E você aqui! – Jack olhou o apartamento todo. Larissa tinha armado tudo muito bem: para ela.

– Como é que ele se envolveu com os caras que assaltaram a De Groot?

– Shane conhece um deles e eles o chamaram para o serviço. – Larissa coçou uma sobrancelha com o dedo mindinho.

– Mas por que é que ele faria isso? Você o convenceu?

– *Moi?*

– Isso mesmo, Srta. *Moi.*

– Os quinze anos em que tentou ser um ator o deixaram com uma montanha de dívidas. Trinta e cinco anos, quebrado, e sem muito talento. Ele queria e precisava de uma solução rápida. Nada a ver comigo.

– E quanto a você?

Larissa riu.

– Eu não precisaria mais trabalhar para o homem, Jack.

– Você confiava no Shane com a Sergius?

– O que é que ele ia fazer com uma Bíblia roubada que não tem preço? Leiloar no eBay?

Jack se serviu de mais brandy. Ficou segurando a garrafa para Larissa. Ela veio com seu copo. Ficou mais juntinha dele do que precisava.

– Então, Shane era o seu bilhete de passagem.

– Ele era a minha viagem.

– E depois ia tomar conta de todo o resto?

– Isso mesmo. Tudo era perfeito.

– Só que agora a Sergius vai estar comigo.

Ela concordou com a cabeça. Dobrou uma de suas pernas para que o joelho tocasse no de Jack. Os olhos, ela os mantinha firmes nos dele.

Jack apreciou a maciez do pescoço dela, sua pele de leite e mel, a suavidade de seus lábios.

– Eu já disse para você. Ela não tá aqui.

– Podíamos esperar juntos por ela?

– Eu só tenho um quarto. E a Lois dorme no sofá.

– E qual o problema?

Inclinou a cabeça para trás. Beijaram-se. Lentamente. Longamente. Foi uma mudança muito legal em relação ao recente trabalho de Jack como um saco humano de pancadas. Continuaram se beijando. Cada vez melhor. Jack estava tomado por emoções conflitantes: mas, naquele momento, pelo menos seus lábios sabiam que diabos estava acontecendo.

QUARTA DE MANHÃ. EM VEZ de Larissa, ao lado de Jack estava um livro velho. E uma nota: *Eu te ligo mais tarde. Achei que gostaria de alguns fatos interessantes!* Jack apanhou o livro: *The new Banburry Dictionary of saints and sinners*, editado por Stefan Williams. Ele se sentou um pouco na cama. Segunda edição, 1975, Banburry Cross Press, Illinois, USA. Quinze dólares, escrito a lápis na página do título. Não tinha sobrecapa, só a capa original toda surrada, as bordas de pano, de um vermelho ocre bem pálido, os cantos gastos e um pouco achatados. Título e autor estampados na frente e na lombada em letras douradas horrorosas. Páginas creme amareladas e, na parte interna da contracapa, havia, colado, um velho bolso para a ficha de empréstimo de livros da biblioteca – catálogo número 823.89, R746h, Pepperdine University Library, Malibu, California 90265. *Aviso aos usuários: taxa de empréstimo, 0,25 por dia. O valor total tem um abatimento de 50% no caso de pagamento imediato no dia previsto para a devolução.* Um selo indicava que em um determinado momento o livro tinha ido parar na Tecolote Bookshop, De la Guerre Studios, Santa Barbara. E agora, momentaneamente, estava na Susko Books, via Larissa Tate, Sidney, Austrália. Até os objetos inanimados conseguiam conhecer mais o mundo do que Jack.

Ele folheou e abriu onde estava marcado. Página 217.

Sergius, o Novo, monge, n 1322; Smolensk, m. 1396, Zargosk; cd. 1443; f.d. 15 de janeiro

Nascido Boris, Sergius, o Novo, teve uma infância extremamente difícil e de grande pobreza. A família era pobre e se mudava constantemente, várias vezes forçada a fugir das aldeias devido à doença mental do pai e o terrível estigma que o marcava. As autoridades das cidades terminaram por prendê-lo e encerrar o

infeliz sofredor em um sanatório em 1329; para conseguir sobreviver, a mãe foi obrigada a dar alguns de seus oito filhos. Boris, o mais novo, foi deixado na escada de pedra da entrada do Monastério do Espírito Santo, onde ele logo entrou para a ordem.

Não muito tempo depois, a lenda nos conta que ele foi descoberto no Scriptorium em uma noite de inverno particularmente gelada, dormindo junto à lareira (o Scriptorium era o único lugar do Monastério que tinha aquecimento). A consequente punição que ele sofreu foi particularmente brutal e reservada somente para os pecados mais odiosos: quarenta e duas chibatadas com a vara congelada de uma bétula. Comenta-se que no pico da dor e do delírio que lhe tomou, Deus apareceu para ele: Ele instruiu Sergius a ilustrar a Bíblia, "...com a luz da glória Dele que se sentava no trono do mundo e por isso era respeitado." [Theo. *Ecc*, II. Et.iv.7]. Sentenciado a ser punido ainda mais pelas blasfêmias que proferiu, Sergius foi perdoado na décima primeira hora após o abade ter sido visitado por Deus em um sonho e instruído a colocar de novo Sergius no Scriptorium e começar a ensiná-lo a arte da ilustração. Comentou-se que foi mostrado ao abade a visão dos Grandes Fogos da Ira de Deus. O desejo de Deus foi então rigorosamente executado.

Sergius, o Novo, tornou-se famoso como um jovem monge pela perfeição de suas linhas, desenhadas livremente e sem ajuda tecnológica, tanto com a mão esquerda quanto com a direita. Controverso, o papel do manuscrito era colocado em um ângulo cruzado em sua mesa no Scriptorium. (Isso acabou se tornando um procedimento padrão.) Outras inovações incluíam uma almofada, feita de tecido hessiano e com recheio de palha nova, algo que ajudava em mais de três horas a produtividade de um monge e mais folhas encaixadas no pesado carvalho da mesa do Scriptorium, para a colocação segura dos vidros de tinta, o que resultou em uma significativa redução na taxa de derramamentos acidentais e nos estragos de manuscritos, o que fez Sergius ser convocado diante do bispo de Smolensk e elogiado na frente de uma assembleia de abades. Isso o levou a ser nomeado, em 1354, o Grande Escriba do Monastério da Trindade de Zargosk, onde ele iria passar o resto de sua vida e igualmente completar a Tarefa de Deus: culminando com sua obra-prima, o Livro Sagrado ilustrado que, desde então, passou a ser conhecido

como a Bíblia Sergius. Isso tudo levou 42 anos para ser terminado e foi finalizado exatamente no dia de sua morte, em 1396.

Em 1621, Sergius, o Novo, foi canonizado como o santo dos sofredores de artrite. O Vaticano investigou a Bíblia Sergius em 1967, após uma sucessão de milagres ser atribuída a ela por aqueles que leram suas páginas. Em 1974, foi oficialmente considerada uma relíquia sagrada.

Jack fechou o livro, deixou-o ao seu lado na cama e entrou mais um pouco para debaixo dos lençóis. *A Bíblia Sergius*. Pensou no que seria segurá-la. Todos os 122 mil dólares valiam isso. Todos os mais de seiscentos anos de história que ela representava. E imaginou que, se pedisse educadamente, Viktor Kablunak emprestaria para ele por um fim de semana.

16

O MUNDO PARECIA UM FORNO giratório gigante. Nuvens pesadas e ameaçadoras já haviam começado a aparecer e tomar conta do céu no horizonte, sobrepondo-se umas às outras, fazendo com que as nuvens mais baixas ficassem com uma cor cinza sombria. A umidade se desprendendo delas, como uma esponja sendo espremida.

Sentou-se para tomar café em um bar da QVB, misturando-se com turistas. Todos alegres e radiantes, com exceção de Jack. Deu uma olhada no menu, mas só teve apetite por um café preto longo e um croissant. Demorou com o livro, foi mais tarde para a Susko Books. Atravessou a York Street, deu uma olhada no relógio do Town Hall: 10h40. Como sempre, não havia nenhuma multidão esperando impacientemente que ele abrisse a livraria.

Mas havia alguns grafites novos na parede ao lado dos degraus que levavam à mais fina loja de livros de alta qualidade de toda a Sidney. Dizia: *Deixe ir*. Quando Jack destrancou a porta e entrou, ficou calculando as suas chances. Olhando para o lugar, não pensou que elas fossem das melhores.

A Susko Books estava toda no chão. Arrasada. Saqueada. *Arruinada*. A raiva inchou o peito de Jack como se fosse um ataque do coração. Alguns corredores tinham sido poupados, mas o resto foi violentamente tratado. O balcão também estava um bolo confuso de papéis, faturas e contas, arrancados dos arquivos que ficavam embaixo dele. As gavetas do gabinete sob a mesa haviam sido arrancadas e penduradas em seus trilhos como bolsos vazios. Vinho derramado sempre parecia mais do que realmente cabia na taça e agora Jack também sabia que o mesmo se aplicava a livros. Ficou olhando, meio tonto, em total silêncio, um pouco impressionado ao ver a quantidade de livros. Como se ele jamais houvesse vendido ao menos um em toda a sua vida.

Viktor Kablunak? Mas os seus homens já tinham estado ali. E já estava claro que Kablunak ia atacar Jack caso não devolvesse a Sergius para ele. Então quem? Os mesmos caras que tinham invadido o seu apartamento? Quem mais sabia da Sergius – e, mais uma coisa, quem mais sabia também que ela teria sido enviada para Jack? Shane Ferguson sabia com certeza, mas Jack achava seriamente que este não era o tipo de trabalho que ele faria. Havia então Larissa, mas ela tinha o próprio Jack como álibi para a noite inteira. Talvez tivesse contado para alguém? Quem sabe para o próprio Richard de Groot? Jack conseguia visualizar o capanga dele, Lewis, vindo até a cidade atrás de suas estantes, procurando pela Bíblia. Mas por que Larissa diria alguma coisa para de Groot? Afinal, ela estava tentando roubar a coisa dele...

Andou até o balcão tentando não pisar no seu estoque. Agachou-se e pegou alguns livros do chão e, com delicadeza, colocou-os em seus lugares. Percebeu um livrinho fino, todo amassado, de capa preta que já tivera dias melhores. *Fragments*, de Heraclitus. Talvez fosse isso de que Jack precisava neste momento difícil. Uma cognição antiga. Um pouco do conhecimento universal. Folheou o livro aberto e apontou o dedo. Página seis.

χρυσὸν γὰρ οἱ διζήμενοι γην πολλὴν ορύσσουσι καὶ εὐρίσκουσιν ὀλίγον.

Jamais uma resposta direta.

Depois de um tempo, a raiva de Jack diminuiu um pouco. A adrenalina do seu corpo começou a baixar. De repente, algo lhe ocorreu: como é que tinham conseguido entrar? Foi de novo até a porta da frente e deu uma olhada. A fechadura estava intacta. Correu até a porta de trás, que dava para o Market Row, o lugar mais plausível para a invasão. Fechada. Mas que porra?

Alguém tinha entrado com chaves. Talvez as mesmas chaves que tinham sido usadas na Leicester Street. Fora aquelas que estavam no bolso de Jack, só havia mais dois pares. Uma estava lá no seu apartamento, na gaveta de cima do aparador. A outra estava no porta-luvas do Toyota.

17

O PRIMO CARL ERA ELETRICISTA. Tinha um pequeno anúncio nas *Páginas Amarelas*. Jack tentou o celular que constava ali, mas a chamada caiu na caixa postal. *Deixe o seu nome, número...* Carl não parecia gostar do que fazia. Jack não deixou mensagem. Procurou por um *Reiss, C.* no catálogo de endereços e achou o número residencial do primo. E o endereço. Anotou o endereço. Sem telefonemas. Era melhor ele ir pessoalmente. Certamente era um assunto para ser tratado de homem para homem, cara a cara.

A casa de Carl era em Bankstown. Longe demais, quente demais e precisava urgentemente de uma melhora no transporte público. Portanto, Jack precisava de um carro. Pegou o telefone e ligou para Ray Campbell.

– Ainda tomando as suas margaritas?

– Mas é claro, Jack. Campbell, o bom navio, está passando agora adoravelmente pelo Canal do Panamá e todos a bordo estão relaxados e alegres.

– Então você não está precisando do seu carro, está?

– Neste momento, de jeito nenhum. Você está?

– Preciso ir a um lugar.

– Está muito valorizado, Jack. E, no final das contas, você sempre volta para onde começou.

– Sem problema. Só não quero levar muito tempo na viagem de volta.

– Rápido, rápido! A aflição moderna.

– Preciso para hoje à tarde. Alguma chance?

– Todas. Só que ele está quebrado. Desculpa, Jack.

– Você não bateu o seu Daimler, né?

– Não, não bati não. Nada nesse sentido. Foi na parte elétrica. Eu liguei os faróis outra noite e o ventilador começou a funcionar. Deu

um curto circuito no ponteiro e atingiu os limpadores dos para-brisas. E aí o motor de arranque pegou fogo.

– Os ingleses nunca entenderam de eletricidade.

– Mas o importante é que eu estou bem.

Jack ficou desapontado. O Daimler era um Sovereign 4.2, modelo 1973 – um motor de verdade, grande e de bronze, era como estar dirigindo uma verdadeira sala de estar. Os assentos de couro estavam quebrados e você não ia muito longe com 100 dólares de gasolina, mas até uma bunda se sentia um rei, ou uma rainha, atrás da direção.

– Vai sair caro o conserto?

– Não quero nem pensar nisso enquanto estou de férias.

– Mais do que justo. – Jack mexeu em alguns livros que estavam sobre o balcão. – Ouça, Ray, você alguma vez ouviu falar da Bíblia Sergius?

– Bem, eu deveria, é claro. Afinal, não sou somente um mero vendedor de livros de segunda mão, você sabe muito bem.

– Há muitas coisas que você não é, Raymond.

– *Touché*. – Mas Ray percebeu algo no tom de voz de Jack. – Filho, você está com problemas, deprimido?

Jack deu uma olhada na Susko Books.

– Algo mais ou menos assim. Então, o que você sabe? Mas não precisa dar uma lição de história. Já li muito sobre.

– Os fatos mais corriqueiros? Bem, ela foi roubada no ano passado do Monastério de Zargosk na bela Rússia. E à luz do dia, meu caro.

– Houve um barulho de papel sendo mexido do outro lado da linha.

– Espere um pouco. Estou pegando a revista. Tenho quase certeza de que isso estava na última *Time*.

Jack esperou um momento. Estava com pressa para chegar à casa do primo, mas também estava curioso em saber qualquer informação extra que fosse sobre a Sergius. Não que tivesse alguma noção de como isso serviria para alguma coisa.

Ray pegou o telefone de volta.

– Aqui está.

– Você lê a *Time*?

– Ganhei uma assinatura de aniversário. É a intenção que conta.

– O que diz a matéria?

– Um segundo, por favor, que estou procurando. – Ray ficou sussurrando enquanto folheava as páginas da revista. – Vejamos... artigo sobre o declínio na produção mundial de petróleo... declínio sobre a taxa de esperma nos homens ocidentais... declínio dos Estados Unidos, dos mercados financeiros do mundo e do meio ambiente também. Ah, porra, até Hollywood está indo pela descarga.

– Parece que o mundo está nas últimas.

– Mas o que será que aconteceu com as boas notícias? – Ray perguntou. – Sobre a abdução alienígena nas pequenas cidades rurais? E os pandas que enfim resolveram mexer as bundas para ajudar a manter a própria espécie? E onde estão as tiras de quadrinhos? Mas o que será que aconteceu com Andy Capp, deitado em seu sofá, virado de costas para o mundo?

– Você se aposentou da vida pública.

– Muito engraçadinho.

– Vamos, Ray. Estou com uma pressa danada.

– Ah, achei, achei. Página 36. “A Comédia Não Tão Divina”, de Dahlia Wallis. Vou ler: “O mercado negro internacional de arte religiosa está em alvoroço. Graças a uma fraca segurança e a pedidos incessantes dos colecionadores, ladrões estão se ajudando ardorosamente com alguns dos trabalhos mais antigos e preciosos do mundo. Os alvos principais são, particularmente, as igrejas da Europa Oriental. E, ao que parece, não há muita coisa lá que os façam parar: nem segurança, nem vergonha. ‘Ninguém tem mais medo da polícia, isso não existe’, afirma o Padre Constantino Gligoris. ‘Os ladrões não temem mais ninguém, nem mesmo a Deus.’”

– E onde a Sergius está citada?

– Hummm... aqui. Há uma lista de obras roubadas e seus respectivos valores. Uma pintura de Caravaggio sobre o nascimento de Cristo, avaliada em torno de 20 milhões, foi roubada em Palermo. Por uma pintura da Virgem Maria e do Menino Jesus incrustada de joias, roubada de um monastério em Montenegro, localizado em uma esarpa muito alta, 2,7 milhões. Uma *A Última Ceia* sem preço.

Por uma Madona Negra, 1,9 milhões. Várias cruces e incensórios e Calvários de Cristo em madeira. Ah, e aqui está, a Bíblia Sergius, 1,7 milhões de euros.

Jack perdeu a respiração por um instante.

– Como? Quanto?

– Um ponto sete. Isso dá aproximadamente 3,5 milhões de dólares, mais ou menos.

Silêncio.

– A rigor, na cotação de hoje, 3,4.

Silêncio.

– Jack? Alô?

– Isso é muito dinheiro. – A voz de Jack estava rouca, como se tivesse fumado um maço inteiro de cigarros nos últimos cinco segundos.

– Voltando à leitura... – Ray falou. – “Tudo isso é parte de uma indústria ilegal que, estima-se, alcançou o patamar de 6 bilhões de dólares americanos no ano passado.”

Uma pequena onda de maré alta invadiu o cérebro de Jack. Ele se sentou.

– Que patamar! – disse.

Ray continuou:

– “Com mais frequência do que se imagina, pistoleiros armados entram e saem tranquilamente. O Escritório Central de Luta contra o Tráfico de Bens Culturais, da França, acredita que muitos desses pedidos partem dos novos bilionários da Rússia que, segundo comentários, pagam uma bela quantia para enfeitar suas dachas de verão com preciosidades sagradas exclusivas.”

Jack podia sentir um grampo entrando em sua cabeça, ouvir o estalar dos parafusos conforme eles iam apertando sua têmpora.

– Eu consegui um velho quadro comemorativo da Comunhão – disse. – Anjos tocando trombetas de ouro. Quanto é que você calcula?

Ray deu uma gargalhada.

– No mínimo, 100 mil.

– É quanto eu estava imaginando.

– Mas por que este interesse em bíblias?

Jack lambeu seus lábios secos.

– Um cliente... me perguntou sobre a Sergius. – Lutou para inventar uma boa desculpa. – Queria saber se havia algum livro sobre ela.

– Quer que eu mande para você o artigo?

– Não... não precisa... já está ótimo. Muito obrigado, Ray.

– Desculpe pelo carro.

– Nenhum problema. Tenho outra opção. Acho que vai dar.

– Dirija com cuidado.

– Sempre.

Três ponto quatro milhões de dólares. Estava mais do que explicado por que tinha tanta gente metida no negócio. Será que Jack era o único que não tinha a menor noção?

Saiu de si por um instante e olhou. É, ele estava ali. Um porquinho no meio dos lobos maus.

Não era um telefonema que Jack gostaria de dar. Conhecia Chester Sinclair muito bem e pedir um favor ao homem era o mesmo que ter que ver sua perna sendo decepada. Shylock não era páreo para este cara.

– Alô?

– Chester, sou eu, Jack.

– Ora, ora, Sr. Susko. Que surpresa mais agradável. – A voz já era de uma presunção só. Jack mal havia ligado e a antena de Sinclair tinha apanhado imediatamente no ar que ele estava precisando de alguma coisa.

– Como estão indo as coisas?

– Apertadas, claro, apertadas. O triste panorama econômico atual, Jackie querido, está tornando as coisas cada vez mais difíceis. O consumidor não gastando porra nenhuma. Pobre Bookstalk, meu amigo, pobre Bookstalk. – Ele suspirou. – Mas temos que manter nossas cabeças erguidas.

– Hummmmm – Jack disse, desejando de novo que ele jamais tivesse dado a sua ideia para um nome de livraria “Jack and Bookstalk”, em frente a Sinclair que o tinha roubado sem o menor

remorso ou culpa. Mas Sinclair era este tipo de sujeito. Enquanto ainda segurava o telefone no ouvido, Jack continuava a pensar se devia pedir um favor ao homem. Ele quase podia ver a cara pastosa de Sinclair, internamente ganhando um pouco de cor quando humildemente pedisse para ele lhe emprestar seu carro. Emprestar não, alugar.

– E quanto a você, Jack? – Sinclair perguntou. – Bem ou mal?

– Flutuando nos dois.

– Cuidado com a maré.

– Tenho uma boa prancha de madeira.

– Segure firme.

Jack coçou o rosto.

– Seu carro ainda está andando, Chester?

– Meu carro?

Jack pôde ouvir a antena da cabeça de Sinclair começando a trabalhar.

– Precisava dele emprestado. Só por hoje. No máximo, por três ou quatro horas.

– Para quê?

– Preciso pegar algo. – Jack manteve sua voz neutra.

– Sei. – Sinclair limpou a garganta. – Bem, eu ia precisar dele hoje. Seria *realmente* ruim para mim.

– Precisa para quê? – Jack lhe fez esta concessão. Discutir o preço era algo inevitável mesmo e ele queria resolver tudo rapidamente.

– Minha mãe precisa ir ao médico. – Sinclair havia optado pelo ângulo simpático. – Ela está muito doente.

Provavelmente, desde que você nasceu.

– E você é um filho maravilhoso. – Jack disse.

– Bem, a gente tem que ajudar no que pode.

– Deixo o tanque de gasolina cheio na volta.

– Mais 50.

Jack balançou a cabeça.

– Isso é pura mesquinharia, Sinclair. Eu podia alugar um carro por esse preço. E não seria por um pedaço de merda.

– É mesmo? Então, por que não aluga?

Filho da puta. Jack teria alugado, mas não tinha mais nada em nenhum de seus três malditos cartões de crédito dourados. Respirou firme, para a raiva baixar.

– Porque preferiria encher o tanque de um amigo – respondeu. Foi um esforço bem pobre quanto à sinceridade e todos que tivessem escutado saberiam disso.

Chester tossiu.

– Tanque cheio e mais 50.

– Sinclair, eu não quero *comprar* o seu carro.

– Vamos... vamos...

Jack olhou para o relógio. Quase 11h30. *Putá que pariu.* Ele realmente odiava Chester Sinclair.

– Ok, ok! Feito.

– Ah, eu ainda preciso que você entregue uma coisa pra mim no caminho.

– Não abusa, Sinclair.

– Não vai levar mais que cinco minutos. – Deu uma pausa. – Entrega os 50 para o Eddie.

– Tá falando sério?

– Que foi? Você está me pagando 50, portanto, o dinheiro é meu e eu quero dar para o Eddie.

– Randwick não vai estar no meu caminho.

– É, mas a minha velhinha vai ter que pegar um ônibus por sua causa. E os quadris dela são presos por parafusos de metal.

– Porra.

Os dedos de Chester batendo podiam ser ouvidos pela linha.

– Olha – disse, como se estivesse falando um grande segredo. – É algo certo, pode ter certeza. Você devia aplicar algum dinheiro nisso também. Eddie deu um pulo aqui no fim de semana e me deu a dica. Tudo o que ele queria era um livro de Dick Francis em edição de capa dura. Também estou mandando velho livro em brochura para ele também.

– Porra – disse Jack, com um cansaço enorme lhe pesando como se estivesse envolvido por correntes.

– Eddie vai estar lá o dia todo. Só cinco minutos!

Eddie Roy. Devia estar perto dos 100 anos, vestido como se ainda estivesse em 1932, e vendia salsichas finas grelhadas em uma carroça toda gordurosa no Royal Randwick. Parecia possuir um pequeno canto de um grande pedaço de merda que tinha sido deixado por Phar Lap, no qual ele lia o futuro como se fosse folhas de chá. Ele havia conseguido adivinhar algumas coisas nos velhos tempos e, por isso, um mito foi criado em torno dele. Com a tendência humana de querer acreditar no milagre, Eddie Roy tinha se saído bem. Aparentemente, o pai dele tinha sido uma espécie de pregador. Agora, os verdadeiros crentes, os caçadores de milagres, iam atrás dessas coisas e não atrás da igreja.

– Sexto páreo – Chester disse. – Babylon Boy, cinquenta na ponta. Anotou?

Jack escreveu em um pedaço de papel.

– Anotei sim.

– O carro está estacionado perto da minha casa. Um Subaru branco com bagageiro.

– As chaves?

– Não precisa delas. Qualquer uma serve. Cary Street, número 10, Leichhardt.

– Tem certeza de que o carro ainda está lá?

– Ninguém *sabe* que qualquer chave serve.

– E o que mais tem de errado com ele?

– Nada. Mas o tanque tá vazio.

Jack fechou os olhos, puxou a cabeça para trás, como se estivesse usando um guindaste.

– E quanto às rodas? Vou precisar levar as minhas?

– Só a gasolina. E cuidado nas curvas. O freio das rodas da frente às vezes trava, mas depois se recupera. Quase esmaguei um pedestre outro dia.

– Acho que vou pegar a bicicleta do meu vizinho emprestada.

– E esteja de volta até às 18h.

– Será que ele dura tanto?

– O carro é finíssimo e tem garantia japonesa, Susko. Não me desaponte.

Jack grunhiu.

– Tanque cheio, mais 50 – Sinclair voltou a repetir. – Babylon Boy com Eddie, volta às 18h. Se bater, o prejuízo é seu.

Então Chester desligou.

Jack botou o telefone no lugar. No balcão, no meio da pilha de livros que tinha apanhado do chão, *A arte da guerra*, de Sun Tzu; tradução do grupo Denma, Shambhala Classics, Boston, Estados Unidos, quarta edição. Estava mais para isso. Como dar um belo chute em uma *bunda*. Fechou os olhos, abriu o livro. Pensou forte em sua situação e colocou o dedo no livro. Olhou. Página 21.

Seja extremamente sutil, ao ponto de perder a forma.

Seja extremamente misterioso, ao ponto de perder o som.

Desse modo, poderá conduzir o destino de seu oponente.

Jack jogou o livro de volta no balcão. Juntou suas coisas. Ele ia precisar de algo mais preciso do que isso, de algo mais do tipo “como fazer”.

18

A PARRAMATTA ROAD ESTAVA QUENTE e desagradável como sempre. Margeada por lojas vazias como um velho cenário de filme antigo, só tráfego e mais tráfego. O ônibus da rota 440 que Jack pegou era um daqueles que não tinha ar-condicionado e que, mesmo com as janelas e a ventilação escancaradas e somente quatro passageiros suados nele para gerar calor, Jack suava feito um desesperado dentro da caixa de metal. Ao fundo, no horizonte, havia mais esboços de nuvens pesadas tomando o céu, alimentando-se de chuva para despejar uma tempestade. Jack torcia para que ela caísse logo.

Saltou na esquina da Norton com a Marion Street. Jatos de passageiros faziam um barulhão, que se juntavam aos ruídos dos ônibus e dos carros e ao calor insuportável que envolvia tudo, poeirento, vagaroso e marrom. O lugar que Sinclair indicara era depois da esquina. Jack encontrou o carro umas três casas depois: um Subaru Fiori branco, 1992, uma ferrugem só.

Era do tamanho de uma caixa de fósforos. Dirigi-lo seria o equivalente a andar na garupa de uma mosca. Jack olhou pelas janelas: livros, papéis, revistas, embalagens vazias de chocolate e latas de Pepsi, copos de café para viagem, uma desgastada caixa de papelão no banco de trás com a manga de um casaco por cima. Darth Vader pendurado no espelho do retrovisor. Abriu a porta do motorista e quase desmaiou: devia estar uns mil graus lá dentro. Um forte cheiro de kebab, baba ganoush de alho, suor podre. Enquanto Jack fazia um esforço para entrar, se ajeitar no assento e abaixar a janela, pensou seriamente em ir a pé até Bankstown. Até agora, era como se houvesse entrado debaixo do sôco de Chester Sinclair.

Jack usou a chave do seu apartamento: o motor reagiu mal. No início. Setecentos e cinquenta e oito centímetros cúbicos de pura

força nas pontas dos seus dedos. Zero a cem em três semanas. Depois que Jack encheu o tanque e estava descendo a Old Canterbury Road, descobriu que nada funcionava a não ser a luz do pisca alerta: todo o resto era de um único vermelho forte. Será que a coisa ia explodir? Ou talvez, quem sabe, o carro era sobrenatural e estava dizendo para Jack ficar atento com a morte que se aproximava?

Bankstown fumegava com o calor. A claridade fazia com que Jack tivesse quase que fechar os olhos. A Old Canterbury Road tinha finalmente levado o Fiori para um subúrbio de ruas largas e baixas, margeadas por casas térreas e armazéns, e Jack passou por lotes de terra áridos e vazios até entrar nas ruas comerciais, por parques velhos, alguns com brinquedos, até virar na Begonia Place. Um lugar em que ele não pisava os pés fazia tantos anos e do qual nem se lembrava mais.

A casa do primo Carl era baixa, de tijolos entalhados laranja, com um telhado de telhas marrons-escuras e calhas de alumínio também marrons e descascadas.

Tinha um pátio na parte da frente, grande e nu, com uma grama rala e seca e, em seu centro, uma piscina de encher, vermelha e branca, cheia de folhas e alguns poucos brinquedos afogados. À direita, um caminho de concreto com uma faixa natural no meio todo oleosa: levava a um estacionamento protegido por um telhado onde uma van branca, toda amassada e suja, estava parada. Um ar-condicionado em um dos lados da casa vibrava loucamente.

O lugar praticamente não tinha mudado. Jack foi até a porta da frente, nervoso, pensando em cigarros, pensando em como tinha passado tanto tempo desde que ele tinha atravessado aquilo para passar uma tarde e visitar a sua tia Eva. Caiu fora em silêncio, mas com cinco paus para um drinque e um sorvete nas lojas ali perto. Um velho sentimento estremeceu no lodo bem fundo da sua memória, como um crocodilo adormecido se arrastando pela lama espessa. Arrependimento? Raiva? Culpa? Talvez um pouco de tudo. Até felicidade. Tia Eva sempre havia sido ótima para ele.

Bateu na armação de metal da porta de tela, o som fraco, como o barulho e o estalar de uma folha de metal. Depois de um momento, ouviu alguém se mexendo lá dentro e esperou. Olhou por cima de seus ombros a rua larga e brilhante. Nostalgia era uma coisa que sempre o deixava nauseado. Alguém tinha que inventar um meio de se poder esvaziar isso, engarrafar e jogar no espaço sideral. Na maioria das vezes, Jack avaliava o passado como um exercício sem sentido.

– Posso ajudar em alguma coisa?

Uma mulher olhou pela tela da porta. Tinha os cabelos desalinhados, na altura dos ombros, de um louro quase cinza, colocados atrás das suas orelhas, e cansados olhos cor de mel em uma cara toda bronzeada e também cansada. No início dos quarenta, calculou, embora, muito provavelmente, fosse, na verdade, mais jovem. Usava uma blusinha branca e shorts rosa pálido, descalça com um pano de prato em sua mão. As unhas do pé estavam pintadas de vermelho. Tinha uma criança de 2 anos agarrada a sua perna. A mulher tinha um corpo pequeno e redondo, um pouco flácido e uma barriguinha pós-parto, mas simpática e levemente bronzeada. Atraente, mas precisava de uma semana de descanso e exercício, uma semana só para ela e seu sono. Sua mão esquerda repousava no ombro da criança. Ela estava sorrindo e era como uma luz iluminando o rosto; Jack viu que era uma dessas lutadoras, exausta, mas tentando ser feliz, e conseguindo isso, aos poucos.

– Oi – ele disse, sorrindo de volta. – Eu sou Jack Susko, primo de Carl.

Ela apertou os lábios e deu um rápido olhar de dor, como se a criancinha de 2 anos tivesse dado um beliscão nela.

– Ah!

– Ele está?

– Não, não está. Saiu. A trabalho.

Jack percebeu que a alegria do rosto dela começava a esmaecer.

– Volta logo?

– Bem... na verdade, não sei. – Atrás dela, outra criança, que devia ter uns 4 anos, talvez 5, apareceu no pequeno hall de entrada,

encostada no batente da porta, prestando atenção, seu rostinho triste.

– Olha, eu não quero...

– Mil desculpas mesmo – a mulher disse, tentando afagar um pouco o garotinho preso a sua perna. – Eu sei que ele já devia estar de volta a esta hora, mas ele ainda precisa do carro.

– Está certo.

– A van – ela falou insegura, e apontou com a cabeça na direção do automóvel – não tem mais jeito.

Jack olhou para o garotinho. Tinha os mesmos cabelos louros acinzentados, as mesmas bochechas redondas e a mesma testa da mãe; do pai, tinha os olhos pequenos e o nariz pontiagudo.

– É – Jack disse. – Carl me falou alguma coisa nesse sentido.

– Mamãe... – O outro menino continuava na entrada atrás da mãe.

– Tô com fome.

– Eu sei, querido. Só um minutinho. – Olhou para Jack, o rosto dócil, ligeiramente ruborizado e sem graça.

Jack deixou um leve sorriso aparecer. Queria deixar a mulher à vontade.

– O carro, a gente pode resolver depois. Mas eu preciso falar com Carl.

O rosto dela perdeu rubor, ficou mais calmo. Em algum lugar na casa, um bebê começou a chorar. A mulher ficou tensa novamente, seu olhar era de preocupação.

– Vai ser só um segundo.

Desceu o corredor e entrou em uma porta à direita. O menino de 2 anos corria atrás dela chamando “Mamãe, mamãe, mamãe”, puxando um pedaço surrado de flanela. O mais velho continuava onde estava e olhava Jack por debaixo da franja de seu cabelo louro.

– Como é que você tá? – Jack mexeu os pés, meio sem graça depois do olhar fixo, sem um pestanejar do menino. Tentou o que achou que seria uma cara amigável. O garoto continuou a olhar do mesmo jeito, imóvel, mudo.

– Que ótimo. – O menino estava começando a deixá-lo com um pouco de medo. No raio de seus olhos fortes e penetrantes, parecia que Jack tinha feito alguma coisa errada.

A mulher voltou com um bebê nos braços. Rosa, todo rechonchudo, os pulsos, o rosto, os pés, tudo era fofinho. Olhos de um azul cristalino, apertados, desfocados e distraídos, quase aborrecidos, como se o garotinho já estivesse acima do mundo. O menino de 2 anos vinha atrás, agarrado na bainha do short da mãe.

– Tem mais algum? – Jack perguntou.

Ela deu um sorriso.

– Não. Só três. – Mostrou o bebê em seus braços. – Essa aqui é a Amélia. Nossa surpresinha. Não foi, não, amorzinho?

– Devem deixar você alegre e ocupada.

Deu-lhe um olhar meio exasperado.

– É, é, mas só um pouquinho. – Seus ombros arredondados ficaram um pouco caídos.

– Quer dizer que o Carl só vai voltar de noite? – Jack se lembrou do porquê de estar ali. Ficar esperando até de noite para dar umas porradas no estômago do primo não era algo que realmente ele desejava.

– Olha... humm... acho que não. Provavelmente não. – A mulher arrumou o bebê, balançou-o levemente como se fosse um monte de jornais de fim de semana, algo muito pesado para os braços dela. O seu rosto se sombreou e uma espécie de dor apareceu em suas bochechas. Olhou para trás e, então, inclinou-se na direção de Jack e falou com a voz baixa:

– Carl está na casa de um amigo. A gente está dando um tempo.

Fechou momentaneamente os olhos, apertou-os com força como se estivesse colocando para fora alguma coisa de que queria se livrar logo por vontade própria. Seu pescoço ficou vermelho e seus olhos estavam vidrados quando ela voltou a abri-los.

– Mamãe?

– Tá tudo certo, querido. – Com grande habilidade, um rosto feliz e sem preocupações voltou a ocupar seu lugar, como uma foto de férias projetada na parede. Sorriu para Jack.

– Você por acaso sabe onde ele está morando? – Jack se sentiu seriamente desconfortável.

Fez que sim com a cabeça rapidamente, virou-se para o menino mais velho que estava atrás dela.

– Toby, você podia pegar algo na cozinha pro tio Jack beber? Tem um refrigerante na geladeira.

Tio Jack. Nunca tinha ouvido isso antes.

– Aquele é meu.

– A mamãe compra outro pra você. Por favor, querido.

– Basta um copo d'água.

– Tá tudo certo. Vamos, Toby. Se mexe.

A mulher abriu a porta de tela e estendeu sua mão desocupada.

– Eu me chamo Renée.

– Oi, Renée.

– E este aqui é o Nicholas. Fala oi, amorzinho.

Nicholas virou o rosto e o apertou contra a coxa bronzeada e macia da mãe. Renée despenteou seu cabelo.

– Fala, garotinho tímido.

– Não!

– Ah, que mau humor...

Toby voltou e deu para a mãe meio copo d'água.

– Toma.

– Fala "oi" para o tio Jack.

– Não. – Virou-se e desapareceu pela porta.

– Desculpa – Renée disse. Olhou para a pequenininha.

– Esquece, não fica preocupada.

Renée fechou os olhos por uns instantes. Sua testa suada e ruborizada. Ela então voltou a olhar e sorriu como desculpa, enrugou a pele em todos os cantos de seu rosto. Passou para Jack o copo d'água.

– Vou tentar falar com o Carl.

O pequeno Nicholas virou ligeiramente o rosto e deu uma espiada para cima.

– Ok – Jack falou. Por um momento, ele imaginou que ela estava falando sobre Carl ter destruído a Susko Books. Bebeu a água.

– Então você sabe onde o Carl tá morando?

– Com uns amigos em Surry Hills – respondeu ela com um ar de nojo. Que logo se tornou de raiva. – Com os amigos *atores* dele. Não sei o endereço. E estou cagando para onde é. – Renée olhou

para trás de Jack, para a rua, massageando um pouco mais forte o ombro do garotinho.

A pele em torno do crânio de Jack franziu.

– Atores?

– Uns perdedores de merda. Convenceram Carl de que ele tem talento! Hahahaha! – Parou, tentando recuperar o autocontrole.

– Qual era o nome...?

– Ele é pai de três crianças, pelo amor de Deus! – Renée não estava escutando. – Sem falar que ele também é marido. – O menino olhou para cima para ver a mãe, com os olhos grandes, espantados e molhados.

– Sabe – Renée continuou –, uma vez, vi todos eles numa peça. Vi sim. E sabe do que mais? Era constrangedor! Horrível! – Olhou para baixo, fez um carinho no cabelo do filho. – Era patético. Na escola dos meus filhos, os atores são melhores.

– Você se lembra do nome do teatro?

– Palomino ou algo parecido – respondeu. – O Palomino *de merda*. O mesmo de Larissa. O mesmo de Shane.

– O *filho da puta*.

Uma estranheza voltou a imperar entre os dois. Jack não tinha a menor ideia de como responder: achou que devia dizer que sentia muito, ou algo no gênero, mas não falou nada.

Renée inspirou profundamente e deu um longo suspiro.

Jack devolveu o copo d'água e sorriu para ela simpaticamente.

– Obrigado pela água. Tenho que ir agora.

Deu um passo para trás, no pequeno pátio de concreto em frente à porta e foi na direção do caminho curvo e todo rachado que levava à rua. Havia rabiscos feitos com giz azul e vermelho aqui e ali, desenhos sem sentido que somente as próprias crianças seriam capazes de decifrar.

– Olha, se por acaso você vir o Carl ou ouvir falar dele, podia dizer para ele me ligar? – disse.

Renée fechou os olhos novamente e fez que sim com a cabeça, voltando para dentro da casa e fechando a porta de segurança ao mesmo tempo. Desapareceu atrás da escuridão da tela tomada pelas sombras. Jack ainda fez um gesto com a mão e se enveredou

pelo gramado quente, todo mal feito, em direção ao Fiori estacionado na rua.

Não foi na primeira. Nem na segunda nem na terceira. Não era nada disso que tinha começado de repente a incomodar Jack. Nem era o interior apertado ou a temperatura de sauna. Era Lewis, o capanga, na Maserati de de Groot, estacionada a uns cem metros atrás dele na rua, tentando parecer discreto no meio dos Fords, Mazdas e Hyundais que, juntos, deviam valer o mesmo que o enfeite de couro no volante da Maserati.

Filho da puta. Agora eles o estavam seguindo?

O Fiori gemeu, grunhiu e finalmente deu a partida. Jack arrancou rápido, os olhos brilhando atentos no retrovisor enquanto observava o tráfego. Tinha alguém no banco de passageiro da Maserati também, mas ele não conseguia ver quem era. Pensou se Chester ficaria chateado se ele aumentasse um pouco mais a velocidade e desse uma porrada com o Subaru na Maserati de Richard de Groot. Ficou tentado, mas sabia que ele causaria mais problema para o outro carro com uma lata de Pepsi.

Saiu dirigindo. Olhou para a bolsa no assento ao lado dele. O aviso dos Correios de 3,4 milhões de dólares dentro dela.

Jack tinha percebido antes que Lewis tinha problemas para movimentar a cabeça da esquerda para a direita. Músculos demais no pescoço. Talvez se ele pegasse uma série de curvas e esquinas bem fechadas, poderia deixá-lo para trás.

19

ATÉ ONDE JACK SABIA, o Subaru Fiori jamais tinha sido usado como carro de fuga, seja no cinema ou na literatura: mas ele logo descobriu os talentos secretos da pequena caixa de merda de Chester Sinclair. Na verdade, dois. Primeiro, o carro era difícil de ser visto no tráfego – especialmente da posição mais baixa do motorista de uma Maserati Quattroporte; segundo, podia ser dirigido rápida e facilmente em ruas estreitas que mal davam para mãos com carrinhos de bebê. O que faltava ao Subaru em estilo e potência, ele compensava em, digamos, malandragem. Exatamente como um velho pilantra tomado de artrite.

Jack dirigiu de volta pela Old Canterbury Road e depois foi ziguezagueando a Parramatta Road, em direção à cidade. Depois, escapou pela Glebe e pela Annandale, meteu-se pela Newton e foi indo por ruas estreitas, os olhos nervosamente atentos no retrovisor. Ele até podia sentir o braço de Lewis em volta de seu pescoço. O capanga continuava em sua cola com o automóvel italiano da moda, só uns carros entre eles, mas quando Jack se meteu por ruas transversais ladeadas por latões de lixo em Redfern, sua traseira ficou livre. Foi em direção à Susko Books à toda velocidade. Chester podia esperar.

Foi pela York Street, virou o Fiori na Market Row e parou na frente da porta dos fundos da Susko Books. Era um lugar para carga e descarga. Jack ligou o pisca alerta, escreveu uma nota e deixou no para-brisa: Entrega – se precisar que o carro saia, por favor, peça à Susko Books.

Jack destrancou a porta e entrou na livraria. Os livros ainda estavam todos espalhados pelo chão. O que fazer agora? Ficou de pé ali, pensando. O coração batendo acelerado. Sentia como se tivesse entrado em sua própria cabeça. Todo mundo queria o que

ele tinha e todos sabiam onde ele estava. Talvez, a primeira coisa a fazer era se tornar menos acessível. Era um começo. Mas onde?

Uma batida na janela chamou sua atenção. Kim Archer acenava para Jack pelo vidro, toda sorridente. Jack fez um sinal e foi abrir a porta para ela. Um pouco da tensão que sentia se dissipou.

– Oi – disse ela, o rosto alegre brilhando com uma camada fina de suor. – Amigo, está um fedor lá fora!

– Bem-vinda à minha caverna tão fresquinha. Só não se importe com a bagunça.

Kim observou o espaço.

– O que aconteceu?

– Venda de estoque – respondeu Jack, deixando Kim entrar e fechando a porta atrás dela. – Eles sempre ficam loucos.

– É mesmo? – Olhou em volta, as mãos nos quadris. – Eles compram alguma coisa ou só ficam jogando os livros para tudo que é lado?

– Na maioria das vezes, ficam jogando os livros. É a chamada nova terapia da liquidação.

Ela sorriu, dirigiu os olhos castanhos para Jack. Um levíssimo matiz de azul em torno deles. Os lábios não pintados brilhando, seus macios cabelos louros claríssimos puxados de qualquer jeito para trás. Usava um legging de leopardo e uma larga camiseta preta com a estampa branca do Elvis Presley dos anos 1950. Tênis Converse vermelho e uma espalhafatosa bolsa dourada no formato de concha, a alça fina cruzando o seu corpo. Um perfume forte e caro e um ar geral de descaramento. Kim foi mais incisiva com Jack.

– Vamos falar sério – disse. – Alguém invadiu a livraria?

Jack fez que sim com a cabeça.

– Meu Deus! Você chamou a polícia?

– Lá eles falaram que viriam possivelmente em janeiro. Provavelmente, de tarde.

Kim continuou a olhar, impressionada.

– Levaram alguma coisa?

– Bem provável.

– Você tem que chamar a polícia.

– Não se preocupe, eu chamei.

Ela lançou um olhar incrédulo para ele.

– Não acredito em você.

Jack fez uma cara séria e triste. Andou até o balcão.

– Então não temos futuro juntos.

Quando ele se virou, viu a boca de Kim aberta, os dentes brancos e limpos brilhando através dos seus lábios. Pegou alguns livros do chão e os colocou no balcão.

– Sempre quis trabalhar numa livraria – disse.

– Pode começar hoje mesmo. Cinco paus a hora e todos os livros que conseguir comer.

– Fechado.

Os joelhos de Jack ficaram meio bêbados.

– Quer dizer que você está aqui por causa de um livro? – Deu uma coçada no rosto. – Quem sabe... *Charlotte's web*?

Kim sorriu, contente.

– Gostei, ótimo. Podia dizer também *A thousand things to do on a rainy day*.

– Boa – Jack disse. – Agora estou entendendo. E o que mais?

– Bem, na verdade, Shane me mandou para apanhar um livro para ele.

Jack segurou a respiração.

– Me disse que você sabia de tudo.

– Certo.

Kim o olhou, um pouco confusa.

– Não sabe?

– Claro – Jack limpou a garganta. – Eu sei mesmo. Ele já está de volta?

– Ainda não, continua lá na China. Disse que era um presente para alguém e que eu podia enviar para ele lá.

– Quem é o sortudo?

– Larissa qualquer coisa. Não consigo me lembrar do sobrenome. É uma amiga de Shane. Encontrei com ela algumas vezes lá na casa.

Jack abanou positivamente a cabeça.

– Que livro é? – Kim perguntou. – Shane não me disse.

– Uma pequena Bíblia.

– É mesmo? Ela não me pareceu do tipo religioso. Nada, nada.

– Talvez ela seja evangélica.

– Pode ser. – Kim se curvou até o chão e juntou mais livros. – De qualquer maneira, é simpático de Shane. Para mim, jamais comprou nadinha.

Porra. Jack ficou pensando onde é que Shane estaria de verdade. Obviamente levar uma surra não era nada dissuasivo para o ator desempregado. Então, novamente, três pontos alguma coisa era algo difícil para se resistir, especialmente se tinha escapado de suas mãos uma vez.

– Shane faz um pouco de teatro também, né? – perguntou.

– De vez em quando. Na verdade, ele fez uma peça... quando foi? Mês passado? – Kim levantou as sobrancelhas. – Shane estava... legal.

– Onde?

– No Palomino. É perto lá de casa. Na Devonshire Street. Era um Molière: *Le malade imaginaire*.

– Conhece então os comediógrafos do século XVII?

– Os figurinos eram uma merda. O elástico da máscara de olho do Shane arreventou bem na cara dele no meio de uma cena.

– Sério? – Jack torceu para que tivesse doído muito. – Conhece alguns dos outros atores?

– Alguns sim. Por quê?

– Estava pensando se era o mesmo onde o meu primo trabalha.

– Qual é o nome dele?

– Carl – disse. – Carl Reiss.

O rosto de Kim se iluminou.

– Carl Reiss é mesmo seu primo?

– Você o conhece?

– Conheço, também é amigo de Shane. De vez em quando, aparece lá em casa. É um doce.

– Como uma bandeja de brigadeiro.

Kim tirou a poeira das mãos.

– Não é engraçado? Ele é seu primo!

– Hilário!

– Não gosta dele?

– Não, não gosto.

Ela já ia comentar alguma coisa quando, em vez disso, apontou para trás das costas de Jack.

– Alguém quer comprar um livro.

Jack se virou. Tinha um rosto colado no vidro da porta. As mãos em cima dos olhos para enxergar melhor lá dentro. Um sujeito grande, alto.

Kim verificou seu relógio.

– Está fechado?

Jack a pegou pelo pulso.

– Vamos – disse, puxando-a para a porta de trás. – Temos que ir.

– Ei, o que...

– *Já.*

Ela tropeçou quando se virou, mas se deixou levar. Jack parou na porta dos fundos e soltou o braço dela. Escutou por um instante e, então, lançou o que ele esperava ser um olhar sincero.

– Desculpe por eu ter te agarrado desse jeito – disse, com uma voz baixa e séria –, mas aquele sujeito não é o irmão gêmeo que foi separado de mim quando nascemos, você tá me entendendo?

Kim fez que sim com a cabeça, puxou a alça da sua bolsa para mais perto de seu ombro. Suas sardas tinham esmaecido para o mais fraco dos marrons.

– Melhor se você andar normalmente pela rua e dar a volta na York Street ou para onde você for. Dê a impressão de que está indo embora em direção a um lugar. Ele não conhece você, por isso, não precisa ficar preocupada. Ok?

O rosto dela se contraiu.

– O que vai fazer?

– Levar o meu supercarro para uma corrida. – Ele gostou do tom momentaneamente preocupado dela. Ultimamente, só Jack Susko tinha mostrado alguma preocupação com Jack Susko.

– Eu vou com você – disse ela.

Jack não respondeu. Segurou a porta da Susko Books, abriu ligeiramente, deu uma olhada na Market Row. Ninguém à vista. Virou-se então para Kim e a conduziu.

– Certo. Vá.

Ela deu um passo, mas parou e bloqueou o caminho.

– Não – disse –, você vai me dar uma carona.

Jack estava bem juntinho dela agora, tentando fechar a porta atrás dele. O Fiori os deixava apertados na calçada, um espaço muito estreito entre a loja e o carro. Jack se contorceu um pouco e puxou a maçaneta. A porta estava fechada.

Ouviram a aproximação de passos correndo na esquina mais próxima. Kim pegou com força a porta do carro.

– Entra! – disse ela com firmeza.

Pelo tom, parecia que ela estava se divertindo muito. Entrou no carro, alcançou o outro lado e abriu a porta do motorista.

Jack correu para lá. Quando alcançou a porta, viu Pascal surgir na rua, com uma motocicleta em velocidade máxima, indo direto em sua direção.

Merda. Pegou a chave do bolso e enfiou na ignição. *Porra.* O Fiori gemeu, girou com estrondo, mas não arrancou. *Vamos, vamos, porra.* Jack deu uma olhada: Pascal estava cada vez maior no espelho retrovisor. De novo a ignição. O carro deu então um clique. E aí pareceu berrar.

– Rápido, Jack.

– Eu sei, eu *sei*...

O carro deu uma engasgada. Jack engrenou a embreagem e saiu pela Market Row. O Fiori só podia bater um poodle de três patas, qualquer outra coisa estava fora de cogitação. Jack voltou a checar o espelho retrovisor. Torceu para que Jack não estivesse tão em forma quanto aparentava estar.

20

NÃO QUE ISSO TIVESSE A mínima importância.

Bem na frente, pela contramão, a Mercedes de Kablunak entrou na rua. As luzes do pisca alerta todas acesas e brilhando. Parou a poucos metros. Jack pisou firme no pedal dos freios e o Fiori parou em cima. As luzes do pisca alerta, idem. Ninguém se moveu por um instante. Motores descansando na quente Market Row. Jack segurou firme a direção do carro e olhou para o vidro escuro da frente da Mercedes. Voltou a ligar o motor do Fiori. O Mercedes fez a mesma coisa. Um cara a cara. Entre um tsunami e uma frágil arvorezinha.

– O que você está fazendo? – Kim perguntou, irritada pelo fato de toda a sua excitação ter sumido tão rápido.

– Ganhando.

Pascal foi até o Fiori e abriu a porta do motorista.

– Oi, Jack. – Abaixou-se e desligou o motor. – Sai.

Jack se virou para Kim.

– Espere aqui. – Saiu do carro. Pascal o levou até a Mercedes. A janela escura do lado do passageiro começou a descer, silenciosamente. Parou no meio. O rosto de Kablunak estava atrás dela.

– Oi, Jack – disse o russo, de óculos de sol, cabelos escuros bem escovados, colarinhos brancos enrugados em uma camisa branca enrugada. – Tá muito quente hoje, né? Vamos dar uma volta. Quero comprar um sorvete para você. – Atrás das sombras, sua expressão era indecifrável.

– Obrigado. Mas sou diabético.

– Entra – Pascal disse.

– Não posso deixar o meu carro aqui.

– Pede para sua amiga para tirá-lo daqui.

O russo se dirigiu a Pascal:

– Antes, dá uma checada nele.

– Você ainda não acredita em mim, né, Viktor? Eu disse pra você que eu ainda não estou com ela.

Kablunak olhou firme para frente.

Jack deu de ombros, olhou para Kim. Ela fez um gesto com as mãos, do tipo *o que é que está acontecendo?*, e depois descansou o cotovelo na janela. Sorriu. Aparentemente, a gravidade da situação não a tinha atingido. Parecia continuar se divertindo.

Pascal deu uma geral no carro. Depois de um minuto, ou pouco mais, balançou a cabeça para Kablunak na Mercedes.

– Diga até logo, Sr. Susko.

Jack foi até o Fiori. Agachou-se junto à porta aberta do motorista.

– Sabe dirigir?

Kim disse que sim com a cabeça.

– Tudo bem você levar a Ferrari de volta para sua casa?

– Tudo bem.

– Pego lá mais tarde.

O rosto dela ficou tenso de preocupação.

– Você está bem? Devo chamar a polícia?

– Não, não precisa, está tudo bem. Só vou ter uma conversa, nada mais. Não precisa se preocupar.

– Tem certeza?

Jack deu um sorriso.

– Cuidado com essa preciosidade – disse. – Ela é muito poderosa.

– Ei... você tem um telefone?

– Tenho sim. – Jack deu um tapinha no celular dentro do bolso. Não era uma má ideia. Pegou sua carteira, tirou dela um cartão e deu para Kim. – O meu número tá aí. Me chama se não tiver notícias minhas em uma ou duas semanas.

Jack voltou para a Mercedes. A porta traseira do passageiro se abriu com um som redondo, típico de carros de luxo. Deu uma olhada em seu próprio reflexo distorcido no vidro por um segundo e entrou. Pascal foi atrás dele pelo outro lado e se sentou a seu lado. Quem estava na direção era Walter. Deu marcha a ré na Market Row, ignorando o tráfego, e partiu.

Eles alcançaram a rampa de saída para a Anzac Bridge.

– Então, rapazes, estão a fim de que hoje? – perguntou Jack. – Uma praia, um churrasco na casa de um amigo?

Nenhuma resposta. Kablunak procurou pelos controles do som do carro e aumentou o volume. Havia tantos botões ali para serem mexidos que dava até para manobrar um pequeno satélite e colocá-lo na posição correta se preciso. Foi provavelmente o que o russo tinha acabado de fazer. O som do estéreo era profundo, redondo e preciso, e a música parecia sair de tudo quanto era lado. Um trompete lento e suave tomou conta da Mercedes.

Jack ouviu um pouco surpreso. Era Dizzy Gillespie. “Cocktails for two.”

– É a gravação de Paris? – Jack perguntou, esquecendo por um instante que ele podia estar em sério perigo físico.

– Théâtre des Champs-Élysées – respondeu Kablunak, em um francês perfeito. – Vinte e cinco de março de 1952. Você conhece, Sr. Susko?

– Claro. Don Byas no sax tenor, Art Simmons no piano, Joe Benjamin no baixo e Bill Clark na bateria.

Kablunak virou ligeiramente seu perfil em direção a Jack e mexeu um dedo manicurado.

– E Humberto Canto Morales nas congas – disse.

– Não nessa faixa.

Kablunak concordou com a cabeça.

– Então, você conhece mesmo alguma coisa, Sr. Susko.

– De vez em quando.

– Excelente. Então, temos grandes chances de nos entendermos.

Walter fez sinal e mudou para a pista da direita a fim de ultrapassar um ônibus, fez outro sinal e retornou de novo para a pista da esquerda. Era preciso no tráfego. Todas as luzes dos freios ligadas iluminavam a pista. Jack podia vê-lo pelo espelho retrovisor, fazendo caretas acompanhando o jazz.

– Dizzy Gillespie é um dos meus cinco trompetistas favoritos – disse Kablunak. – Você... – A música parou e ele levantou as mãos.

– Espere. Ouça.

Agora “Moon Nocturne” invadia tudo. Como se flutuasse no espaço. Jack reparou no gordo fechando os olhos por um momento, como se estivesse com uma dor de dente. Pascal ficou olhando para fora.

– Meu Deus – falou Kablunak. Seus dedos tocavam em sua coxa. – Um gênio.

Jack fez que sim com a cabeça, mas levemente.

– Sem dúvida alguma.

O russo viu dois motociclistas serpenteando pelo tráfego.

– E você, Jack? – perguntou. – Quem seriam os seus top five?

– Não saberia por quem começar.

Viktor Kablunak bateu com a cabeça.

– Não seja tão chato. Ok, você tem razão, é uma pergunta idiota. Um jogo. Quem é o melhor, quem é o favorito, quais os seus cinco maiores de todos os tempos, é isso. E não exprime toda a verdade. Mas é uma conversa... muito *abstrata* no começo. Nós temos de começar de algum lugar, porque é necessário começar. Concorda? Faz sentido o que estou falando com você, Jack?

– Posso pensar sobre isso por um minuto?

– *Bah*. Tudo o que quero dizer é que eu vejo que você gosta de jazz. E isso já é um começo. A gente deve se dar uma oportunidade. Uma primeira coordenada. Uma pergunta simples. Gostaria muito de conhecer melhor você, Jack.

– Claro.

– Mas você não deseja me dar esse prazer com uma resposta?

– Você acha que nós podemos ser amigos, Viktor?

– Entendo. – Kablunak ficou pensativo por um momento.

– É. Nós não nos conhecemos em circunstâncias normais. E isso é um problema.

Por mais confortável que fosse uma Mercedes, Jack estava começando a se sentir levemente desconfortável e pouco à vontade, como um garoto prestes a cair em uma poça de lama no fim do escorregador.

– Eu tinha 15 anos – falou Kablunak, espalhando-se no banco, puxando os vincos bem passados de suas calças cinza claro. – “Vivendo na União Soviética” – fez um gesto com a mão acima de

seu ombro. – Em lugar nenhum. Vivendo. Uma espécie de vida. Eu ouvi o Dizzy Gillespie. – Deu uma pausa, aparentemente à procura de palavras. – Glorioso. Livre. Um negro pairando acima das nuvens. Entende, Sr. Susko?

– Aham – Jack respondeu, a língua grossa e seca. Entendeu que Viktor Kablunak gostava de uma plateia.

– Foi a minha revelação. A minha... *revolução*. Por causa de Duke Ellington, encontrei o meu lar nos Estados Unidos.

Jack se lembrou de Kablunak fazendo menção ao problema de fronteiras com a China que tinha desalojado a sua família.

– Onde?

Deu duas batidas firmes no peito.

– Aqui.

Jack olhou para Walter e Pascal: pelos olhares dos dois, viu que eles já tinham escutado tudo isso antes.

– A música é um universo paralelo – o russo continuou. Não há limites, não há... restrições do que um homem é ou pode ser. A música é energia pura. O homem é tão somente o fio pelo qual ela corre. – Kablunak se virou novamente para Jack, torcendo o pescoço um pouco. – Liberdade, você entende? Liberdade.

Jack concordou com a cabeça, querendo um pouco daquela liberdade naquele momento.

– Mas são livres somente enquanto estão tocando a música. Livres enquanto tocam porque, quando tocam, eles *são* música. Não mais simplesmente homens. Mas... – neste momento ele apontou com o dedo indicador, como um professor primário para um aluno, acusando – nós todos, no fim, temos que voltar às nossas próprias mentes. E, conseqüentemente, às nossas identidades. Às nossas histórias e às nossas geografias. Para sermos julgados por mentes *inferiores*. Para sermos prisioneiros de modo muito pior do que no pior gulag. Para sermos envolvidos contra a nossa vontade por inverdades e falsidades. – Abaixou o tom da voz. – Por homens feitos de lama.

– Você chegou a tudo isso ouvindo Duke Ellington?

Kablunak não respondeu. Deu um tapinha na coxa de Walter. O motorista demonstrou medo.

– Não esqueça que eu preciso colocar uma carta no correio.
Seu motorista gordinho confirmou com a cabeça. Ele virou a Mercedes para fora da Anzac Bridge e pegou a Victoria Road.

– Onde a gente tá indo?

– É só um passeio, Sr. Susko. Para que a gente possa conversar.

– Sobre jazz?

Kablunak fez que sim com a cabeça.

– E que tal blues? Está mais próximo do meu humor agora.

Kablunak pegou de novo os controles de som e apertou alguns botões. Dizzy se foi e um silêncio total tomou conta da Mercedes. Nem um estalinho dos alto-falantes. Um momento depois, um assóvio alto, um arranhado: alguma coisa bem antiga, digitalizada e passada para CD, mas eternamente marcada por sua época. Uma guitarra acústica, nua e crua. Tocada de forma arrepiante, acordes rascantes, doloridos. Jack sentiu o prazer do reconhecimento. Robert Johnson, dominando o ritmo, o suor incomodando seus olhos. Resignado a seu destino e chegando lá rápido.

*If I had possession, over Judgment Day
If I had possession, over Judgment Day
Lord, the little woman I'm lovin' wouldn't
Have no right to pray.*

Kablunak diminuiu ligeiramente a música e disse:

– Eu sei o que é ser um homem negro, Sr. Susko. – Os olhos fixos na estrada diante deles. – É como ser um zero à esquerda, um estúpido, tratado sem a menor dignidade nem respeito. Tratado pior do que um cachorro. – Ele limpou as calças e depois descansou as mãos nas coxas, os olhos ainda fixos para a frente. – O terror de não fugir de sua condição. O inferno de ser preso num poste enquanto todos a sua volta andam por onde querem, levados por seus caprichos. – Deu uma pausa por um instante. – Sou descendente de camponeses russos, Sr. Susko. Descendo do nada. Eu sei muito bem o que é ser um negro.

Walter se aproximou de um semáforo, pegou rapidamente o verde e virou o carrão direto para a direita. Andaram lentamente e pela Darling Street, sob uma proteção verde de plátanos, ainda pintados de dourado pela luz do sol do final da tarde. Uma grande faixa, de um lado ao outro da rua, levemente soprada pelo vento, apertada entre os edifícios dos dois lados, anunciava uma festa escolar. Jack se ajeitou no assento, o coro fazendo um ruído leve sob ele. O mundo lá fora parecia irreal e longínquo, somente um lugar vazio próximo de uma ameaça.

*Had to fold my arms and I, slowly walked away
Had to fold my arms and I, slowly walked away
I said in my mind
"Your trouble gonna come some day"*

Viktor Kablunak estava sentado e ouvia a música, sentindo a maciez de seu queixo com as pontas dos dedos.

– Eu já disse pra você que ainda não recebi a Sergius – falou Jack. Você procurou no carro, na loja. Por que este passeio, então?

Kablunak demorou para responder.

– Eu temo a tentação, Sr. Susko. Está em todo canto, em toda esquina, escondida em todas as sombras. Esperando para atacar.

– Parece que você precisa de Deus, Viktor. E realmente eu não posso te ajudar com isso.

– Ah, não, Jack. É a sua tentação que eu temo. Chamou-me a atenção que outros também sabem da Sergius e de sua... infeliz escapulida das minhas mãos. – Uma pausa. – Para as suas.

Jack franziu as sobrancelhas. *Larissa?* Kablunak certamente sabia. Shane dificilmente teria aguentado mais pancadaria para guardar o nome dela em segredo.

– Talvez você subestime o meu desejo de resolver esta situação o mais rápido possível – disse Jack. Deu uma olhada para Pascal ao seu lado.

– É sério? – Kablunak sorriu. – Pessoalmente, não conheço ninguém que queira escapar de situações que podem valer milhões

de dólares a elas.

– Viktor, o que vale milhões de dólares? – Jack esperava ter soado como se não tivesse a mínima ideia do que Kablunak estava falando.

– Acho bem óbvio, Sr. Susko. Mesmo que não saiba o quanto a Sergius vale, pelo menos sabe que vale *alguma coisa*. E, além disso, acabei de dizer para você. Não tente bancar o espertinho comigo. – O russo fiou olhando para a janela. – Já há muita *esperteza* com Richard de Groot.

Jack soltou lentamente o ar dos pulmões. O ar-condicionado na Mercedes estava passando de confortável para frio. Conteve um pouco o nervosismo. – Que história é essa com o de Groot?

Viktor Kablunak fez um ar de deboche, riu levemente.

– A história de um idiota.

– Pode ser mais específico?

– Só existe uma história de idiota. É tão velha quanto a vaidade do homem. Os detalhes são irrelevantes.

– Ouvi dizer que vocês dois eram amigos. O que aconteceu? Dicky ficou com a garota?

– Que garota, Sr. Susko? – Kablunak abanou a cabeça. – Não. Ele, de todas as pessoas, era quem mais devia saber do que sou capaz.

– Sua voz não era nem muito alta, nem muito baixa, era mais ou menos tão amigável quanto a de um serial killer perguntando pelo seu endereço. – Ele não entende das... *coisas*.

– Que tipo de coisas?

– O capitalismo sempre foi a sobrevivência dos mais fortes. Competição – disse Kablunak, como se nem tivesse ouvido a pergunta de Jack. – O que faz com que Richard ache que só *ele* não precisa sofrer isso? – O volume de sua voz foi aumentando ao longo da frase. – Merdas como ele, que sempre tiveram tudo o que quiseram, que sempre pisaram nos negros por muito tempo. Apartheid! Ha! E agora ficam se lamentando, para cima e para baixo em Double Bay, em Rose Bay e em Vaucluse. *Os russos estão chegando! Os russos estão chegando!* – Kablunak tirou do bolso um lenço azul-claro dobrado e passou pela boca. Recuperou a compostura. – Ele deve entender. Mesmo se não há *borscht* nos menus dos cafés, eu estou *aqui*. E não vou embora.

Jack olhou para Walter, depois para Pascal. Ambos mantinham as expressões vazias de antes. O dinheiro fácil parecia estar no *sem comentários*.

Foram seguindo a Balmain. O céu estava ficando pesado de nuvens carregadas de tempestade e sombras cobriam o carro. Kablunak olhava para fora da janela; no reflexo do vidro, Jack podia ver que a sua boca era um músculo tenso sobre os dentes que rangiam com força. O russo flexionou os dedos; movendo-se como se estivesse prestes a jogar bola de gude. Ele enroscou o polegar no indicador e o dobrou.

– Como nós nos degeneramos, Sr. Susko – disse, quebrando o silêncio. – Como decaímos. Entropia do corpo. Do espírito, da dignidade. – Kablunak concordou consigo mesmo mexendo a cabeça. – E a verdadeira diferença entre os homens? Só o tempo. Alguns vão mais cedo. Alguns mais tarde. Deveríamos sempre lembrar que é a morte que nos define. Isso, a escuridão. – Agora, balançou tristemente a cabeça. – Você terá a sua, eu terei a minha. Está preparado, Sr. Susko? É importante não ter medo.

Jack precisava de algum ar. Limpou a garganta, respirou fundo pelo nariz. Um pouco de sensibilidade desapareceu de sua perna direita e ele tentou recuperá-la dando uns beliscões. – Então, como é que você classifica o sax de Coltrane? – perguntou.

Viktor Kablunak riu; seus ombros saltaram levemente por um instante.

– É, talvez você seja inteligente, Sr. Susko – ele disse. – É verdade. A filosofia é uma espiral para baixo em direção à depressão e à ansiedade... e ao *vazio*. Muito melhor viver e morrer do que pensar e morrer.

– Ok, Viktor, que tal isso? Cem mil pela Sergius. Isso seria mais do que vantajoso para você. E me compensaria de todo o estresse por que estou passando. E não ia me deixar cair em tentação.

– Mas livrá-lo do mal? – Kablunak mostrou a Jack seu perfil enorme. – Eu gosto de você, Sr. Susko. Um homem de ação. Mas não se deixe ser muito... *espontâneo*.

– Também gosto de você, Viktor. E é por isso que eu te dou o privilégio da primeira recusa.

O russo bocejou.

– Vou explicar para você, Sr. Susko. Para que não haja qualquer tipo de confusão.

Tinham chegado ao fim da Darling Street, um ônibus dando um círculo em volta da água em Balmain East. Com o porto, a ponte e a cidade à frente deles, tudo ficando cinza sob a tempestade nublada. Walter virou em uma rua bem estreita entre dois grandes edifícios de arenito. Chegou a uma reserva natural e dirigiu o carro para um estacionamento de cascalho. Parou de frente para o porto. Desligou o motor. Ninguém à vista.

Kablunak ficou olhando para a água e para a cidade, prata e aço escuro.

– Não quero estragar a nossa nova amizade, Sr. Susko. Mas você entende, eu tenho que colocar alguma... *pressão* na situação.

– Está certo. Cinquenta mil. Uma pechincha. – O tom de Jack estava um pouco alto e esganiçado. Uma pequena onda de pânico agulhou suas costas.

– Por favor. Dou muito crédito a sua inteligência. Então, aprenda essa lição agora e você será o dono de si mesmo. – Kablunak olhou pelo vidro da frente do carro: com total autossegurança, um verdadeiro rei. Continuou com os olhos pousados no porto, que agora parecia enorme, tanto na frente quanto no fundo da paisagem, e crescendo. – Há prazer – disse. – E há negócio. Houve uma época em que isso era chamado de guerra e paz. Mas somente os rótulos mudam. O que estava lá antes continua lá.

Pascal pressionou um revólver na lateral de Jack.

– Fora, cara – disse.

Jack saiu do carro, seguido por Pascal. Ainda estava úmido e quente, mas uma brisa leve vinha do porto. Jack respirou profundamente. Caminhou, com as pernas tremendo um pouco. Pascal o levou por uma pequena ladeira gramada em direção a uma área para as crianças brincarem. Era uma área pequena, compacta. Escorregadores e balanços, túneis e gangorras. Tudo vazio naquela hora. Nenhuma criancinha de 5 anos à vista, pronta para pular e salvá-lo.

Jack percebeu como o horizonte parecia ter envolvido a cidade toda, como uma onda gigante de fumaça preta e espessa, congelada no pico da sua distensão. A tempestade negra estava vindo a todo vapor. Hora de ir embora.

– Então – Viktor Kablunak falou atrás dele. – Agora preciso imprimir meu selo em você, Sr. Susko.

– Você se deu trabalho demais para isso, Viktor. Por que não mandou me darem porrada lá mesmo na livraria?

– E onde ficaria o ritual, Sr. Susko? O simbolismo? A vida é uma série de pequenos e insignificantes... *gestos*. Jogados ao vento. Mas os homens foram feitos para atos de fé e coragem. E morte! Devemos tentar e alimentar todas as nossas ações com a qualidade do mito, dar-lhes um significado além de meras ações. Para nos erguermos acima do banal e nos liberarmos da morte! – O russo deu uma pausa. – Precisamos ser grandiosos, nobres, Sr. Susko, ou não somos nada. Não sucumbir ao mal da... *eficiência*.

– Soa legal, Viktor. Acho que marcou um gol.

– Posso ouvir o medo na sua voz, Sr. Susko. Ótimo. Estou contente. E esperançoso de que você tenha se convencido da minha natureza séria.

Antes que Jack pudesse falar mais alguma coisa, algo o atingiu na cabeça. Pensou ter sido um daqueles edifícios da cidade vindo abaixo, do outro lado da água, até chegar ao parquinho das crianças. Mas nunca descobriu com certeza. O mundo se desligou como uma TV de plasma. Nada. Escuridão. Frio.

21

UMA CRIANÇA DE 5 ANOS o achou deitado no meio da pequena ponte de tábuas do forte das crianças. Correu até a mamãe dela. Jack pestanejou. Era doído, por isso parou, mantendo os olhos fechados. Em vez disso, gemeu. Quando voltou a si, estava todo inchado. Lembrou-se do que havia acontecido. Imediatamente, sua cabeça doía como se estivesse sofrendo a dor de mil ressacas, depois de uma cirurgia no cérebro feita de tarde. Abriu os olhos: até *ver* doía.

A mãe voltou com a criança. Jack tentou falar, murmurou, gemeu, nada fazia sentido. A mulher falou para ele que era nojento um homem grande ficar bêbado em um parquinho de crianças e, quando se afastou, segurando a mão da criança, disse que ia chamar a polícia.

Com cuidado, Jack sentiu a parte de trás da cabeça. Um galo enorme, do tamanho de uma manga. Quente e latejando. Mudou de opinião. *Batata assada.*

Depois do que pareceu uma hora, ele se sentou. Achou que ia vomitar, mas conseguiu segurar o estômago. Pôs-se de pé. Jack pensou se devia ir a um hospital: fazer um exame completo? Talvez. Mas sua vista já estava perdendo o nublado e ele viu isso como um bom sinal. Quem sabe tudo parecia ser pior do que realmente era. O mais importante mesmo era ir rápido até a Susko Books e pegar o aviso postal antes que alguém o fizesse. Ninguém estava mais conseguindo nada por nada.

No ônibus, Jack tentou o número de Larissa. Tudo o que conseguiu foi a voz dela, feliz e confiante, na secretária eletrônica: *Olá, não posso atender o telefone agora, mas se você deixar o seu nome e o seu número, entrarei em contato o mais breve possível. Obrigada!*

Jack esperou pelo sinal. Ele tinha realmente confiado nela? Foi isso que o atingiu daquela forma toda?

Talvez.

– Larissa, é o Jack. Três ponto quatro milhões, hein? Isso deve ter escapado da sua memória.

Desligou. Deslizou pela poltrona por uma melhor posição e cuidadosamente descansou a cabeça no encosto.

Rhonda de Groot estava esperando por ele na Susko Books fumando um cigarro no primeiro degrau.

– Atrás de mais catálogos de arte, Rhonda? – Jack respirou profundamente a fumaça do cigarro enquanto passava por ela e destrancava a porta. Ela jogou a guimba no chão e foi atrás dele. Sem um comentário. A loja continuava uma zona. Ela não prestou a menor atenção naquilo também. Jack acendeu as luzes da parede do fundo, mas deixou as outras apagadas: a mais tênue luz parecia queimar suas retinas. Foi direto até o balcão, passou para trás dele, pegou sua bolsa, que estava pendurada na cadeira da escrivaninha. Jogou-a nos ombros.

– Você sabe muito bem por que estou aqui – disse ela.

Jack se virou para Rhonda e seus peitos enormes. Estava toda de branco: blusa branca de manga curta com um corte levemente militar, calças brancas de linho e sandálias brancas de salto baixo. Até a pulseira grossa no braço era branca. Tudo isso bem apertado sobre sua orgulhosa figura roliça. Ainda estava de pé, perto da porta da frente. A porta estava fechada atrás dela e Rhonda segurava um revólver, apontando-o na direção de Jack.

– A Sergius – disse. Deu um passo na direção de Jack, cerca de um metro ou dois, no caso de ele não conseguir enxergá-la direito e ver que ela estava armada. – Obrigada, Sr. Susko.

Jack levantou as mãos mais ou menos na altura dos ombros. Já eram quase cinco horas da tarde e este era o segundo revólver que apontavam para ele naquele dia. O terceiro desde a última sexta-feira. Deve ter havido alguma liquidação de revólveres recentemente em algum lugar. Da próxima vez, Jack bem que poderia assegurar

um para ele também. Quem sabe uma simpática bazuca para ficar guardada debaixo do balcão.

– Isso é realmente adorável – disse. Mas ela não está comigo. Ok?

Mesmo que a cabeça dele fosse uma dor só, e insuportável, sua adrenalina havia acabado: em vez dela, um cansaço paralisante tomava conta de seu corpo ao ver Rhonda de Groot com uma arma na mão.

– Talvez você queira dar uma procurada, ver se algum outro livro pode te interessar – disse, apontando com a mão toda a livraria. – Está atrás de algum presente para alguém? Ou é algo para você mesma?

Jack viu a luz vermelha sair do cano – como fogo de uma arma de brinquedo – antes de ouvir o som. A bala ricocheteou em algo metálico atrás dele, talvez em uma das vigas de aço da parede de concreto e depois foi se alojar com uma pancada em um livro qualquer. Jack ficou pensando que título tinha sido tão maltratado.

– Estou sem tempo, Sr. Susko. Agora.

– Você acha que ninguém vai ouvir essa coisa aí atirando?

Ela voltou a dar um tiro. Uma pilha de livros do balcão que Kim tinha arrumado um pouco antes desmoronou. Jack olhou. Desta vez, pôde ver a vítima: *What food is that? And how healthy is it?*, de Jo Rogers. Agora ele poderia aumentar um pouco o desconto dele por causa da bala em sua lombada.

– Olhe aqui, Rhonda – disse calmamente, embora a segunda bala tivesse acabado com o resto de cor em seu rosto e feito seus pés parecerem calçados em pedra. – Isso não vai nos levar a lugar algum. Eu não tenho a Sergius. Quem disse isso pra você?

Rhonda de Groot sorriu. Infelizmente, não era o tipo de sorriso que fazia as pessoas se sentirem melhor.

– Você, por acaso, acha que a Sergius é algo que podia permanecer um segredo? – perguntou.

– Meu Deus. Está falando igualzinho a Kablunak.

Ela apontou a arma mais para o alto e a apontou na cabeça de Jack.

– Viktor? Quando é que você falou com ele?

– Hoje, mais cedo. Demos uma volta por aí. Foi ótimo.

– Ele sabe que você conseguiu a Bíblia?

– Rhonda, ele foi o primeiro. Quando é que você descobriu?

Ela ficou pensativa.

– *Merda* – falou consigo mesma, o corpo dela desistindo da pose toda por uma fração de segundo. – Então, ele conseguiu.

Jack ficou matutando a ideia: talvez isso conseguisse tirar a porra da Rhonda de Groot da livraria dele.

– Isso mesmo – disse. – O Vik conseguiu a Sergius. Está tudo acabado.

Ela não gostou nada da notícia. Ficou toda dura de novo, balançou a arma preta em sua mão e trocou o peso das pernas, como se estivesse se apertando para dar outro tiro.

– Que tal baixar o revólver? – Jack falou, da maneira mais gentil que conseguiu.

O revólver continuou no mesmo lugar. Rhonda estava com a testa franzida, pensando em alguma coisa.

– Me explica como é que Viktor conseguiu.

Jack não tinha a menor ideia do que ela estava pensando: e você deve sempre saber um pouco do que está se passando para mentir de forma convincente. Abaixou os braços, agora seu coração batia forte na caixa torácica, como um murro de um peso pesado treinando em Las Vegas. Reação atrasada das balas zunindo perto dele. A adrenalina de novo pulsando em suas veias.

– Você se importa se eu me sentar? Já não sou tão jovem como eu costumava me sentir.

– Não se mexa. – Rhonda de Groot era uma fã dos clássicos.

– Ok – Jack falou. Tentou ler o rosto dela, mas, só com as luzes acesas atrás do balcão, a Susko Books estava coberta de sombras. Tentou mudar de assunto.

– Desconfio que não esteja aqui em nome do seu marido.

Ela sorriu e perguntou:

– E o que faz você pensar isso?

– Ele teria mandado Lewis.

– Teria sido óbvio demais.

– Mas o seu revólver é mais delicado, mais sutil, hein?

Rhonda abaixou um pouco a arma para não precisar falar por cima dela.

– Não pense que não vou usá-la.

– Já usou.

– Me fale de Viktor.

– Estamos apenas nos primeiros dias. Ainda não nos vimos o bastante. Mas não tenho certeza se posso confiar nele.

– Então você sabe, Sr. Susko. Não sou daquelas mulheres que acham que homens engraçadinhos são atraentes.

– Isso explica o seu marido.

Conseguiu dar um sorriso.

– Não, não mesmo, Sr. Susko. Eu precisaria de uma vida inteira para explicar o meu marido. O que eu não tenho mais.

Jack percebeu certa desarmonia conjugal e disse, de modo simpático:

– Não foi muito legal da parte de Richard, né? Não dizer nada pra você sobre a Sergius, usar a galeria para escondê-la daquele jeito.

– Esse é o menor dos seus delitos. – A voz dela foi ficando mais baixa, mais profunda, esmagada por quaisquer que fossem esses delitos. Por um momento, eles devem ter passado por sua cabeça e ela contraiu os olhos como se tivesse revivido todos eles. – Se você soubesse, Sr. Susko.

– É por isso que quer a Sergius? Uma vida nova?

Ela não respondeu, balançou, depois deu de ombros: os últimos pensamentos sobre o marido caíram dos cabelos penteados como folhas secas, folhas mortas. Ajeitou os ombros. O revólver apontado. De volta ao negócio.

– Pena eu não poder ajudar – Jack falou.

Ela continuou ali, de pé, rígida, o ar em volta dela se contraindo conforme a raiva crescia em seu peito.

– Quem disse pra você que eu tinha a Sergius?

– O seu primo, Sr. Susko.

– Ah, ótimo. – Jack esfregou o rosto em desespero. – Mais outro nome riscado da minha lista de presentes de Natal.

– Não é um cara inteligente.

– Puxou o lado do pai dele. Nada a ver comigo.

– Outra noite ele nos trouxe direto aqui. Esperamos enquanto ele olhava. – Ela varreu a loja com a arma. – Uma pena que não estivesse aqui. Agora, eu estaria em Paris.

– Eu estava pensando no México.

– Que horror!

A porta da Susko Books se abriu de repente. Rhonda meio que virou em direção a ela, ao mesmo tempo deixando o revólver cair a seu lado. Alguém entrou na livraria, e ficou segurando a maçaneta.

– Você ainda não fechou? – Era Tony Chan, o dono da loja pornô que ficava em cima. Trabalhou no turno da tarde enquanto Deepak foi para casa dormir algumas horas. Olhou para Rhonda, mas não prestou atenção nela.

Jack concordou com a cabeça.

– A última venda do dia.

– Estou indo para o bar – Tony falou rápido, quase sem respirar, como se tivesse ralado muito no trabalho. Tudo o que Tony Chan fazia o dia inteiro era ficar de pé atrás do balcão e ver DVDs; e mesmo assim da 13h às 18h. – Disposto a beber?

– Muito.

– Posso esperar.

Jack olhou para Rhonda e de novo para o seu vizinho.

– Só um minuto.

– Legal. – Tony pegou um maço de cigarro. – Vou ficar aqui fora.

Saiu e fechou a porta.

– Tenho que ir, Rhonda.

O revólver reapareceu, o cano preto direto em Jack.

– Ora, vamos lá, Rhonda, você não pode...

A porta da Susko Books voltou a se abrir, só que desta vez, com muita pressa. Lewis estava de pé no limiar da porta. As mandíbulas tensas, os olhos contraídos, o pescoço pequeno e forte. Olhou para Rhonda, correu até ela e a agarrou pelo braço.

– Que merda você tá fazendo? – disse, quase sibilando. – Você tá louca? – Pegou a arma da mão dela. – Falei pra você não fazer nada de estúpido.

– Não podia esperar mais.

– *Putá que pariu...*

– Tira as mãos de mim.

Lewis deu um tranco nela, continuou a segurá-la pelos braços. Rhonda começou a fazer umas caretas, tentou lutar, mas logo desistiu.

– Ela não está aqui, *Lew* – disse.

A atenção do homenzarrão se dirigiu para Jack. Largou Rhonda e deu uns passos em sua direção. Lewis estava usando uma camiseta vermelha justa, com um círculo preto no peito, como um botão gigante de LIGUE. Bermuda azul-marinho três quartos e sandálias de couro. A pele dos braços e das pernas dele era limpa, sem pelo, poderosa como um taco de hóquei e, quando ele andava, tudo sob seus pés estremecia e se contraía. Parecia um personagem de filme de ação que ganhava vida, com todo o peitoral e a cintura estreita.

Era uma briga desigual. Mas a sobrevivência tinha suas próprias regras. Jack ficou pensando se ele dava uma dedada nos olhos dele ou se dava um chute bem nos colhões dele. Ou se ele e Lewis deveriam partir para uma gloriosa cabeçada final.

– Se você está com ela, é melhor me dizer – Lewis falou, apertando seu forte e grosso dedo indicador no ombro de Jack. O sotaque sul-africano era tão pesado quanto o pescoço. Um calor parecia sair dele, como se fosse o motor de um caminhão depois de correr numa autoestrada.

Jack balançou a cabeça.

– Não aqui... *Lew*.

– Deixa eu falar uma coisa para você, Sr. Susko. Me traz essa porra de Bíblia ou vou ser obrigado a te machucar.

– Ele falou que Viktor já está com ela – disse Rhonda atrás dele.

– É mesmo? – Lewis riu. – Que tal se eu disser que não acredito em você, Susko?

Jack pensou em Tony, do lado de fora fumando um cigarro. Nem havia jeito de chamar por ele: o empregado de meio expediente da *Sidney's Largest Range of Adult Entertainment!* podia ser bom de fala mas não pesava mais que uma folha de papel.

Lewis continuou a sorrir. Seus dentes eram os equivalentes às "orelhas de couve-flor" de lutadores de artes-marciais. Inclinou-se e sussurrou.

– Não me faça machucar sua namorada.

– O quê? – Jack sentiu um choque atravessar todo seu corpo.

Rhonda de Groot franziu a testa para o guarda-costas.

– Que namorada?

– Larissa – respondeu. – Realmente, eu deveria voltar onde ela está e lhe dar um pouco d'água. O calor tá infernal.

Jack olhou para o grandalhão, não conseguindo acreditar no que tinha ouvido.

– Não faça nada de estúpido, Lewis.

– Isso serve para você. Ela me contou sobre a Sergius, Susko. Kablunak não tá com ela, tá? Porque você tá esperando ela chegar pelo correio.

Atrás dele, Rhonda disse:

– Seu filho da puta! – E então, dirigiu-se firmemente, para Lewis:

– O que é que a Larissa tem a ver com tudo isso?

Ele continuou de costas para ela, virou ligeiramente o rosto e falou sobre os ombros:

– Ela encontrou Deus e quer ter a sua própria Bíblia especial.

– Putinha...!

– Ah, sim. E ela tem conversado muito com o Sr. Susko aqui. Eu a segui até o apartamento dele. Conversaram a noite toda. E um pouco de manhãzinha. Quem vai saber quais são os planos dos dois pombinhos. Começar um novo grupo de estudos bíblicos, talvez?

– Sou hindu – Jack disse.

– Eu sabia! – Rhonda falou, furiosa. – Eu falei para o Richard que ela era do mal.

– E se eu dei a Sergius para a polícia? Para ninguém ficar com ela?

– Jack disse, sabendo perfeitamente que era conversa fiada e que não iam acreditar. Mas sua boca era a única parte de seu corpo que não tinha perdido a sensibilidade.

– Ah, Susko, mas alguém *conseguiria* pegá-la. A sua namorada. E você.

– O seu patrão sabe que está passando ele pra trás? – Jack perguntou. Olhou para Rhonda. – Com a mulher dele?

Lewis sorriu cruelmente. Ficou assim por num instante, então parou e deu um passo para trás. Deu uma mexida nos ombros,

estalou o pescoço com movimentos secos para a esquerda e para a direita, depois parou. Envolveu Rhonda com os braços.

– A Bíblia, Jack. Vou ficar esperando. Venha até a galeria logo que estiver com ela. Ou você pode ter que chamar uma ambulância.

Rhonda e Lewis saíram juntos da Susko Books. Tony Chan mostrou o rosto pela porta depois da saída dos dois.

– Pronto?

Jack disse que não com a cabeça.

– Aconteceu uma coisa. Uma outra hora?

– Claro. De qualquer modo, vou estar no Edinburgh se mudar de ideia.

– Divirta-se.

Tony apontou o polegar por cima do ombro.

– Jesus Cristo – disse. – Aquele cara era um grande filho da puta.

– Tem razão, era.

A porta se fechou. Jack foi até o balcão e encostou nele.

Bem. Olhou em volta: o lugar estava ainda pior. Como o dono dele. O cheiro de tiros tomava conta do ar. Pela primeira vez, depois de muito tempo, Jack não teve vontade de ficar de bobeira. A verdade o deixava tenso. Premonição? Um sinal? Ele ia realmente perder a Susko Books? E que porra ele ia fazer se perdesse?

Apagou as luzes. Trancou a porta da frente. Torceu para que Kim tivesse alguma coisa para beber. E muitos analgésicos.

22

JACK SÓ CHEGOU A SURRY Hills bem depois das 19h.

– Você conseguiu – disse Kim ao abrir a porta da frente da varanda na Crown Street.

– É.

Ela o olhou mais de perto.

– Oh, meu Deus! Você tá bem?

– Algumas aspirinas seriam muito bem-vindas.

– Entra, entra.

Jack a seguiu pelo corredor. A casa era entulhada, mas limpa. Tinha uma bicicleta encostada na parede, algumas caixas de papelão e uma cadeira de madeira com um vasinho de planta no assento. Ao lado, tinha um manequim de madeira com alfinetes espetados em vários pontos, como uma boneca gigante de vodu.

– É o Shane?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Colei a cara dele, mas caiu por causa da umidade.

No fim do corredor, um degrau levava à cozinha, uma relíquia dos anos 1960, toda de laminado e linóleo e armários verde-claros. Kim apontou para a mesa redonda.

– Senta. Acho que tem alguma coisa por aqui. – Ficou procurando em uma gaveta.

– Tem alguma coisa alcoólica?

Ela se virou e olhou-o com simpatia.

– Acho que Shane tinha no quarto dele.

– Copo grande – disse. – Mais ou menos um metro vai ser perfeito.

– Tá precisando de médico?

– De férias. Quer vir?

Kim sorriu. Ela tinha trocado a roupa: agora, vestia uma blusa “western” em xadrez vermelho e azul com botões de pressão imitando pérola, uma minissaia preta de couro, suas pernas finas e longas aparecendo. Nos pés, ainda o tênis Converse vermelho. Deu um copo d’água para Jack e uns comprimidos.

– Nurofen. Espera aqui.

Kim voltou ao corredor. Jack ouviu seus passos leves subindo a escada e depois as tábuas corridas fazendo barulho em cima de sua cabeça. Ficou pensando se tinha sido uma boa ideia ter voltado para a casa de Kim. Os caras de Kablunak ou Lewis a conheciam? Todos eles provavelmente sabiam que Shane morava ali, logo, sempre havia a possibilidade de alguém aparecer para dar uma olhada. Talvez. Jack se afundou na cadeira, o peso do dia em seu colo como um cachorro molhado. De agora em diante, ele ia se descontraír primeiro. Engoliu os comprimidos.

Kim voltou com uma garrafa de Chivas Regal.

– O que acha?

– Acho que você é muito talentosa.

Ela fez uma graciosa mesura de agradecimento e foi pegar uns copos no armário. Sentou-se em frente a Jack na mesa.

– E aí, qual é o próximo passo? – perguntou, estendendo o uísque para Jack.

– Tem algum cigarro?

Kim alcançou sua bolsa pendurada no encosto da cadeira, abriu-a e passou para ele um maço todo amassado. Balançou para tirar um. Nada. Deu uma inspecionada no maço mais de perto, enfiou o dedo e suspirou. Os deuses realmente não queriam facilitar.

– Vazio?

Jack fez que sim com a cabeça. Bebeu um bom gole de uísque.

– Vamos, fala – disse ela, ansiosa. O que é que a gente vai fazer?

– Por que você ia querer se envolver?

– Não sei. Por seus belos olhos, talvez.

Pela primeira vez, o rosto de Jack ficou todo vermelho sem ser por causa de porradas.

– Aliás, adoro a sua camisa. – Pegou nela e sentiu o algodão com as pontas dos dedos. A estamparia. Era de pica-paus pequenos,

rosa-claro e verde, e cor creme com azul. E agora com um pouco de sangue também. *Era* mesmo uma camisa legal, sobra de quando Jack tinha dólar para gastar.

– Belo tecido. Macio como um lenço favorito.

– Só não limpe o seu nariz nela.

Sua mão demorou na manga de Jack. O toque dela era macio, os dedos, ternos, sentindo o tecido como se ele fosse dizer alguma coisa a ela.

– Tenho algumas blusas que ficariam perfeitas em você – disse ela, a voz mais baixa, um leve traço de rouquidão.

– Estilista?

– Sou. Paris, Londres, Nova York. Uma barraca especial em Bondi.

O uísque estava devolvendo um pouco de cor às bochechas de Jack. Quanto a Kim, em tudo que era lugar.

– O livro que Shane queria que você pegasse comigo – falou ele –, ele já o tinha mencionado alguma vez?

Kim se recostou, cruzou os braços e franziu a testa, pensativa.

– Nunca. Tem alguma coisa a ver com esses caras?

Jack levou o copo até a boca, esperou.

– É o livro deles.

– Não estou entendendo.

– Shane o roubou deles e agora eles o querem de volta.

– Mas como é que você ficou com ele?

– Shane o enviou para mim.

– Como?

– É complicado.

– Que tipo de livro é?

Jack esticou o pescoço com cuidado.

– O tipo que atrai revólveres.

– Meu Deus. – Kim deixou seus ombros caírem. Olhou para o pátio de trás por um momento. – Então você tem o livro que todo mundo quer e do qual todos estão atrás?

– Não exatamente.

– Como assim?

– Mais complicações – Jack suspirou. De repente, sentiu-se exaurido. – Ainda tá no correio.

– Mas ele não me mandou só para apanhá-lo?

– Isso mesmo.

Kim estava pensando. Seus olhos estavam fixos nos de Jack.

– Acho que estou sendo punido nesta vida para que eu possa alcançar a paz na próxima – disse ele.

Ela preparou outra dose de uísque para ele.

– Então, o livro está no correio e eles querem que você o dê para eles assim que chegar? Ou é alguma outra coisa?

– Basicamente isso mesmo

– Ora, dá para eles. Quem se importa com Shane?

– acredite em mim, não estou nem um pouco preocupado com Shane. – Com delicadeza, Jack procurou sentir a parte de trás da sua cabeça. Tinha sangue pisado no cabelo. – O problema é que eles não são os *únicos* que querem.

Kim fez uma careta para Jack. Recostou-se, pensativa. A cadeira estalava debaixo dela. Depois de um instante, mudou o ângulo da cabeça levemente e olhou para Jack.

– Quanto vale?

Pegou o copo, tomou outro grande gole.

– Satisfazer caprichos não seria um desgaste financeiro.

– Bem... então, por que *você* não fica com o livro? Pega o dinheiro e se manda?

Jack sorriu.

– É uma opção. Depois do que aconteceu hoje tenho pensado nela.

– E?

– Complicado demais. Continua sendo um livro muito antigo e famoso *que foi roubado* , e ainda não o dinheiro vivo. Tudo voa. Você precisa de tempo para chegar a um bom plano. Contatos. – Jack se lembrou dele andando de carro com Ziggy Brandt, seu antigo patrão. A maioria de suas atividades era ilegal, muitas vezes, bem complicada, mas jamais apressada. E ele continuava lá, sem pressa, o que provavelmente era a estratégia certa.

– Talvez você só precise de alguma ajuda? – Kim olhou para Jack, esperançosa. – Você tem que ser capaz de saltar os obstáculos quando eles aparecem.

– E se você estiver em um trem em movimento sobre um enorme desfiladeiro?

Ela deu de ombros.

– Só acho que a vida é cheia de possibilidades. E quando elas aparecem... salte.

As cigarras começaram a cantar lá fora, o barulho imediatamente alto e penetrante, como se elas tivessem pisado em embreagens de milhares de motocicletas ao mesmo tempo. Jack olhou para o estreito quintal através das portas de vidro à sua esquerda. É. Claro que seria maravilhoso. As possibilidades caindo de bandeja em seu colo. E a garota, também.

Kim abriu a garrafa de uísque e serviu um pouco mais para Jack.

– Quando é que você acha que este livro vai chegar?

– Já chegou.

– O quê?

– No correio. Eles já deixaram o aviso para eu poder apanhar.

– Só um minuto. Quer dizer que você pode simplesmente ir até lá e pegar?

Jack concordou.

– Isso.

– Então...?

Viu a expressão do olhar dela, podia ler a excitação, as fagulhas de possibilidades de sua imaginação brilhavam como pedras de sílex sendo atiradas. Ele reconheceu. Era o seu próprio impulso.

– Eles invadiram a livraria, invadiram o meu apartamento. Se o livro estivesse comigo, já teria desaparecido – falou. – Mas enquanto estiver lá, eu tenho uma boa arma de barganha. Por isso, a agência dos correios é o lugar mais seguro agora. Ninguém sabe que está lá.

– Mas se eles soubessem, poderiam pegar?

– Acho que não, não sem o recibo.

– Está registrado? Precisa da sua assinatura?

– Não, mas sem o aviso, o recibo, sei lá o que mais, eles ainda precisariam de uma identidade. Precisariam ser eu.

– Ou de um empregado dos correios negligente.

Jack deu de ombros.

– Tem sempre esta possibilidade – Kim falou.

– De qualquer modo, mais seguro do que comigo. E, ainda por cima, não sabem que tá lá. E, mesmo se soubessem, a agência dos correios não abre antes das 9h de amanhã, com isso eu tenho mais tempo para arregaçar minhas mangas.

– Para fazer o quê?

– Ainda estou pensando.

– Você parece estar com dor. Talvez você devesse dar uma descansada.

– Odiaria ser indelicado.

Ela olhou para o próprio copo, bebeu o restinho.

– Por que não? Não ficaria aborrecida.

Jack olhou bem para Kim Archer. Não disse nada e continuou olhando. Ela não parecia se importar.

– Também não ia me aborrecer – ele falou e terminou sua bebida.

23

UMA BATIDA NA PORTA DA frente. Jack rolou de costas, o sono dele apenas levemente atingido pelo som, como uma colher de chá abrindo um ovo um pouco cozido: quando estava para se enroscar de novo na cama, outra batida. Estava sentindo uma pele úmida encostada em seu lado esquerdo. Jack se lembrou de quem era a pele úmida e pensou em se virar e envolvê-la com um braço. Mas o quarto estava quente demais, com um ar rançoso, pesado e parado, e ele precisava mesmo era de uma bebida. Tentou engolir, mas sua boca estava com gosto de ferrugem. O pensamento de um copo d'água mexeu com seu cérebro desidratado um pouco mais. Uma terceira batida na porta da frente finalmente lhe fez acordar de verdade e Jack abriu os olhos.

O quarto estava em completa escuridão: ele não conseguia ter noção de nada e ainda por cima se sentia um pouco tonto. Procurou alguma coisa em que pudesse focar para ajudá-lo. Depois de um instante, pôde distinguir a janela com cortinas, um quadrado de uma noite pálida contra a parede em frente ao pé da cama de Kim. Com esta referência, Jack forçou seus ouvidos na escuridão, escutando.

Desta vez, a batida foi mais forte. Kim se ajeitou do lado dele. Quem estava ali? Era plena madrugada. Melhor se fosse verificar, no caso de haver algum problema – porque se houvesse algum, ele seria o responsável por isso, Jack se deu conta.

Saiu da cama e procurou por seus jeans no chão. Depois da pancada na cabeça e de todo o Chivas Regal entornado, foi mais difícil do que deveria ter sido. Finalmente, achou os jeans e os vestiu. Desceu as escadas sem a menor estabilidade, seguiu pelo corredor, os pés descalços sofrendo no chão encerado a cada passo que dava. Parou diante da porta.

– Quem é? – disse, em um sussurro alto e aborrecido.

– Sou eu – falou uma voz surpresa. – Quem é você?

Jack soltou um palavrão e abriu a porta.

– Como vai, Carl?

Carl ficou olhando, mas não respondeu. Depois, entrou, passou direto por Jack e foi para o hall. Ele sabia onde estava pisando.

Foram para a cozinha. Jack se serviu de um copo d'água e bebeu, depois serviu outro e também bebeu. Sentou-se na mesa de jantar. Carl permaneceu de pé. Tinha passado um pouco das 5h30. A garrafa de uísque praticamente vazia continuava na mesa. E os primos, Jack e Carl. Sob a luz fraca da cozinha, com os laminados, o linóleo e o armário verde-claro envolvendo os dois, era como se ele tivesse feito uma viagem no tempo: uma garrafa de brandy no lugar da de uísque e eles poderiam estar na cozinha de tia Eva muitos anos atrás. Embora Jack não tivesse admitido para si mesmo na hora, quando encontrou Renée na casa de Bankstown, havia sentido a necessidade de entrar e dar uma olhada, ver os velhos ambientes dos finais de semana de sua infância: os esconderijos nos armários dos quartos e a divisão de plástico transparente no hall onde se podia deslizar com uma corrida. Lembrou-se de um determinado domingo, em uma tarde depois da igreja, na cozinha da casa de tia Eva em Bankstown. Cheia de gente indo para lá e para cá, comendo e bebendo. Carl com sua Messerschmitt atacando os bolos de nozes e biscoitos amanteigados da mesa. E a tia de Jack conversando com alguém sobre seu falecido marido.

– Ah, é, ele adorava confissões – dizia. – Costumava ir regularmente e confessar as coisas que ainda não tinha feito. Chamava isso de *ganhar crédito*. – O tom dela era amargo. – Então, ele saía e ia fazer todos os tipos de coisas ruins.

Uma velha concordou com a cabeça e fez o sinal da cruz, embora Jack se lembrasse de que tinha pensado que não era uma má ideia.

– Pensei que Shane pudesse estar aqui – Carl disse, com o tom de um camarada durão que caga para tudo.

– Às cinco e meia da manhã? Vocês devem ser grandes amigos...

– Somos. E daí?

– Ele não tá aqui.

– Mas você tá.

– Aparentemente.

Carl balançou a cabeça. Então, levantou um pouco o queixo e fez uma cara de chateado.

– Ouvi dizer que está indo muito bem no Palomino – disse Jack. – Que você continua com sua rotina de *rebelde sem causa*?

– Vá se foder. – Carl enfiou as mãos nos bolsos apertados de seus jeans. Deu uma olhada na cozinha. – Não estou fazendo nada.

Jack viu o celular de Kim em cima da mesa de jantar.

– Legal – disse, pegando e abrindo o celular. – Prometi a Renée telefonar pra ela quando eu visse você de novo. Ela tem estado muito preocupada.

– O quê? – O jeito à vontade de Carl desapareceu na hora, como um palito de fósforo apagado. – Ei, não...

– Como?

– Não telefona pra ela.

– E por que não? – falou Jack, contemplando o Chivas, porque sua cabeça estava latejando e os olhos pareciam dois saquinhos de areia quente. – Eu gosto da Renée. E não gosto de você.

Carl fechou os olhos por um segundo. Abriu-os novamente.

– Por favor – disse.

Jack olhou para ele por um instante. Fechou o celular e o colocou de novo na mesa.

– Melhor começar bem do começo.

– Você tem que me ajudar, Jack. – Carl apertou as mãos em um gesto de sinceridade. – Tô com o maior problema.

Jack ficou mudo.

– Não escutou?

– Claro que escutei. – A voz de Jack era baixa, mas dura. Sentiu o sangue fluir da palma da mão até a nuca. – Que tal me devolver as chaves – disse, mostrando as mãos. – Ou, por acaso, você as deixou cair na Susko Books depois de toda a merda que fez lá?

Carl baixou os olhos para o chão, abanou a cabeça, sério.

– Não, não, não – disse e olhou de novo para Jack. – Aquilo *não* fui eu. Eu deixei eles entrarem mas não fiz aquilo, não.

– Você os deixou entrar, mas não foi você? – praguejou. – Minha livraria toda espalhada no chão e você fica me dizendo que isso não

tem nada a ver com você? E a merda que fizeram no meu apartamento?

– Já disse pra você. Eu tive que deixar eles entrarem. Eles me pegaram pelos colhões. Você tem que entender.

Jack pegou a garrafa de Chivas Regal e ficou brincando com ela.

– Tá certo, Carl. Então vamos fazer tudo direitinho. Quem, o que e por quê. Bem do começo, como já disse.

– Tem cigarro?

– Não.

Carl passou a mão pelos cabelos.

– Richard de Groot – começou – quer a Sergius de volta. E se eu não conseguir a porra pra ele, estou fodido.

– É isso?

Carl balançou a cabeça.

– Richard de Groot arrebitou com o meu apartamento e com a minha loja?

– Isso mesmo. Bom, foi principalmente o Lewis.

– E você os colocou lá dentro?

– Exatamente.

Jack abanou a cabeça incrédulo.

– Você achou as chaves sobressalentes da Susko Books no carro e aí ligou para o de Groot e disse, *“Oi, tô com as chaves comigo, vem pra cá e dá uma procurada pela Bíblia”*?

– Não – Carl respirou e desviou os olhos. – Não desse jeito. Eles me viram na sua livraria da primeira vez. Lewis estava de olho nela e me viu entrando. *Depois*, me obrigaram a ir com eles até o seu apartamento.

– Então era você quem estava procurando pela Sergius na Susko Books, e não de Groot? Mas, porra, como é que soube dela?

Carl fez uma pausa.

– Larissa.

– Puta que pariu – Jack pegou a garrafa do Chivas e serviu uma dose pequena no copo da noite anterior. Bebeu. O uísque desceu como fogo e queimou sua garganta. – Larissa mandou você ver se a Sergius estava na Susko Books?

– Isso mesmo.

Jack ficou pensando sobre isso. Ela estava verificando se ele tinha mentido para ela sobre não estar com a Bíblia. Certo. Coisas do negócio. Não havia necessidade para se desgastar.

– Então, você e Larissa, hein?

– Não é o que você está pensando.

– Essa é uma fala muito velha, primo.

– É, bem, é verdade. – Carl tentou parecer insultado, mas devia ter ensaiado mais e melhor. – Somos só bons amigos.

– Nem quero saber de nada.

– A gente *conversa*. Certo?

– Tem certeza de que tem de perguntar isso pra mim?

Carl colocou as mãos nos quadris, ia dizer alguma coisa, mas desistiu.

Jack deixou a coisa passar: ele podia sentir outras perguntas pinicando seu cérebro, como pernas de aranha se arrastando em torno de sua cabeça. Não era uma sensação agradável.

– Por que Lewis estava de tocaia na Susko Books?

– Não sei mesmo. Esperando pela Sergius, acho.

– Certo. – Jack tentou peneirar os fatos. Os fatos dúbios flutuavam como velhas rolhas de champanhe. Por que Richard de Groot pensaria que a Sergius estava com ele?

– Jack, eu preciso da porra daquela Bíblia.

– Ou o quê?

Carl ficou de pé, um pouco mais alto, estufando seu peito.

– Estou falando sério pra caralho.

Os pelos do pescoço de Jack se eriçaram de raiva. Ele apertou a garrafa do velho malte e começou a balançá-la. Colocou de novo a garrafa na mesa, lentamente, com toda a precisão. Queria muito um cigarro para ter alguma coisa na mão e poder pensar em outra coisa sem ser dar um soco.

– Você disse que veio até aqui procurando por Shane – disse. – Para quê?

Carl levou um instante para responder:

– Ajuda.

– De que jeito?

– Não sei! De Groot vai grudar o Lewis em mim, pelo amor de Deus! Encher minha cara de porrada se eu não der para ele a merda da Bíblia. Estou correndo de tudo que é jeito para escapar dessa confusão e a minha mulher ainda me botou pra fora de casa e eu não tenho um puto para pagar as contas... e merda e... e... *porra*.

– Você apareceu na sexta à noite – falou Jack, lembrando, sem tirar os olhos de Carl. – Logo depois do assalto à De Groot Galleries. Você já sabia de tudo o tempo todo.

– É, sabia, e sabia que tudo tava indo água abaixo. Fui para dar uma checada.

– Para quê?

– Oportunidades. O que mais?

– Que tipo de oportunidades, por exemplo?

Carl deu de ombros.

– Do tipo... alguma coisa. Sei lá – respondeu.

– Meu Deus – falou Jack . – Eu não percebi que eu era parente de um gênio do crime.

Carl rosou com seu lábio superior.

– Você não costumava trabalhar para o Ziggy Brandt?

– Eu trabalho para mim mesmo. Você trabalha para quem?

– Para a minha família.

– E faz um bom trabalho, por sinal.

Jack achou que tinha exagerado, mas Carl ficou todo ruborizado e desviou os olhos.

– Tá certo. Fodi tudo. Mas agora você tem que me ajudar, cara.

– Naquela noite você apareceu e pediu emprestado o carro. Por quê?

– Eu estava precisando, só isso. Vi você saindo da galeria e, porra, eu não conseguia acreditar. E você dirigindo o Toyota... Parecia a velha no volante. Quase dei um grito. – Pausa. – Ainda não consegui entender por que ela deu o carro para você. – Havia uma amargura na voz dele.

– Para ele não sumir.

Carl olhou sem expressão para o primo.

– Posso beber? Por favor?

– A água está bem atrás de você.

– É isso?

– Me conte mais histórias, Carl. – Jack se ajeitou na cadeira. – E fique sabendo que eu estou sofrendo os efeitos da abstinência da nicotina.

Pausa.

– Você aqui com a Kim?

Jack viu a testa do primo se contrair levemente sobre os olhos.

– Não é da sua conta – disse, com um tom gelado. Engoliu mais um pouco do uísque. Sua cabeça já estava melhor, diferente da situação pela qual passava. – Então, Larissa tinha você desde o começo de tudo. Para ficar cuidando de Shane, suponho. – Jack levantou o copo, fechou um olho e mirou a luz do teto. – Mas Shane não tá aqui e nem a Sergius. De Groot tá na sua cola e a sua esposa mudou todas as fechaduras. Parece que você tá mesmo numa merda de dar gosto, primo.

– Você fala demais. – A geladeira começou a fazer um ruído. Carl deu uma olhada, colocou a mão no quadril estreito, passou a outra pelo cabelo e tentou parecer cruel.

– Tá querendo meter medo? O que mais?

– Vá se foder.

– Não vai ser assim que as coisas vão acontecer – Jack falou. Chutou a cadeira em sua frente e esticou as pernas. – Larissa contou pra você sobre o negócio da Sergius?

Carl sentiu a crescente violência no humor de Jack. Sentou-se, jogou-se para frente com os cotovelos na mesa, um cansaço total, um peso de casacão todo molhado sobre os ombros.

– Olha, eu nem consigo mais me lembrar da porra toda. Eu meio que escutei Shane e Walter falando sobre o trabalho em um de nossos espetáculos. Quando contei para a Larissa, acho que ela já sabia.

– Vocês todos são do mesmo grupo daquele teatro?

– Somos, do Palomino. Bem no fim da rua, em Devonshire.

– O Walter é um dos russos?

– É. Bom ator. Gordo pra caralho. Já tinha passado um serviço para Shane uma vez. Ouvi os dois falarem sobre este novo serviço num ensaio há algumas semanas. Shane estava pedindo a Walter se

ele podia arranjar mais algum trabalho assim para ele. Falou que tava precisando muito de dinheiro. Ele meio que se convidou, embora, pelo que ouvi, Kablunak estivesse precisando de outra pessoa.

– E você fez dobradinha com Larissa.

– Jack, *de verdade*, preciso muito do dinheiro. A indústria imobiliária tá em baixa. Vou ter muita sorte se conseguir um trabalho para trocar lâmpada de teto.

Jack concordou com a cabeça, mas tinha parado de ouvir. Estava meditando e chegando a conclusões – e agora a visão sobre Larissa Tate estava claríssima. A garota podia fazer malabarismos com uma serra elétrica e sair sem um arranhão. Ela trabalhava para de Groot e sabia tudo sobre a Sergius. Então, vem Shane e conta para ela sobre o novo assalto que vai fazer e, *presto*, ela tem seu homem nesse trabalho. Depois, o descerebrado do Carl também aparece e ela dá um jeito de usá-lo. Jack convenientemente cai de paraquedas no colo dela graças ao correio australiano. Seguro e barato em cada aposta sob qualquer ângulo.

– Como é que Richard de Groot entrou em contato com você? – Jack perguntou.

– Já te disse. Lewis me pegou entrando na Susko Books.

– É, claro. Mas, pra início de conversa, o que Lewis tava fazendo lá?

Carl deixou a cabeça cair. Parecia um eletricista cansado e estressado, pai de três filhos, com uma van quebrada e uma esposa solitária.

– Eu liguei para de Groot mais cedo. Ofereci a Sergius para ele. Deve ter mandado o Lewis ficar de olho em mim.

Jack sorriu.

– Achou que ia ser fácil, você sozinho.

– Não devo porra nenhuma à Larissa. Tenho uma família, Jack.

– O que de Groot ofereceu?

– Dez mil.

Jack se lembrou da oferta que Richard de Groot tinha feito a ele depois do assalto.

– O que é que eu ia fazer com uma Bíblia que vale cem mil paus?
– Carl disse, apertando as próprias mãos. – Vender a porra numa barraquinha de igreja num domingo à tarde?

Bem, Carl não tinha noção dos 3,4 milhões. Jack ficou pensando se devia contar isso para ele.

– Achei que ia poder vender de volta para o de Groot, entende? – Carl continuou. Calculei que era o modo mais fácil de conseguir dinheiro vivo. – Fez uns sons com os dedos na mesa. – E eu tinha ouvido histórias. Não ia me meter com a porra do russo.

– Então, ofereceu a Bíblia para o de Groot, mas sem tê-la com você?

– Larissa me contou alguma merda sobre Shane se escondendo por uns dias e que tudo seria resolvido em poucos dias. Não acreditei nela, por isso a segui até o seu apartamento. Você estava lá na hora em que o trabalho tinha sido feito na sexta e agora Larissa aparecia para um papinho. – Olhou acusadoramente para Jack. – E ela passou a noite toda com você.

– Então, estou de conluio com a Larissa, é isso?

– E por que não? Você costumava trabalhar para o Ziggy Brandt. Por que, então, não estaria? – Balançou a cabeça afirmativamente. – A oportunidade se oferece.

– Claro. E obviamente a Sergius estava comigo.

– Correto. – Os olhos de Carl se estreitaram um pouco enquanto olhava para Jack. – Não achei que seria um problema pegar a porra. – Bateu no próprio bolso. – Afinal, eu tinha as chaves de reserva.

Jack apanhou a garrafa de uísque. Botou um pouco no copo de Kim e o empurrou para o primo. Depois, se serviu do resto. Bebeu.

– Não está comigo – disse.

Carl fechou os olhos por um instante, controlou-se.

– Você precisa ser tão escroto? Meu Deus!

Jack bebeu mais um pouco de uísque.

– Carl, eu não estou com a Bíblia.

– Você tem que dar a Bíblia para o de Groot. – A voz de Carl se quebrou um pouco: era a voz de um pecador, pesada de remorsos e arrependimentos. – Não posso deixar que a Renée fique sabendo disso tudo. Nunca ia me aceitar de volta. Não dessa vez.

– De Groot não vai te dar dinheiro algum, Carl, pode acreditar em mim. Devia ir pra casa e esquecer isso.

– Ah, claro! Depois de Lewis arrebentar a minha perna. Vou ter que ir me arrastando pela Old Canterbury Road.

Um pouco de simpatia se instalou em algum canto dentro de Jack. Tentou pesar a sinceridade do primo, mas era um horário cedo demais da manhã para um julgamento mais atento.

– Eu não posso te dar a Bíblia.

Carl se virou de costas com desgosto.

– Olha. Kablunak quer a Bíblia também e eu tenho que pensar nas minhas pernas. E, só pra você ter uma leve noção, Lewis também quer. Ele tá junto com a mulher do de Groot. E Richard não tá nessa.

– O quê?

– O que você ouviu. E eles estão com a Larissa em algum lugar. Ou eu dou a Sergius para eles ou...

Carl franziu as sobrancelhas, digerindo tudo o que Jack lhe tinha contado. E nada daquilo ia ser de ajuda para ele.

– Então, todo mundo quer esta merda – Jack continuou. – E sou eu o cordeiro pronto pra ser assado. Não você.

Um telefone começou a tocar. Carl procurou em seu bolso e abriu o celular. Olhou para a tela

– Puta que pariu. – Bateu o telefone na perna e xingou um pouco mais, seu rosto pálido, os olhos vermelhos e apertados. – É o puto do de Groot.

– É melhor atender.

– Mas o que é que eu vou dizer?

Jack olhou para o seu copo de uísque. Dois toques depois, disse:

– Diz que eu quero falar com ele.

Carl ficou olhando espantado para Jack.

– Tem certeza?

Jack fez que sim com a cabeça e esticou a mão para o celular. Carl respirou fundo e atendeu a chamada.

– É, sou eu... é... Isso, eu achei ele... É, mas ouve... Ele quer falar com você... Ok?... Um segundo...

Jack ficou de pé. Carl lhe passou o telefone.

– Richard – disse ele –, como vai o meu ladrão de arte de quatro patas?

24

AGORA, JÁ ERAM 6H30. UM carro de polícia com a sirene ligada passou quando Jack virou o Fiori na Oxford Street. Por mais cedo que fosse, já havia tráfego: uma série de carros e táxis, caminhões de entrega, ônibus e motocicletas. Pessoas andavam nas calçadas. Era uma manhã meio iluminada, quente e já agitada, uma lua meio escondida iluminava a escuridão final com uma névoa esfumaçada e perolada. O céu estava ocupado juntando nuvens tempestuosas, como um tosquiador arrumando sua lâ. Logo a chuva ia cair. Um alívio.

Talvez.

Jack estava com pressa de chegar à casa de Richard de Groot em Vacluse. Estava cansado, dolorido; via de fora tudo que tinha acontecido nestes últimos poucos dias, ainda que parecesse que ele estava bem no meio daquilo tudo. De Groot tinha sido petulante no telefone, todo risos e “claro, Jack, sem problemas”, exalando fumaça suficiente para poluir uma pequena cidade. Não falaram por muito tempo, mas Jack fez de conta que estava vendendo e de Groot fez de conta que estava comprando – embora Jack tenha ficado surpreso quando de Groot insistiu para ele ir imediatamente.

– Estou com muito tempo agora – disse. – Com muito dinheiro, também.

– E por que esperar por nosso amigo russo?

De Groot hesitou.

– É. – E então: – Vamos acabar logo com isso?

– Por que não?

– Ótimo. A gente toma alguns coquetéis de champanhe e ficamos vendo a tempestade chegando.

– Qual é o endereço?

O sul-africano lhe dissera.

– E, Jack – tinha acrescentado –, você sozinho. Sem o primo, certo? Ele me irrita.

– Claro. Mas também mantenha o seu cão de briga longe.

De Groot deu uma risada.

– Não me deixe esperando.

Jack estacionou o carro. Deu uma volta e trancou a porta do lado do passageiro, olhando para sua bolsa ao lado dele no assento. Qualquer chave podia abrir o Fiori de Chester, mas Jack duvidava ser um carro que interessaria ladrões de subúrbios ricos. E era melhor não levar a bolsa com ele para conversar com de Groot. Empurrou-a para debaixo do banco.

A casa de de Groot era no alto da Vaocluse Road, uma casa grande, em estilo moderno, placas de pedra cinza, compridas janelas transparentes, mas tingidas, niveladas com as placas, para que, sob a pálida luz da lua matinal, todas as paredes parecessem tão lisas quanto uma folha de metal.

Três andares e uma espécie de deck coberto por um prolongamento do telhado também, tudo construído atrás de um muro alto feito com as mesmas placas de pedra cinza da casa, e um polidíssimo portão de aço que se alongava em um caminho em curva para carros levando direto para um estacionamento subterrâneo. Minimalista, trabalho de um arquiteto, provavelmente em torno de 5 ou 6 milhões. Ou, quem sabe, 10 ou 12: que merda Jack sabia? Tudo que ele tinha certeza era o valor crescente de raras Bíblias iluminadas do século XIV.

Inspecionou o lugar, um pouco nervoso agora. Era uma baita de uma propriedade. Com a cidade tremeluzindo ao longe e com uma boa parte do Sidney Harbour na sua frente e os mastros dos grandes iates com luzes no alto dançando suavemente no brilho da água, bem embaixo da colina: você sempre podia ver onde tinha estacionado seu barco. E mesmo com o céu ganhando contornos apocalípticos, ainda havia algo para ser visto e se sentir bem.

Houve o ruído de algo deslizando. Jack viu o longo portão de aço da residência de de Groot se abrindo. Podia ouvir, bem embaixo, o

eco de uma máquina em movimento. Duro e alto. Exatamente antes de o portão chegar ao fim de seu trilho, houve uma grande cantada de pneus, um rugido profundo de aceleração e, em rápidos segundos, um carro despontou no alto do caminho.

A Maserati de de Groot saiu pela estrada, sua frente gradeada como o focinho de um cão de guarda enfurecido, com alguém puxando com força seu cinto de segurança pelo pescoço. As janelas eram escurecidas. E, na luz sombria, Jack não conseguiu ver quem estava na direção. Richard de Groot? Certamente, não.

O carro saiu voando em direção à cidade. Por que de Groot sairia agora? Deixando Jack e 3,4 milhões para trás?

Jack ficou olhando a rua, onde o carro já havia desaparecido. *Não, ele não iria.*

25

UM TROVÃO RESSOOU AO LONGE.

Jack apertou a campainha que ficava debaixo da câmera em formato de olho à esquerda do portão da frente trancado. Nenhuma resposta. Pelas barras ele podia ver um caminho de tijolos que se dirigia para a esquerda. Podia ouvir alguma coisa borbulhante também: sem dúvida, algum tipo de decoração com água. Tocou novamente a campainha, olhando pelas lentes como se pudesse ver alguém do outro lado. Novamente, nenhuma resposta.

Mais trovões. Jack foi até a entrada da garagem. Não havia sido fechada depois que a Maserati saiu em disparada. Olhou para algumas casas vizinhas. Era possível avistar apenas suas luzes de segurança. Tudo estava quieto e vazio ao longo da Vaucluse Road. Jack ouviu um barulho alto enquanto descia o curvo caminho pavimentado e entrou na parte de baixo da casa.

Não havia carros, mas havia espaço suficiente para quatro ou cinco. Nenhuma prateleira, nenhuma caixa, nenhum balcão também, nada daquelas parafernálias encostadas nas paredes, comuns em qualquer garagem: só um retângulo bem iluminado e impecável que poderia ser alugado como um andar para *showroom*. Duas portas creme na parede do fundo. Jack escolheu a da direita. Atrás dela, levando para o interior da casa, escadas largas de mármore com veias pretas. Começou a subir. Chamou:

– De Groot?

Em resposta, a casa o envolveu no mais completo silêncio.

No alto da escada, um longo e elegante corredor: uma passarela no estilo persa cobria o chão, algumas peças de aço escovado e mobílias de vidro, algumas obras de arte penduradas nas paredes brancas.

– Olá? Alguém em casa?

Jack ficou escutando. Nada ainda. Começou a imaginar o que ele teria que dizer à polícia.

Com todo o cuidado, foi andando pelo corredor, olhando para tudo que estava exposto: uma série de meia dúzia de aquarelas, de cerca de 40 centímetros quadrados enquadradas em molduras de madeira bem clara. Os temas eram muito curiosos – galinhas depenadas, galinhas assadas, galinhas sem cabeça, galinhas no fogo, galinhas estripadas penduradas em ganchos. Jack não conseguia descobrir se os de Groots gostavam de galinha ou se eram vegetarianos fazendo uma declaração política. Provavelmente só *de rigueur*. Isso o fez lembrar de Kablunak comendo em seu escritório com as mangas arregaçadas.

Após todo o espaço dedicado às aves domésticas, um salão enorme, arejado, coberto de carpete creme com tetos altos e muitos espelhos; do lado da Vaocluse Road, uma parede de vidro duplo, a melhor escolha para se ter uma visão do porto. Colocados com notável precisão em torno do salão, elegantes e cuidadíssimos sofás de couro branco, tapetes beges bem grossos, luminárias e cadeiras ultramodernas, além de um par de mesas de tampo de vidro com nada em cima. Uma gigantesca pintura aborígine, toda pontilhada, tomando praticamente toda a parede do lado direito, quente e luminosa sob uma iluminação sutil e altamente profissional. Colunas no estilo grego antigo enquadravam duas portas que conduziam à parte externa do salão. O lugar era como um cruzamento entre uma casa de campo mediterrânea e um saguão de hotel. Os sofás, poltronas e cadeiras pareciam ter sido passados a ferro, os pelos dos tapetes grossos, meticulosamente escovados. Jack ficou matutando se alguém já havia respirado ao menos uma vez naquele lugar, ou mesmo se sentado ali.

Entrou na segunda porta que tinha no salão. Levava a outro salão, não tão grande quanto o primeiro, mas igualmente acarpetado e quieto. Um painel de ar-condicionado indicava uma temperatura agradável de 22º em seu mostrador digital.

Mais duas portas se abriam para a direita. Jack viu dois enormes quartos de dormir, vazios e tão perfeitos e sem o menor vestígio de alguém ter dormido lá que podiam servir de modelo de decoração

para uma revista. No fim do corredor, virou à direita. Atrás da primeira porta, outra irretocável sala toda branca com uma grande vista para o porto. Era o escritório de alguém: uma mesa moderna e grande de um executivo, uma cadeira executiva de couro preto, estantes, outra mesa menor e ergonômica no canto, com um computador em cima, algumas pinturas a óleo nas paredes e, sobre uma mesinha, um vaso com flores se abrindo.

Jack deu um passo à frente. As flores eram da família dos lírios: difíceis de serem achadas em Sidney, mas muito apropriadas para o clima de funeral. Especialmente levando em conta que havia um cadáver ali.

26

RICHARD DE GROOT ESTAVA DEITADO de cabeça virada para o chão atrás da mesa. Usava um roupão de banho branco. Parecia muito caro e confortável. Jack imaginou que de Groot jamais teria pensado que podia morrer vestido nele quando o comprou. Mas as coisas são assim. A morte não levava em consideração roupões de banho 100% algodão egípcio. Todo conforto era passageiro. Pelo menos até o último suspiro.

Jack deu um passo, aproximando-se. A cadeira executiva de couro preto estava empurrada para o lado. A cabeça de de Groot estava enfiada na cavidade de um cofre de chão aberto, como se tivesse caído depois de uma trilha difícil, tomando uma boa quantidade de água pura de um riacho frio de montanha. Tinha levado um tiro nas costas. Talvez quando estivesse pegando um dinheirinho para Jack a fim de premiá-lo pela Sergius.

Duas marcas de tiro, bem atrás do coração. *Bang, bang.*

Jack se ajoelhou e deu uma olhada na parte de trás da cabeça de de Groot. Não era um cofre particularmente grande, talvez 30x20, e não mais do que uns 30 cm de profundidade. Estava vazio. Mas uma pequena fortuna teria se sentido bem confortável ali. Jack se aproximou mais um pouco, a luz batia de um ângulo diferente e viu que, na verdade, ele era mais profundo do que havia pensado inicialmente: também se estendia mais para a esquerda e para a direita sob o piso. *Meu Deus.* Cem mil sumidos? Duzentos mil? Mais?

Jack ficou de pé e alguma coisa ao lado da mesa chamou sua atenção: era um maço de dinheiro. Notas de cem dólares. As palavras impressões digitais surgiram rapidamente em sua mente, mas aparentemente não tiveram muito efeito sobre ele. Jack alcançou o maço, pegou o dinheiro e se afastou do corpo de Richard de Groot. Cédulas de dinheiro amarradas firmes, com cerca de dois

centímetros de espessura. Algo que Jack sempre sonhara ter sob seu colchão.

Dez mil dólares? Mais ou menos isso. Dois pequenos centímetros de dinheiro. O assassino tinha se esquecido deles. No meio de um bocado de maços idênticos, era fácil de acontecer.

– Pode ficar com ele, Sr. Susko.

O sangue da cabeça de Jack sumiu como um raio. Por um segundo, o quadro diante de seus olhos ficou turvo e sentiu uma onda gelada descendo por suas costas. Virou-se para a voz, quase deixando cair o dinheiro.

Viktor Kablunak estava em pé na porta do escritório de de Groot. Atrás dele, estava Pascal, os braços cruzados, o queixo levantado.

– Vamos, fique com ele – Kablunak repetiu, tranquilo e generoso, como se estivesse em sua própria casa. – Dinheiro é para os vivos.

Jack abaixou os braços. O seu polegar mexeu nervosamente num cantinho do maço de dinheiro.

– Você o matou – disse.

Kablunak riu, olhou para Pascal atrás dele e se voltou novamente para Jack.

– E por que eu faria isso, Sr. Susko?

– Pela Sergius.

O russo balançou a cabeça, parecendo um professor desapontado com o aluno promissor.

– Mas você tá guardando a Sergius para mim, Sr. Susko. Ou não? Por que eu iria matá-lo por algo que ele não tinha?

Jack continuou de pé, mais ereto, enquanto o sangue voltava lentamente a sua cabeça. Agora começara a pulsar.

– Não há nada que Richard de Groot tenha que eu gostaria de ter – Kablunak falou. – E, ainda por cima, eu ficaria aqui esperando que alguém chegasse? – Fez um gesto de desprezo para mostrar que nada daquilo tinha sentido e entrou no escritório. – É óbvio que outra pessoa o matou.

– Então o que está fazendo aqui?

– Seguindo você, Sr. Susko. – Viktor Kablunak levantou as sobrancelhas e apontou para o dinheiro na mão de Jack. – Para

assegurar que você não faça nada de estúpido. – Sorriu. – Mas, vamos, fique com o dinheiro. É todo seu. Um pequeno bônus.

Jack olhou para o maço em sua mão. Colocou-o na mesa.

– Vou ficar bem, obrigado.

– Não, não, não – Kablunak disse. – Eu insisto. Você *deve* ficar com o dinheiro.

– Por que você não fica com ele?

O russo sorriu.

– Já limpei meu cu hoje.

– Me lembre de usar este banheiro na sua casa.

– Muito engraçado, Jack. De verdade. – Kablunak foi até a mesa e pegou o dinheiro. E se abanou com ele, segurando um canto com o seu polegar manicurado e grosso. Aí, devolveu o dinheiro para Jack.

– Ninguém viu isso – disse. – É de graça. Fácil. Fique com ele.

– Não é meu.

– Ah, Sr. Susko, não acredito. Será que Pascal bateu demais em você? – O russo caçoou. – É só dinheiro. Não tem alma e nem pode assumir a alma daquele que o tem na sua carteira. Me escuta. O dinheiro não pode ser *possuído*. O dinheiro só pode ser *usado*. – Fez que sim com a cabeça, sorriu e deu um leve tapa na perna com o maço. – Eu gosto de você. Deixa eu contar um segredo e talvez você fique com este dinheiro, vá, faça uma fortuna e nunca mais fique de joelhos para outro homem. – Andou da mesa até a janela e ficou olhando para o céu, estilhaçado por algumas luzes ainda acesas e iluminado pelos apavorantes raios ao fundo. – Dinheiro é *energia*, Sr. Susko – disse. – É *eletricidade*. Ele *se movimenta*. O único objetivo dele é se movimentar. E tem atração por aqueles que o ajudam a se mover. – Kablunak virou e olhou firme para Jack, seus olhos escuros cintilando. – Pense bem, Sr. Susko. Quem usa madeira para fazer casas? – Voltou a entregar o dinheiro a ele.

Havia um homem assassinado no chão ao lado de Jack. Olhou novamente para o corpo de de Groot. Havia sido um longo dia e uma longa noite. E parece que seria uma longa manhã também.

– Pegue – Kablunak disse, seu tom mais endurecido em alguns níveis. – Ou eu vou fazer você comer isso.

Não tinha nada em que pensar. Jack esticou a mão, pegou o maço do russo e o enfiou no bolso da frente dos seus jeans.

Era isso. Pronto, feito. Dependendo do que acontecesse no final, Jack supôs que ele podia sempre usá-lo para pagar sua fiança.

– Bom. Muito bom. – Kablunak deu um largo sorriso. Deu uma volta bem à vontade pela mesa e parou próximo a Jack e olhou para o corpo de de Groot. – E aí? Quem?

– Não sei. – Jack podia sentir o cheiro da loção pós-barba e a familiaridade acrescentados ao seu desconforto.

– Sei. – O russo pôs a mão no rosto e sentiu a maciez do queixo com a ponta dos dedos. – Certo.

Jack apontou com a cabeça o corpo de de Groot.

– Um velho amigo seu.

– Era uma vez...

– O que aconteceu?

Viktor Kablunak se virou para Jack, olhou por um momento para ele, sem expressão alguma, e voltou a olhar para o corpo de de Groot no chão. Ele disse:

– O aluno supera o professor.

Jack sentia o dinheiro no bolso colado em sua perna.

– Eu não sabia que era budista.

Kablunak arreganhou os dentes.

– Não, Sr. Susko. Minha mãe ficaria muito contrariada a uma simples menção como essa. Mas quem sabe esse nosso amigo, em sua próxima vida, volte como uma barata? Eu espero e torço para que sim.

– Ele poderia viver muito mais tempo assim.

O rosto do russo estava sério, com uma leve dor.

– É. – Empurrou o corpo de de Groot com o sapato. – Preste atenção, Sr. Susko. Um homem morto. E por quê? Porque o seu raciocínio foi encoberto pelo seu ego. Quis me mandar um recado. Marcar o terreno dele, como se diz por aí. Bem, este foi o seu prêmio. – Kablunak andou de volta para a porta, parou e se virou para encarar Jack. – O ego é um puteiro, Sr. Susko. Mas não se esqueça, nesse, você não fode ninguém a não ser você mesmo. – Apontou um dedo. – Vem comigo agora.

Kablunak fez um meneio de cabeça para Pascal, que entrou no escritório. Foi até onde Jack estava e se plantou ao seu lado.

– Vamos.

Jack sentiu suas glândulas adrenais começarem a trabalhar.

– Não vou a lugar nenhum.

– Sr. Susko. – Kablunak estava com um terno cinza metal da cor de um revólver, todo amarrotado, uma camisa marrom-escura desabotoada até o meio do peito, mas o cansaço estava começando a aparecer em sua voz. – Não pretendo deixar você fora de vista até a correspondência chegar hoje mais tarde. E você deveria torcer para que chegue mesmo hoje.

– E de Groot? Vai simplesmente deixá-lo aqui?

– Tem pouca coisa que eu possa fazer por ele. O conforto dele, dependendo do que você acredita, está agora nas mãos de Deus. – Viktor Kablunak fez um sinal da cruz rápido e curto. Não era particularmente reverente. – Esse é o ciclo e o mistério da vida.

Pascal agarrou Jack pelo braço.

– Espera.

Kablunak encarou Jack duramente.

– Não sou uma pessoa matinal, Sr. Susko.

– Eu não posso te dar a Sergius.

– Talvez não tenha feito me entender. Não sou *nem um pouco agradável* de manhã cedo.

– Acho que sei quem matou de Groot – Jack falou. – Rhonda veio me ver ontem. Com um revólver. Ela também quer a Sergius.

– Rhonda? – Kablunak fechou a cara.

– E Lewis – Jack acrescentou, sentindo o suor correr pela espinha. Estava quente no escritório; o ar, pesado de calor e morte, e ele não queria ficar ali nem mais um minuto. – Se eu não der para eles a Bíblia, Lewis vai me fazer uma visita. E eles estão com Larissa Tate, a assistente de de Groot, como refém, e parece que as coisas não estão nada boas para ela também. – Jack queria respirar mais profundamente, mas ia esperar para fazer isso até que estivesse do lado de fora, no ar que antecede as tempestades. – Não quero ter sangue nas mãos, Viktor. Nem o meu e nem de ninguém.

– Lewis? – Pascal se eriçou todo como um cachorro quando sente o cheiro do coelho em uma corrida. Virou-se para o patrão – Aquele filho da puta tá aqui?

– É o que parece – murmurou Kablunak.

– Então você consegue ver o dilema – falou Jack.

– Só o seu, Sr. Susko. – O russo botou os olhos no cadáver de Richard de Groot.

– Como aquele merda do Lewis conseguiu entrar no país? – Pascal perguntou, sempre segurando o braço de Jack.

Viktor Kablunak deu de ombros.

– Por que ele ia se dar ao trabalho de entrar no país? – perguntou Jack.

– Porque na África do Sul ele é um cara muito mau – disse Kablunak. Coçou a nuca.

– Talvez vocês dois devessem abrir um clube.

– Não brinque com coisa séria, Sr. Susko. Se Lewis está com a sua namorada... – O russo fez um gesto no ar. – Bem... isso não é nada bom para ela. Pena que você não possa fazer nada por ela.

– Ela não é minha namorada, Viktor. Mas, mesmo assim, não pode ser desse jeito.

– Você não está em condições de dizer nada.

As palavras do russo soaram como uma bofetada. E a verdade delas era amarga. Jack podia sentir agora o gosto, como um licor de terceira descendo e queimando sua garganta. Para ele, não ia ter Sergius, dinheiro, nenhum negócio, nenhuma chance, nenhum final feliz. Nada de bom. Ia ser só este homem morto no chão que estava na sua frente e não sei mais o que aparecesse adiante.

– Sentiu o que é ser uma pessoa sem poder, Sr. Susko? – Viktor Kablunak mostrou um sorriso sutil.

– Sou apenas humano, Viktor.

– Bem, esse é o seu problema, Sr. Susko. *Atitude*. Os nossos limites são meramente aqueles aos quais nos submetemos.

– É mesmo? Tá dizendo que eu podia tocar piano como Red Garland se eu quisesse?

– Tenho certeza de que nunca nem tentou.

– Por que tentaria?

– Está percebendo o que estou querendo dizer, Sr. Susko?

– Ok. Certo. – Ele só tinha mais uma opção em aberto e Jack sabia que ia ter que ficar com ela. Por isso, olhou no olho do russo e arriscou. – Você podia me ajudar.

Kablunak parecia saborear o pedido por um instante.

– E por que eu faria isso, Sr. Susko?

– Acabar com estes limites. Tentar um pouco de ternura.

O russo riu.

– Sabe, Sr. Susko, eu realmente gosto de você.

– E?

– Não o aconselharia a apostar numa merda de um par de sete.

Kablunak estava certo. Mas Jack, no passado, já tinha apostado em menos e vivido para contar uma história para Lois.

– Que horas são agora?

O russo deu uma olhada no relógio.

– Sete e quinze.

– Posso colocar a Sergius nas suas mãos em uma hora e 45 minutos.

– Sério?

– Sem sombra de dúvidas.

– Bem. Ótimo. – Viktor Kablunak balançou a cabeça lentamente. Sorriu um pouco mais. – Acho que, enfim, estamos chegando a algum lugar.

– Aonde? – Pascal perguntou, todo confuso.

Jack o ignorou, continuou olhando para Kablunak.

– E aí? Vai me ajudar?

– Você fez das tripas coração ontem para me explicar que a Sergius ainda não tinha chegado, Sr. Susko.

Jack encolheu os ombros.

– O que é que eu posso dizer? Quando eu estou com o taco, normalmente é a minha vez.

– Não minta mais para mim – Kablunak falou. – Não tenho cachorro, mas adoro exercitar a minha vingança, Sr. Susko. Regularmente.

– Ok.

Pascal começou a andar.

– O que quer fazer?

O russo suspirou, balançou a cabeça.

– Vai cair uma tempestade e chover o dia todo hoje. Na verdade, quero ir para casa, pôr meus pés para o alto e ver um bom filme. Algo como... *Um lugar ao sol*.

– Posso levar pipoca.

– Você gosta da Elizabeth Taylor, Sr. Susko?

– Até em *Cleópatra*.

– É, bem... – Kablumak consultou seu relógio de novo. – Vamos torcer para que você não tenha as mesmas críticas arrasadoras para sua próxima interpretação. – Puxou as mangas da camisa. – É isso. Onde estamos para testemunhar as cenas finais, Sr. Susko?

– Lewis quer que eu vá para a De Groot Galleries logo que estiver com a Sergius.

– Então será para lá que devemos ir.

– Agora?

– Claro.

– Como sabe que ele vai estar lá?

– Porque eu sei de muitas coisas, Sr. Susko.

– É mesmo? Qual é o número em que estou pensando agora?

– Três ponto quatro milhões – Kablunak falou, o rosto com uma expressão *impassível* para *não impressionar*. – Menos as despesas. E eu o aconselharia, Sr. Susko, a ficar fora daquela coluna do meu livro de contabilidade.

O BARULHO DA CIDADE ERA ouvido ao longo das águas como um gigantesco perfurador de petróleo, as luzes coloridas piscando sobre o porto. Pascal seguiu Jack até o Fiori para que ele pegasse a bolsa e depois voltou com ele até a Mercedes estacionada em frente à casa de de Groot. Walter estava atrás da direção, olhando a paisagem pela janela. Viktor Kablunak estava no banco da frente ao seu lado, os olhos fechados, a cabeça recostada no encosto de couro, como um desgastado passageiro em uma longa viagem de avião. Acima deles, havia luzes acesas no interior da residência de de Groot. Não as apagaram. Jack estava tendo dificuldade para livrar sua mente da imagem do corpo de de Groot vestido com roupão, deitado lá no chão do escritório daquele jeito, a cabeça pendurada no cofre vazio, todo sangrento e morto. Estava contente por algumas luzes terem sido deixadas acesas com seu brilho quente de halogênio. Não era um homem religioso, mas, em relação à morte, sempre teve essa tendência. Jack se lembrou de tia Eva falando sobre como ela havia passado a noite toda sentada com o marido quando ele morreu. Dessa forma, o seu corpo terreno estava salvo quando a estrada fantasma fosse tomada. Mesmo que, em vida, ela normalmente não conseguisse suportá-lo. Jack se viu agradecido pelas luzes naquelas janelas.

Pascal passou por ele e abriu a porta traseira da Mercedes.

- Vocês fazem isso com frequência?
- Fazemos o quê?
- Deixar corpos para trás, para eles se virarem sozinhos?
- Quer ir lá em cima e dar um copo d'água pra ele?
- Que tal chamar a polícia, por exemplo?
- Isso é com o Sr. Kablunak.
- Também está nas suas mãos.

– É mesmo? – Pascal zombou. – Não vai ser a pior mancha que eu ia ter que limpar. E você? – Empurrou Jack para o banco de trás e bateu violentamente a porta nele.

Walter ligou o carro, olhou para o patrão.

– Para onde?

– De Groot Galleries – respondeu Kablunak, ainda de olhos fechados.

Walter fez um retorno com a Mercedes e se dirigiu para a cidade. Jack olhou pela janela, cansado e resignado. Tudo o que sabia era que ele não ia se deitar na cama com Kim de novo tão cedo. E que havia 10 mil paus de um homem morto em seu bolso.

– Será que a gente podia passar pelo meu apartamento? – perguntou. – Preciso dar de comida à minha gata.

Ainda de olhos fechados, Kablunak falou:

– Sessenta e oito por cento dos animais domésticos morrem de doenças ligadas à obesidade, Sr. Susko.

– Isso é um não?

Foram serpenteando por Rose Bay, Double Bay, e viraram na Ocean Street em Edgecliff. Kablunak tinha colocado para tocar o *Relaxin' with the Miles Davis Quintet*, de 1956. Jack tinha que admitir que o homem tinha bom gosto. O céu estava desigual em sua escuridão: os últimos remanescentes da noite estavam cheios de nuvens, e começavam a se mover e se agitar, o preto se dobrando sobre as pontas de sombras cinza e ásperas, enroladas e se torcendo como plumas de fumaça. O céu realmente viria abaixo a qualquer momento. Jack confirmou o que estava pensando: ia cair forte e bem em cima da sua cabeça.

Alguma coisa fez um barulhão, como se as rodas traseiras da Mercedes tivessem passado por um buraco. Jack percebeu o olhar de Walter no espelho retrovisor.

– Foi ele? – disse o gordão.

– Foi – Pascal respondeu. – Será que gente devia dar para ele um drinque, alguma coisa?

– Está aí atrás já faz algum tempo.

Kablunak acompanhava o ritmo da música batucando na perna.

– Quem? – perguntou Jack, levemente preocupado.

– Agora, já deve estar bem quente lá também – falou Walter.

Mais uns barulhos meio desesperadores vieram do porta-malas do carro. Jack podia sentir as vibrações pelo assento até seus rins.

– Quem está na mala? Shane? – perguntou ele, com uma voz um pouco tensa. A ideia o fez sentir um pouco enjoado. *Meu Deus.*

– Não é a porra do Shane, não – respondeu Pascal.

– Não fique tão preocupado, Sr. Susko. – Kablunak parecia aborrecido. – Deixei o Sr. Ferguson partir... – Fez uma pausa. – Já faz alguns dias.

– Como, de um carro em movimento?

O russo sorriu.

– Eu não sou a KGB, Sr. Susko. Nós o deixamos no Royal Prince Alfred, na verdade. Na seção de emergência. Infelizmente, a sala de espera estava apinhada e o sangue não parava. – Deu de ombros. – Mas, sabe, foi só um nariz quebrado. – Kablunak se inclinou e fez uma massagem na perna acima do joelho. – Pedi para ele sair do meu caminho por algum tempo. Quem sabe não tenha se mudado para Melbourne?

Jack se mexeu no banco, o couro rangendo dispendiosamente.

– Então quem está tentando fazendo esse barulho todo?

– O seu primo, Sr. Susko. Quem mais seria?

Jack deixou a informação ser assimilada.

– Certo – disse. – Claro. – Alguns pingos de chuva enormes atingiram o vidro da frente. Mas era só isso. – Então, você também o conhece?

– De jeito nenhum, Sr. Susko. Ele abriu a porta da casa do Sr. Ferguson quando nós batemos. – O russo olhou para fora, para a rua. – E, agora, ele *me* conhece. E isso é muito mais importante.

– Você foi até a casa de Shane? – Jack estava pensando em Kim. – Para quê?

– Estávamos procurando por você, Sr. Susko. O Walter aqui reconheceu a garota na sua livraria mais cedo. Ela divide o apartamento com o Shane, né? Uma coincidência muito

interessante. – O russo ajustou alguma coisa no ar-condicionado. – Sou sempre muito cauteloso com coincidências interessantes.

– Você não fez nada com ela?

– Claro que não, Sr. Susko. Não somos uma horda de bárbaros. A jovem estava dormindo. E o seu primo, como você, sem dúvida, pode imaginar, estava louco para falar conosco. Não foi necessário acordá-la.

Jack sentiu um momento de alívio.

– O que vocês vão fazer com o Carl?

– Ah, só mantê-lo afastado por alguns momentos. Estou preocupado porque muita gente já sabe sobre a minha Bíblia, Sr. Susko. – Deu uma olhada para Walter, claramente no território do desagradável. – E talvez eu convença o seu primo a esquecer toda essa história. Que uma vida de crime não é uma carreira que valha a pena ser seguida. Sobretudo se você atravessa o caminho da minha.

– Isso é muito simpático da sua parte. Acho que ele já pode estar pensando nisso agora.

– É. Acho que você está certo.

Walter dobrou a Mercedes na Queen Street, Woollahra.

– Ah, chegamos – disse Viktor Kablunak. – Vamos sair e fazer uma visita a Lewis. Ver se nós não podemos ajudar o Sr. Susko a se livrar do seu *dilema*.

COMO AINDA ERA MUITO CEDO, Walter logo encontrou um lugar para estacionar quando dobrou a Queen e entrou na Spicer Street, do outro lado de um café com um aviso de *Aluga-se* na janela e um velho e gasto pôster que anunciava o festival de cinema francês de Sidney do ano passado. Quando Walter estacionou a Mercedes, Jack pensou em Monica Bellucci. Infelizmente por muito pouco tempo. A rua era a mesma em que ele tinha entrado com a Toyota na sexta-feira, quando tudo começou. A diferença é que naquele momento era de manhã cedo em vez do final de tarde. E as rodas eram bem mais caras. E, dessa vez, ele estava chegando à De Groot Galleries *com* os assaltantes em vez de encontrá-los lá. E o seu primo, também, estava no porta-malas do carro. Parecia uma espécie de jogo de opostos tipo *Twilight Zone*. E, porra, no bolso dos jeans, tinha mil paus em vez dos 23 de troco que estavam lá há uma semana.

Ele tirou o cinto de segurança, deu uma bela respirada. A vida era estranha e não valia uma moeda de cinco centavos. Esse fato sempre fora sua boia de salvação nos momentos mais negativos, mas, nesse momento específico, estava mais para motivo de preocupação. Jack esperava que isso não significasse sair daquilo um pouco mais cínico no final. Lois normalmente lidava muito bem com essas coisas, mais do que o suficiente para eles dois.

– Ele pode continuar onde está – Kablunak disse para Walter, apontando o dedo para o porta-malas do carro. – Só espere aqui até termos voltado. – Abriu a porta e saiu para a rua.

O ar estava pesado e úmido, sem o mínimo sinal de frescor matinal. O céu era um cobertor repleto de melancolia. Jack, Kablunak e Pascal desceram a Spicer Street, dobraram na Peaker Lane, andaram mais um pouco e desceram o caminho pavimentado

até o estacionamento no subsolo a De Groot Galleries. Uma BMW preta 120i estava ocupando uma das vagas.

– Parece que tem alguém aqui – disse Pascal, examinando o automóvel. – Talvez seja melhor a gente não ir entrando assim.

Kablunak concordou com a cabeça.

– Revólver – disse.

Pascal ficou atrás dele e pegou a 38 que estava escondida em seu cinto. Verificou o cano, checou se estava com munição e deu uma rodada. Igualzinho a um filme. Jack puxou sua bolsa no ombro para mais junto dele. Por mais que ele não gostasse de armas – ou pelo menos não daquelas que eram apontadas para ele –, o clique preciso, o som do metal frio da arma na mão de Pascal era particularmente interessante. Reforçava a confiança. Quase perguntou se podia segurar o revólver por um segundo. Ou se, talvez, ele pudesse emprestar um pelo resto do dia.

Andaram até uma porta de serviço toda arranhada, onde havia a imagem de uma escada nela.

– Você primeiro, Sr. Susko – disse Viktor Kablunak.

– O que vamos fazer mesmo lá em cima?

O russo nivelou seus olhos frios com os de Jack.

– Vamos acabar com toda esta idiotice, Sr. Susko.

– Ah, ótimo.

– E aí vai estar em dívida comigo.

– E quanto ao meu livro?

– *Moscou contra 007*? Vou aceitá-lo como uma lembrancinha de gratidão da sua parte.

Pascal deu um empurrão em Jack.

– Entra.

Jack atravessou a porta e começou a subir a escada. Pascal e o russo foram atrás dele. Chegaram ao alto, entraram por outra porta e, finalmente, no saguão. Jack lembrou que o lugar onde tinha ficado amarrado – aquele que era o do cofre – era o da esquerda. A galeria ficava para a direita. E se dirigiu para aquela direção, andou uns dez metros e parou diante da porta que levava à sala menor da galeria. Ele podia ouvir vozes. Aguçou os ouvidos e ficou escutando por um instante. Larissa estava falando: ele não conseguia entender

o que ela estava dizendo, mas não parecia nem um pouco tensa. Jack se virou para Kablunak e Pascal, levantou os ombros e lhes deu um olhar de interrogação. Pascal botou um dedo na boca em sinal de silêncio e então apontou o revólver para a porta. Silenciosamente falou: *Vai*. Depois apontou para a outra porta do saguão, que Jack se lembrava de levar à cozinha. Pascal fez um movimento com a cabeça, indicando que ele e Kablunak iriam por ali. Jack lhes lançou um olhar perplexo e levantou as mãos para mostrar que ele estava perdido quanto ao que eles pretendiam com aquilo, mas Pascal e Viktor Kablunak já tinham escapado pela porta da cozinha e a deixaram entreaberta.

Ele olhou na direção deles, agora sozinho no corredor escuro e vazio. Aquele seria o plano deles? Iam ficar escondidos na cozinha? *Porra*.

Atrás dele, a porta da galeria se abriu. Jack ficou de pé, em um foco iluminado. Isso projetava uma grande sombra dele no corredor: pernas alongadas, levemente afastadas, braços de orangotango de uns três metros de comprimento, as mãos nas pontas, tudo preso a uma cabeça ridiculamente compacta, assim como os ombros e o peito. Ficou parado de pé ali, como um recorte preto no chão.

– Que merda tá fazendo, Susko?

Jack ficou esperando Pascal aparecer no corredor de novo com seu 38 e começar a balançá-lo um pouco. Mas, depois de alguns segundos, estava mais do que claro que isso não ia acontecer. De qualquer jeito, esperou mais um pouco. Nada.

– Susko – Lewis falou atrás dele. – Achei que tinha falado pra você ligar. Não devia ficar fuçando desse jeito, sabe? – Deu um passo para frente e encostou um revólver nos rins de Jack. – Bem legal morrer desse jeito.

Jack prendeu a respiração e pôs as mãos para o alto. Ele não tinha a menor ideia do que era o plano A, então, porra, como ele ia tentar colocar o plano B em ação?

29

DO LADO DE FORA, UM trovão ressoou e a chuva começou a cair violentamente em um ataque ensurdecedor.

– Por aqui – disse Lewis. Então, com uma voz afetada: – E pode baixar a porra das mãos.

Jack se virou, com as mãos abaixadas. Ficou surpreso de ver Lewis no que poderia ser um smoking. Apertado nos ombros e no peito, como se talvez estivesse usando um tamanho bem menor, ou podia ser que Lewis fosse sempre um tamanho maior, não importava o tipo de roupa. Parecia estar com muito calor: pingos de suor tinham tomado sua testa. Por baixo do paletó, uma camisa branca e uma gravata preta bem fina, que parecia lutar para encontrar um pescoço em algum lugar sob sua cabeça loura e que parecia de concreto. Jack olhou para os sapatos de Lewis e reparou como seus pés eram pequenos. Pensou em mencionar a velha correlação entre o tamanho dos pés e do pau, mas achou que provavelmente era melhor esperar quando Lewis não tivesse uma arma apontada para ele.

O grandalhão deu um passo para o lado e Jack entrou pela porta. Na galeria, as coisas não aparentavam aquilo que Jack tinha esperado. Parou, enganchou a bolsa no ombro.

– Um pouco cedo para uma bebidinha, né?

Larissa Tate estava sentada na ponta da escrivaninha de Rhonda de Groot. Estava vestindo uma roupa de listras cinza-chumbo com uma saia bem justa, marcando suas belas coxas até a altura de seus preciosos joelhos. Sob a jaqueta, uma blusa rosa-claro com uma prega na frente e uma corrente fina, de prata, no pescoço. Seus sapatos de salto alto estavam jogados no chão ao lado dela, como se tivessem sido atirados depois de um dia muito cansativo de trabalho. Ela estava bebericando em uma taça de champanhe: sem

dúvida de uma marca muito fina e francesa. Duas garrafas com rótulos laranja estavam na mesa ao lado dela e nenhuma estava fechada.

Larissa sorriu luminosamente, com uma agradável fisionomia de boas-vindas.

– Jack, você já chegou. – Deslizou de onde estava sentada na escrivaninha e puxou sua saia enquanto olhava para ele. – Que ótimo!

Sob a franja reta e perfeita, seus grandes olhos castanhos pareciam um par de amêndoas cobertas de chocolate. Virou-se, pegou uma das garrafas da mesa e encheu sua taça.

– Gostaria de um drinque? – perguntou, como se Jack tivesse acabado de chegar para um vernissage na galeria. – Vamos, tome um. Junte-se a nós.

Percebeu tudo. Larissa e Lewis. Vestidos como casal de alto executivos. Notou duas pequenas malas de couro de pé, uma ao lado da outra, no canto próximo à mesa. Um par combinando. A *Dele* e a *Dela*. É. Jack percebeu tudo.

– Vão viajar? – perguntou.

Larissa olhou de lado para ele.

– Viagem de negócios, Jack. Para fazer algum negócio.

– Em algum lugar gostoso?

– Isso. Em um lugar gostoso.

– Hotel mesmo ou na casa de alguém conhecido?

– Hotel. Mas eu conheço pessoas lá.

– Um belo serviço de arte roubada e de lavagem de dinheiro?

Ela sorriu.

– Melhor não pode ser.

– Então tá tudo acertado.

– Por isso, beba alguma coisa e me deseje boa sorte.

Jack notou o *me*. Virou-se na direção de Lewis, observou-o por um momento, mas o Sr. Músculo não havia percebido nada.

– Jack? – Larissa chamou. – Aceita um champanhe ou outra coisa?

– Tem alguma coisa mais forte?

– Só champanhe, meu amor. Calma. Não tem que ser tão másculo o tempo todo. – Deu uma olhada para Lewis. – Isso pode ficar muito

chato.

Jack olhava para Larissa Tate. Uma porção de perguntas rodava em sua cabeça e tentava respostas como umas cem bolinhas girando em uma mesma roleta.

– Então, champanhe mesmo – disse.

– É pra já.

Ok. Então eram Larissa e Lewis. Rhonda, Jack, Shane e Carl, todos riscados. Kablunak estava na cozinha. Richard de Groot estava morto. Alguém o tinha assassinado. *Quem?* A pessoa tinha fugido em disparada na Maserati. *Talvez.* Bem provável. *Mas não necessariamente.* Porém... *Merda.* Jack continuou vendo Lewis segurando um revólver. Óbvio demais? Jack não tinha a menor noção. Alguém tinha apertado o gatilho – e era atrás desse alguém que ele estava.

Lembrou-se de uma fala do best-seller de 1963, *Tuesday and there's no tomorrow*, escrito por Francis O'Connor: "Conte as balas antes de se mover e tenha certeza de que contou todas até seis. E se você não puder contá-las, irmão... melhor esperar pelo Natal."

* * *

Lewis foi para um felpudo sofá de dois lugares vermelho, empurrado na parede oposta a Jack. Sentou-se pesadamente, recostou-se e cruzou as pernas que mais pareciam grandes troncos de árvores. Segurava o revólver meio frouxo na mão, só de vez em quando o apontava para Jack. Com a outra mão, pegava algumas nozes de uma tigela de vidro colocada no braço do sofá e depois as enfiava na boca.

Jack perguntou:

– Cadê a Rhonda?

Lewis soltou uma gargalhada. Nozes foram cuspidas de sua boca.

– Nunca ouvi falar dela.

– É isso que vai falar para a polícia? – Jack tinha decidido isso enquanto olhava para ele.

– Vá se foder! – Lewis falou zombando, o rosto todo retorcido. – Que polícia?

- Os policiais que eu chamei.
- Não chamou porra nenhuma de policial.
- Acha isso? E se eu disser que eles estão na cozinha nesse momento?

Lewis balançou a cabeça, jogou-a para trás no encosto do sofá e então cobriu os olhos com um braço.

– Não me faça levantar, Susko. Você não tem porra nenhuma. Nada.

Larissa andou até onde Jack estava e lhe entregou uma taça de champanhe. Ficou de costas para Lewis.

- Não dê atenção a ele – disse. – Está bêbado.
- Não estou bêbado merda nenhuma.

Larissa ficou olhando intensamente para Jack e franziu levemente as sobrancelhas. Depois, sorriu e levou sua taça aos lábios.

– Você ainda podia mudar de opinião – disse, suavemente, para que Lewis não pudesse ouvir.

– Você é louca.

– Que é que estão sussurrando? – falou Lewis com a voz toda engrolada.

Larissa sorriu de novo e deu uma olhada rápida, desapontada, do tipo “mas que azar”, para Jack. Deu uma piscadela para ele e brindou o copo dela no dele. Jack olhou para ela e tomou um pouco do champanhe. Depois, mais um pouco e acabou. Podia sentir o perfume dela, um aroma sofisticado, levemente floral, que adicionava um bom cheiro de uma trepada em uma sala de reuniões à sua aparência estritamente executiva.

Ele apontou para o Sr. Músculo no sofá e devolveu sua taça para Larissa.

– Vai me contar alguma coisa sobre isso tudo?

– O que é que tem pra contar? – Larissa se afastou e sorveu mais um pouco de seu champanhe enquanto andava. Deu uma virada completa e se sentou na ponta da mesa. – Jack mais o correio mais a Sergius é igual a um voo para a Espanha e fortuna. E aqui está você.

– Usou a calculadora para tudo isso ou foi tudo de cabeça?

– Muito engraçadinho, Jack.

– Então como é que você tá aqui tão cedo, toda arrumada e louca pra ir embora?

Ela sorriu e virou o rosto para ele.

– Tinha que acompanhar outro negócio, Jack. – Larissa apontou para o notebook na mesa. – Enquanto a gente dorme, o resto do mundo está fazendo negócios.

– Já arrumando logo o seu comprador, hein?

– Bom menino. Nota dez. Você tem um pouco de ladrão de arte dentro de você, sabia? – Suspirou. – Vê que dupla poderíamos formar?

– Você ainda não tem a Sergius.

– Mas você tá aqui, Susko – Lewis disse do sofá, com seu sotaque sul-africano. – Logo, a gente tem.

– Porém o cara do correio não entrega as coisas tão cedo.

– Ah, vamos lá, Jack, por que você está aqui, então? – Larissa balançou a cabeça. – Você estava com ela o tempo todo, não é? Espertinho. Provavelmente debaixo da sua cama naquela outra noite. – Ela lhe mandou um olhar ardente.

Jack parou. Era um ótimo momento para Kablunak e Pascal invadirem o lugar pela porta. Voltou a verificar Lewis no sofá. Aqueles dois realmente achavam que ele tinha a Bíblia ali com ele. Que merda ia ter que fazer agora?

– Pobre Jack – Larissa falou. – Você teve a sua chance, amor. Eu até me entreguei pra você. E eu fui ótima. De quanta sedução um homem saudável precisa?

– Foda todos, baby! – Lewis ergueu a cabeça, jogou mais umas nozes na boca e ficou mastigando, rindo como um imbecil. Jack reparou que o revólver estava apontado agora para uma pintura na parede mais à direita de onde ele estava. Podia ser outro momento mais do que perfeito para Kablunak e Pascal aparecerem. Torceu durante um ou dos segundos, mas não aconteceu nada. Talvez estivessem preparando um misto quente.

Larissa disse:

– Foi legal, Jackinho. Você foi adorável. Mas é claro que já era quando eu soube. Mas você não é mesmo do jogo, Jack, falta colhão. Muita conversinha pra cá, conversinha prá lá, muita pose, é

tudo muito legalzinho e divertido, até parece bom, mas você nunca cruzaria a linha.

– Como assim, matar alguém é o que está querendo dizer? – Jack esperou pela reação dela.

Larissa ignorou o comentário como se nem o tivesse escutado.

– Você flerta com o abismo, mas é cauteloso demais. As mulheres precisam de compromisso, de um homem que vá fundo. Devia ter sabido isso de você desde o início, da nossa primeira vez, porém devo ter acreditado que havia uma chance. Ou, quem sabe, eu só torcia por isso.

– Compromisso? – Jack franziu a testa. – Será que eu caí num universo paralelo ou algo parecido?

– Você tinha uma centelha, querido, mas... – Larissa lhe lançou um olhar cheio de significados para ele e abanou a cabeça. Manteve por uns instantes o olhar e Jack pôde senti-la indo para casa. – De verdade, amor – com um pequeno toque de emoção na voz para provocar algum efeito. – Por um momento, eu tive esperança. Mas aí eu soube. Você é mais um gatinho medroso. O Jack que finge interpretar, finge jogar, mas jamais o que realmente vale a pena. – Bebeu mais um pouco de seu champanhe.

Jack sentiu o corpo todo dominado pelo cansaço. Lá fora, a chuva estava cada vez mais barulhenta: as ruas respingavam a água, e os postes estavam tomados pela névoa, o esgoto e a sarjeta, inundados. A cidade sedenta bebia tudo.

Larissa sorriu.

– Feri os seus sentimentos, Sr. Susko?

– Estou arrasado – respondeu ele. O rosto sombrio, mas não pelo que ela havia falado. Apontou com a cabeça na direção de Lewis. – Ele sabe que você vai passar ele pra trás, não sabe?

– Você não consegue entender, Jack, consegue?

– Acha que ele consegue?

Lewis não gostou nada de ser tema de uma conversa como se ele simplesmente não estivesse ali.

– Chega dessa merda – falou, com uma dose de ameaça no tom. Tentou se sentar, mas era esforço demais. Caiu de novo estatelado

no sofá, esticou as pernas e brincou com uns estalidos de revólver enquanto o apontava para Jack. – A Sergius, Jack. Já.

Larissa sorriu para Jack como se ele fosse um garotinho rechonchudo de 5 anos.

– Vamos, dá agora. Algumas vezes se ganha, outras se perde – disse, esticando as mãos para ele. Apontou para a bolsa, pendurada atrás de seu quadril. – Você está perdendo.

– Foi essa a mão que você usou para matar o Richard de Groot? Aquilo a atingiu.

– O quê?

– Ou você só pegou o dinheiro e pôs numa bolsa enquanto Lewis fazia o serviço pra você?

O sul-africano levantou os olhos.

– De que porra tá falando?

Jack observou os rostos dos dois: a surpresa parecia mesmo genuína. Mas ele ainda não ia apostar nisso.

– Eu o vi há mais ou menos uma hora – disse. – Dois furos nas costas. A cabeça caída no cofre do chão. E o cofre vazio.

– Puta que pariu! – Lewis estava tentando se levantar do sofá.

– Foi com esse revólver, Lewis? – Jack perguntou.

O grandalhão o ignorou. Olhou para Larissa.

– Ela o matou como disse que faria.

– Quem? – Mas Jack soube no momento em que fez a pergunta.

Rhonda.

Larissa ficou olhando para o espaço, para um ponto perdido. Seu rosto tinha perdido um pouco da cor.

– A gente tem que ir embora daqui – disse Lewis. Tinha ficado sóbrio em tempo recorde. – Agora mesmo.

– Não sem a Sergius.

Lewis deu uma girada e apontou o revólver para Jack. – Ok. Dá. Agora.

– Mas eu já disse. Eu não estou com a Bíblia.

– O quê? – Larissa quase rosnou. Jack ficou contente por ela não estar com a arma naquela hora. – E onde está essa porra?

– Um aviso do correio – disse, sentindo suas pernas um pouco frias. – Ela está esperando para ser retirada. – Engoliu em seco e

segurou a correia da bolsa. – Eu tenho o protocolo, mas vocês vão ter que esperar até as 9h.

– O correio! – Lewis balançava a cabeça. – Amor, a gente tem que ir agora mesmo. Não temos tempo para o correio.

– Nós vamos conseguir pegar a Bíblia – disse Larissa.

– Foda-se a Sergius! – Lewis apontou seu revólver para as malas no canto. – Tem 200 mil ali.

Jack olhou para as malas. Então, os dois tinham roubado o dinheiro. E aí Rhonda tinha aparecido para matar.

Larissa piscou, voltou do lugar aonde tinha ido.

– Babaca, o que vai fazer com 200 mil? Isso não dá pra nada. Muito longe do que a gente pode conseguir. Não tenho a menor intenção de continuar me matando num trabalho.

– Bem, mas pra mim é mais que o suficiente! – Lewis apontou o revólver de novo para Jack. – Pega as malas, Susko. Vamos pro carro.

– Não seja idiota. – Larissa se moveu para bloquear o caminho.

– Ei, nós assaltamos o cofre e agora ele está morto! Em quanto tempo você, por acaso, acha que a polícia vai estar atrás da gente? Temos que ir *já*.

– Nós pegamos a grana para ficar com a Bíblia e fugir com ela – falou Larissa, rígida e puta, sem mudar de opinião. – Sem a Bíblia, esse dinheiro é igual a nada. Será que esse seu cérebro consegue computar isso?

– Tô fora.

– Imbecil total.

Lewis parou. Olhou firme para Larissa, mexeu os dedos da mão com que segurava a arma.

– Você não ousaria!

– Quer apostar?

Jack estava pensando se devia chamar Kablunak.

– Que correio? – Larissa falou como se tivesse dando uma bofetada, voltando-se novamente para Jack, ignorando completamente a arma.

– O da cidade. York com Market.

– Ir até a cidade na hora do rush! – Lewis gritou. – Vamos, acorda. Sem a porra de uma chance.

– Cala a boca.

A porta da galeria se abriu atrás de Jack. Virou-se, aliviado, esperando ver Pascal e Viktor Kablunak.

Esperou errado.

30

MAX, O ASSISTENTE DA GALERIA, estava lá – com um revólver. Parecia um pouco grande demais para ele, mas Max o segurava com certa naturalidade profissional. E estilo também: as duas mãos na coronha, esticadas para frente, mais ou menos na altura dos ombros, passeando o cano suavemente pelo ambiente e, então, dando uma pausa e apontando direto para Lewis. Max estava vestindo uma camisa havaiana, exatamente do jeito que Jack o havia visto da primeira vez, só que esta era azul e cheia de garotas hula-hula. A carne de suas pernas nuas pareciam ter sido cozidas. Com a sua pouca voz e parecendo um relincho, disse:

– Ninguém se mexe.

Podia não parecer, mas Max soava bem sério.

Rhonda de Groot entrou atrás dele.

– Bem, bem, bem – disse. – Todos bem e cedo aqui. – Ela estava sorrindo, mas sem um pingão de alegria.

Lewis ainda tinha o revólver nas mãos, mas não havia se dado conta rápido o suficiente da nova situação.

– Larga o revólver, garotão – falou Max.

– O quê? – Lewis tinha um olhar confuso como se tivesse acabado de ver um truque de mágica e estivesse procurando o segredo. Então, dobrou os joelhos e pôs a arma no chão. Como se houvesse sido atingido pela realidade com um pouco de atraso, sua tez bêbada rapidamente empalideceu.

Rhonda de Groot estava de pé como se estivesse olhando todos de cima para baixo, de um púlpito. Suas grandes curvas de mulher se esticavam desafiadoramente contra o tecido apertado de sua roupa de corrida marrom. Uma fita de cabeça Nike combinava com os seus tênis também Nike e brancos. Ela parecia em forma, nos seus 50 anos, e puta da vida.

– Onde tá a Sergius? E onde tá o dinheiro do meu marido?

Jack viu o olhar de Larissa para sua bolsa na mesa. Lewis cruzou os braços. Levantou o queixo para Rhonda de Groot.

– Você matou ele.

– Tecnicamente, não. – Rhonda deu uns tapinhas no ombro de Max, sorrindo. – O meu pequeno dínamo estava lá para cuidar disso tudo.

– Pelo amor de Deus, você matou o seu marido! – Lewis estava tendo dificuldade para absorver as novidades.

– E?

– O quê? – A boca de Lewis se abriu ainda mais diante daquela confusão, mas da dela não saiu uma palavra. Seus olhos estavam vidrados e em choque. Fechou os dois e limpou a garganta de forma barulhenta. Olhou então para Rhonda de Groot novamente e tentou parecer determinado e durão. – Tá certo – ele falou. – Não dou a mínima. Se quer saber a verdade, tô cagando. Sempre odiei ele. Mas que merda você acha que vai fazer agora?

Rhonda deixou sair como um suspiro maternal:

– A minha principal preocupação agora é você. – Olhou para Larissa por cima da mesa. – E a sua fraude.

– O que é que você quer? Desculpas?

– Ah, se uma desculpa fosse o suficiente para tudo o que aconteceu, Lew – Rhonda disse. – Só não sei se serei capaz de confiar em você de novo.

– Confiar em mim? Você é uma louca! – Balançou a cabeça, olhou para Larissa, depois para Jack, como que pedindo apoio. – Devia ter resolvido tudo no outro dia. No meio da porra da cidade, dando um tiro na livraria do Susko! – Lewis foi se esquentando, indignado. Botou a mão no pescoço e soltou sua gravata que já estava toda desamarrada. – Deixei você fora de um problema e agora você vem aqui com este anão me apontando a porra de uma arma.

Max ajeitou melhor a pontaria do revólver:

– Precisa desses loucos?

– Tenho estado estressada, Lew – Rhonda disse. – Você sabe disso.

– É, eu sei.

Larissa falou:

– Você matou Richard? Agora, depois de todos esses anos?

Rhonda pôs as mãos na cintura, estendeu a perna direita e bateu no chão com o pé algumas vezes, enquanto, suavemente, dobrava o joelho esquerdo. Ela contava tranquilamente: *um, dois, três...* Ficou de novo totalmente de pé e trocou de perna.

– A culpa foi toda sua, minha querida. Eu fiquei com tanto *ódio* quando Richard abriu o cofre e ele estava completamente vazio. Além de eu já estar aborrecida com o Lewis aqui sempre na minha cola.

– Como é que descobriu? – Lewis falou ríspidamente.

Max sorriu:

– É como seguir um elefante numa pradaria.

– Veadinho.

O revólver se moveu. Max olhou para Rhonda, a cara fechada, pedindo permissão. Jack ficou preocupado, certo de que ela ia dar.

– Isso é ofensivo, Lew – Rhonda falou. – Já disse pra você antes.

– Não tem nada acontecendo entre mim e a Larissa – jurou Lewis.
– Só negócios.

– Todo mundo sabe que ela é uma puta – Rhonda disse. – Aposto que até Richard...

– Porra, escuta! Eu não aguentava mais os seus modos, tá certo? Queria ir embora, não ter mais nenhum de Groot de merda na minha vida. Deu pra entender?

– Você podia ter me falado sobre isso. – A sinceridade dela era uma piada.

– Ah, vamos parar com essas gracinhas!

– Você disse que ia me ajudar. Você prometeu. A Sergius, o dinheiro, uma vida nova. O que é que aconteceu, Lew?

Lewis olhou para Rhonda de Groot com desprezo absoluto, os olhos tomados pelo ódio.

– Era um jogo, só isso. Só a porra de um jogo. E tudo acabou agora.

– Seu merda ingrato. Eu tirei você da África do Sul, fiz o Richard te contratar de novo depois que você saiu da cadeia, e o que você apronta? Se liga com essa australianazinha piranha.

Jack olhou para Larissa: para a surpresa dele, ela parecia estar se divertindo de alguma forma.

– Não sou seu laçaió – Lewis falou com uma voz que era veneno puro. – Você e o seu marido arrogante, você pensa que pode dizer o que devo fazer? – Fez um som como se fosse cuspir. – Bem, não mais. Aqueles dias acabaram. Ele tá morto e o dinheiro tá comigo. E você? Você pode ir para o inferno.

Rhonda sorriu, as mãos atrás dos quadris.

– Incrível. Richard sempre disse que você era imbecil demais pra qualquer coisa.

– Já aguentei muita merda de você como agora vai ter que aguentar de mim. – A voz dele tremeu um pouco.

Rhonda o ignorou e passeou os olhos pela galeria.

– Onde é que tá o dinheiro do cofre de Richard? – Antes que alguém respondesse, ela viu as pastas no canto da mesa. – Ah, tá ali. Ótimo. – Virou-se para Lewis. – Quanto é que você encontrou no final das contas?

O gordo hesitou:

– Duzentos mil.

– No cofre do chão?

– E no do quarto.

Rhonda riu.

– O bom e velho Richard.

Lewis botou o queixo para frente, levantou um pouco a sobrancelha.

– E agora o quê?

– Agora? – respondeu Rhonda, como se estivesse confusa pelo que ele tinha falado. – Agora nada, Lewis.

Pegou a arma da mão de Max, apontou-a na direção de Lewis e, antes que ele ou qualquer um percebesse a porra do que estava acontecendo, ela atirou. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. A chuva golpeando as janelas da galeria abafou um pouco o barulho, mas ainda assim ele tinha sido muito alto. Os ouvidos de Jack vibravam por causa dele enquanto o louro todo musculoso levava as balas no peito. Elas entraram e se enterraram bem fundo. Ele caiu pesadamente no sofá: sua cabeça caiu para trás e, na mesma hora,

veio para frente, saindo do estofado de veludo e se ergueu de novo, não muito, e então caiu e oscilou um pouco até finalmente descansar em seu peito. Morto.

– Max – disse Rhonda de Groot quando se virou na direção de Larissa, apontando o revólver. – Podia me arranjar um copo d'água?

31

JACK TINHA SEMPRE SUSPEITADO QUE parar de fumar ia ser a morte para ele: mas tivesse ele sabido que, na verdade, estaria nas mãos de uma sul-africana louca, dona de uma galeria, manejando um revólver, ele jamais teria parado.

Rhonda de Groot permanecia perfeitamente parada, uma leve fumaça azul a envolvendo, olhos vidrados em Larissa, o revólver pronto para falar de novo, mas ainda segurando a língua.

A tempestade lá fora esvaziou a cidade. Logo, logo, porém, tudo estaria lavado, limpo e brilhando como novo debaixo do suave sol, e a gentil manhã seria o arauto de um dia a ser perdoado. Em tudo quanto era lugar, exceto talvez na De Groot Galleries, Queen Street, Woollahra.

Jack deu uma olhada para a porta sem mexer um milímetro sua cabeça, imaginando como Max estava se saindo na cozinha. Ele não conseguia perceber nenhum som – mas a chuva estava açoitando violentamente tudo e os seus ouvidos ainda estavam meio ruins pelas explosões dos tiros. E que merda Kablunak estava fazendo?

– Um pouco de champanhe, Rhonda? – perguntou Larissa. De algum jeito, ela conseguia soar segura e arrogante como se fosse *ela* que estivesse com o revólver na mão e não o contrário. Virou-se para a mesa, pegou uma garrafa, balançou para ver se ainda tinha algum restinho. – Poderia ajudar a acabá-lo.

– Foi você que o fez fazer isso, não foi?

– Você ia se sentir melhor assim, Rhonda?

– Sei que foi você.

– Ele era um homem bem crescidinho.

– Você fez ele fazer isso.

Larissa segurava a taça de champanhe que tinha servido para Rhonda e a colocou na mesa.

– O seu problema, Rhonda, é que você *acha* que o mundo é como você gostaria que fosse. Um nervosismo de rico, imagino. Mas a realidade não é essa.

– Lewis era estúpido e vulnerável. Odiava Richard, você percebeu isso e soube como usá-lo. E agora os dois estão mortos. Por sua causa.

– Pois eu acho que este revólver na sua mão teve muito mais a ver com isso, Rhonda.

– *Putá!* O que é que você prometeu a ele?

Larissa se serviu de mais um pouco de champanhe. Tomou um gole. Olhou para Rhonda através de sua brilhante franja marrom. Seus olhos se apertaram, os lábios franzidos em um beicinho.

– A oportunidade de se ver livre de uma merda como você. O que mais?

Rhonda estendeu um pouco mais o braço com a arma, diminuiu a distância entre o cano e o corpo de Larissa. Jack sentiu seu coração pulsar como um compressor de ar dentro do peito. Estava bem próximo de Rhonda para derrubá-la. Mas o revólver ia dar o tiro antes que ele conseguisse.

– Não pareça tão chocada – Larissa falou. – Por que ele iria gostar de você? Só por que você era irmã dele?

Jack olhou para Rhonda de Groot com uma expressão de que não estava acreditando no que tinha acabado de ouvir.

– Ele era seu irmão?

– Isso mesmo – Larissa respondeu. – Carne e sangue dela. Fico pensando o que a Sergius teria a dizer sobre isso? Direto para baixo, o subsolo. Para o lugar quente.

– E você? – retrucou Rhonda, a arma tremendo um pouco em sua mão.

– Estou nisso só pelo dinheiro, querida irmãzinha. Não matei ninguém por isso, e nem a Sergius e nem o dinheiro estão comigo. – Larissa olhou para Jack. – Eu posso ter tentado perverter a pessoa errada, mas ninguém reclamou, pelo menos não que eu saiba.

– Foi você que começou isso tudo. Se introduziu na minha família e nos usou.

– Isso mesmo, Rhonda. Simples assim. Planejei isso durante anos.

– Você convenceu Richard a roubar a Sergius de Viktor, não foi?
Larissa suspirou.

– Responde!

– Eu nem sabia de porra nenhuma dessa Sergius – falou ela, aumentando o tom da voz.

– Não. Foi você. Ele já tinha desistido, ele me disse.

– Bem, para *mim*, ele falou que ia ser os três milhões mais fáceis que ele jamais havia conseguido. Mais o bônus de deixar Viktor Kablunak puto.

Rhonda estava com o olhar vago agora, olhos vazios enquanto sua mente embaralhava as cartas do baralho, mas algumas, obviamente, estavam caindo. Jack engoliu em seco. Concentrado. Os olhos fixos no revólver.

– E, para constar – Larissa acrescentou, friamente enchendo a sua taça de novo –, nunca fui atraída por homens nanicos.

O revólver na mão de Rhonda pareceu dar uma recuada: o som era igualzinho ao de mil rottweilers latindo ao mesmo tempo. A taça de champanhe da mão de Larissa foi para o chão. Jack estremeceu quando a força da bala rasgou o ar da galeria, e a explosão reverberou, batendo nas paredes e voltando. Mais uma fumaça amarga de revólver entupiu as narinas dele, queimou seus olhos, e o pensamento de Larissa sendo atingida pela bala se desenhava em câmara lenta em sua mente. Virou-se para olhar e ficou aliviado ao ver que ela ainda estava de pé.

Larissa tinha uma mão em concha sobre o ouvido esquerdo. Sangue escorria por seus dedos e por seu pescoço longo e macio. E, em seu rosto, uma expressão estranha como se estivesse tentando se lembrar do que ela acabara de falar.

Jack disse:

– Porra, você tá bem?

Rhonda de Groot mirou novamente o revólver, não conseguindo acreditar que Larissa ainda estivesse de pé.

– Você é mesmo uma *putinha* sortuda.

Todos os sentidos de Jack estavam aguçados e ele então viu que o revólver ia atirar novamente. No momento do tiro, ele investiu com o ombro derrubando Rhonda de Groot de lado. Ela deu um grito e o

revólver se desestabilizou. Quando caíram, ela apontou a arma firme e forte, bem ao lado da cabeça dele, um pouco acima da orelha. Ele deu um gemido e tentou agarrar o pulso direito dela. Fagulhas quentes estouravam por seu cérebro. *Putá que pariu*. Depois da última vez, ele sabia que tinha que estar usando um capacete.

Rhonda berrou e bateu com a arma.

– Me larga! – Ela apertou o gatilho e deu outra rodada de tiros. Jack se encolheu, mas não sentiu nenhuma bala o atingindo. Enquanto ele lutava com Rhonda e a prendeu de costas, Pascal surgiu pela porta.

– Que merda é essa?

Olhou a cena toda, correu e tirou o revólver da mão de Rhonda. Ele a arrastou pelo braço para longe, cerca de um metro ou dois, por cima do carpete.

– Me larga, filho da puta!

Sobre a mesa, Larissa começou a rir. O sangue tinha se espalhado por todo um lado da cabeça dela, pelo pescoço e pelo colarinho de sua jaqueta. Ela continuou a rir histérica e seu corpo estremeu. Depois de alguns segundos, ela se tranquilizou um pouco. Então, alcançou sua bolsa na mesa e pegou uns lenços de papel.

Por um momento, não se ouvia uma respiração na galeria. Depois, uma longa expirada. E a chuva diminuiu e acalmou o mundo, esvaziando lentamente o ambiente de seu drama.

32

JACK ESTAVA DEITADO NO CARPETE e rolou para ficar de costas para baixo. Olhando para o teto. Com a mão, sentiu delicadamente o lado da sua cabeça que o revólver de Rhonda tinha beijado. Um galo latejava. Agora, havia dois. Decidiu ficar onde estava por enquanto e torceu para que todos os outros fossem para suas casas.

Viktor Kablunak entrou. As mãos nos bolsos: à vontade, relaxado. Olhou em volta, balançou a cabeça umas duas vezes, então mudou o ângulo da cabeça e viu Jack no chão. Sorriu.

– Você trabalhou bem, Sr. Susko – disse. – Só um morto.

– Não é o suficiente pra você?

Kablunak limpou a voz.

– Muito.

Jack fechou os olhos.

– Você levou muito tempo, Viktor. Tava esperando o quê? Um telefonema?

– O nosso amigo Max é um homenzinho muito tenaz.

Pascal fez um barulho na garganta.

– Preferia ter um ferrão dentro da minha calça.

– É, mas ele está controlado agora. E, além disso, eu jamais interfiro em disputas domésticas, Sr. Susko. São assuntos... *particulares*. Este é um dos grandes problemas do mundo hoje a meu ver. – Olhou para cima, estreitou os olhos como estivesse medindo uma distância e chupou os dentes. – Tenho muitas teorias sobre esse tema.

– Patrão – disse Pascal, segurando o braço de Rhonda. – A gente tem que sair daqui.

Kablunak concordou vagamente com a cabeça, olhou para os seus sapatos e deu uns passos sinuosos. As janelas da galeria estavam espessas com o bafo do suor, com a fumaça dos tiros, com a morte.

– A linha entre o particular, ou privado, e o domínio público foi... *erodida* – o russo continuou. – O politicamente correto, Sr. Susko, nos encheu de uma falsa moralidade. Mas realmente é só para mentes estreitas e moralistas que este politicamente correto, como é chamado, serve. Uma desculpa para meter o nariz em todas as coisas em que não deviam. Eles não conseguem admitir que o que acham impossível compreender é que suas vidas não são grandes provas do que é certo ou exemplos do que é certo ou do que deveria ser. Não, não, não... – Abanou um dedo. – Eles são pessoas... *estúpidas*. Bem no fundo sabem que não são nada e que não vão fazer nada e morrerão como *nada*. Os velhos tempos eram melhores, Sr. Susko. Quando a gente tinha uma *vida privada*. O lar, a família. Onde um homem podia ser rei e uma mulher, rainha. Onde nenhuma outra lei podia reinar. – O russo deu um sorriso. Virou-se na direção de Rhonda de Groot, desafiadoramente de pé ao lado de Pascal. – Não estou certo, Rhonnie?

A viúva de Richard de Groot zombou, divertida.

– Ainda cheio dessas merdas, Viktor – disse ela, com a voz controlada, precisa, como se tudo estivesse normalizado depois de todo o drama. – Por que isso não me surpreende?

O rosto de Kablunak se fechou. Deu uma pausa, segurou aquilo que estava prestes a falar por um instante. Andou até uma pintura na parede à sua direita, apertou as mãos nas costas e examinou o quadro. Então, disse:

– Dando um tiro no próprio irmão já morto, Rhonda. Por que isso não *me* surpreende?

– E o marido dela. – Jack havia se levantado do chão. Os trovões caíam fortes e altos, como uma montanha se dividindo em duas. Os raios atravessavam as janelas esfumaçadas da galeria, embaçadas pelo céu que despencava. Do lado de fora, o mundo estava preto e cinza pálido, como os velhos filmes de película projetados muitas e muitas vezes. Nada estava claro: dentro ou fora.

– Então foi você – falou Kablunak.

Rhonda deu uma ajeitada nos cabelos com as mãos.

– Vá à merda, Viktor.

O russo lhe lançou um olhar triste.

– Querida, em que você se tornou? E o que vai acontecer agora com você?

– Vou ficar isolada – comentou Larissa.

– Putinha! – gritou ela de repente, lançando-se sobre Larissa. Sua expressão era do tipo “se olhar matasse...”. Pascal a segurou. – Ela me fez matar meu irmão!

Larissa tocou de leve seu ouvido com os lenços.

– Lewis tinha ódio de você até a medula.

– Fui eu que o criei desde que tinha 4 anos.

– Belo trabalho. Devia escrever um guia.

Jack observou o rosto de Rhonda ficar todo vermelho: e, então, tão rápido quanto isso, ela controlou sua raiva e visivelmente se acalmou.

Alongou o corpo.

– Eu sei sobre você e o Richard – disse, com um tom cheio de pompa e também com um pouco de orgulho.

– O quê? – Larissa replicou, e fez uma careta, como se tivesse sido mordida e estivesse doendo. – Você tá delirando. Trepas com homens para conseguir o que quer, essa é a sua geração, Rhonda, mas não a minha. A gente quase não precisa mais deles.

– Tá mentindo!

– Ah, porra, vamos lá! – Larissa olhou para Kablunak. – Acho que tá na hora do remédio dela.

– Sr. Kablunak? – Pascal falou com certa urgência. Apontou a porta com a cabeça.

Viktor Kablunak olhou o relógio.

– É. Temos que ir. – Olhou para Jack e fez um gesto em direção à saída. – Vamos?

– O que quer fazer com esses outros? – Pascal parecia preocupado.

– Deixe-os aí mesmo. Isso é assunto de família. Não tem nada a ver comigo. – Kablunak se virou para Larissa com os olhos apertados e apontou para as pastas no canto. – É o dinheiro de Richard?

Larissa fechou os seus olhos e concordou com um movimento de cabeça.

– Ótimo – disse o russo enquanto dava as costas para ir embora. – Pascal, pegue as pastas.

– O senhor vai liberar todo mundo?

– Posso ser um homem de espírito esportivo às vezes, Pascal. A polícia vai achar tudo que precisa para prender todos vocês. – Sorriu. – Ou, quem sabe, a Srta. Tate e a Sra. De Groot se juntam para tentarem escapar? E, assim, dar um pouco de trabalho para a polícia?

Larissa foi até onde estava a garrafa de champanhe na mesa. Pegou-a e tomou um gole.

– Posso pedir emprestado um pouco do dinheiro, Viktor?

– Não.

Jack estava observando Larissa: havia alguma coisa no jeito que ela e Kablunak tinham conversado um com o outro.

– Posso fazer uma pergunta?

– Que seja rápido, Sr. Susko.

– Quando os seus meninos invadiram aqui na última sexta, como é que você sabia que a Sergius estava aqui? No cofre?

Viktor Kablunak levantou as sobrancelhas por uma fração de segundo. Como se tivesse ficado contente.

– Muito bom, Sr. Susko.

– Do mesmo jeito que soube que alguém estaria aqui hoje de manhã, né?

O russo riu, divertindo-se agora.

Rhonda de Groot se mexeu nas garras de Pascal. Estava pensando, intensamente mas sem segurança, para onde olhar. Então, compreendeu e fez uma cara de ódio para Larissa Tate.

– *Você!* – falou a viúva de Groot. – Foi você!

Larissa jogou o cabelo para a frente e, com o lábio inferior deu uma rápida soprada em sua franja, que voou por um segundo e caiu de novo, com toda a perfeição, reta e sedosa.

– É um mundo de merda, Rhonda, onde todos querem se devorar – disse. – Nunca ouviu isso?

A confusão de Pascal provocou uma coceira debaixo do braço. Coçou, sem prestar atenção, com o revólver, olhando de Larissa para

Kablunak e, de novo, de um para outro, como se estivesse assistindo a uma partida de tênis. Mas não tinha a menor noção do placar.

Jack disse:

– Viktor, você sabia que ela estava planejando levar a Sergius com ela, não sabia?

– Sabia, Sr. Susko. Nunca tive a menor ilusão a respeito da Srta. Tate. Por isso estou aqui. – Seu tom ficou mais severo. – Engolindo mais idiotas. E tudo antes do meu café da manhã.

– Quer que eu peça um pra você, Viktor? – perguntou Larissa. – Acho que o Zigolini pode estar aberto do outro lado da rua.

– Obrigado, mas não. Odiaria ter que fazer você andar na chuva.

Ela segurou a garrafa para ele.

– Champanhe, então?

– Por favor, preferiria que você aproveitasse. Enquanto pode.

Jack tocou o lado da cabeça e franziu.

– O que é que você fez com de Groot para fazer com que ele viesse atrás de você em primeiro lugar? – Jack perguntou, olhando firme para o russo através de sua dor de cabeça que só fazia aumentar. Não conseguia deixar de ficar intrigado com o homem. E... o que mais? *Impressionado?*

– Jack, você não sabia? – perguntou Larissa. – Ele o vendeu para a polícia lá na África do Sul.

– A gente ficou sem nada – Rhonda de Groot falou com amargura.

Kablunak deu uma debochada.

– Ficaram com mais do que o suficiente.

– Mas com muito menos do que tinham – acrescentou Larissa, como se entendesse tudo pelo que Rhonda tinha passado, com se fosse algo que justificasse ter alguma pena.

– Negócio é negócio – replicou Kablunak. – Eu estava numa *situação...* ímpar. E eu precisava fazer um acordo com as autoridades.

– Sobre o quê?

– Diamantes – respondeu Larissa, falando pelo russo. – O Sr. Kay aqui e o agora falecido Richard costumavam ser sócios.

– Ele nunca foi bem nisso – disse Kablunak.

– E aí, no fim, o Sr. Kay o vendeu para a polícia.

– Um simples caso de *sobrevivência do mais adaptado*. Eles precisavam de um criminoso e eu dei um para eles. Nem chegava a ser um problema. Só tinha que pagar para escapar.

– A gente não tinha mais nada – disse Rhonda, suave e tristemente. – Viemos para cá sem nada.

O russo lhe lançou um olhar de desprezo.

– E por causa dos seus pecados, agora tem menos ainda.

– Então de Groot queria se vingar de você roubando a Sergius?

Kablunak suspirou.

– A vingança é um exercício caro, emocional e, no fim, nada lucrativo.

– Muito melhor gastar seu dinheiro em negócios com informações privilegiadas – Larissa disse. O seu tom era provocador. – Hein, Viktor?

– Bem, é um risco calculado. Mas pela aparência das coisas, cheguei aqui a tempo de proteger os meus interesses. Não?

Larissa sorriu, balançou a cabeça em desapontamento e aí apontou para Jack. – Você sabe que tá no correio? Ele tinha o aviso o tempo todo. Tá lá guardado na porra do correio há dias.

O russo olhou para Jack. Viktor Kablunak não se parecia nem um pouco com Josef Stalin, mas a aura dele tinha algo da ameaça e do terror do antigo ditador.

– Isso eu não sabia.

Pascal franziu a testa:

– Caralho, então ele estava com a Sergius o tempo todo?

– O tempo *todo* – Larissa falou, com uma versão delicada de prazer.

– É engraçado, Sr. Susko – disse Kablunak. – De todo mundo, acho que era em você que eu confiava mais.

Jack deu de ombros.

– Só queria o meu livro de volta, Viktor. Fazer o melhor de uma situação ruim.

– Compreendo. Na verdade, você mostra qualidades admiráveis, Sr. Susko.

– Portanto, uma bela troca, Viktor? Como a gente tinha originalmente planejado? – Jack estava nervoso, mas fazia de tudo

para isso não transparecer. Ele tinha 10 mil no bolso. E se ele conseguisse sua primeira edição de volta do russo, poderia – mesmo depois de tudo que tinha acontecido e passado com ele –, na verdade, ter *mais*. Considerando que havia dois cadáveres até agora naquela equação, tudo soava bem legal para ele. – A Bíblia pelo Bond – disse.

– Coisa louca, né? – Larissa falou. Deixou cair os lenços ensanguentados na mesa e procurou mais na bolsa de novo. Ela deu uma inspecionada e, então, pegou algo. Não era um pacote de lenços de papel limpos. Nem um lenço de linho de bolinhas. Jack ficou imaginando como que é que ela esperava limpar o nariz nele.

33

LARISSA APERTO O GATILHO E O revólver deu um pulo em sua mão. A bala atingiu Pascal na perna e ele caiu como se de repente alguém a tivesse cortado. Rhonda deu um grito e tropeçou para trás. Pascal deixou a arma cair, fez uma careta e gemeu bem alto como se tivesse querendo bater o recorde mundial. Ele se enrolou no chão e agarrou a coxa com as duas mãos. Ele arfava como uma mulher entre duas contrações e seu rosto brilhava vermelho de dor.

– Todos contra a parede.

Kablunak olhou ameaçadoramente para Larissa.

– Se você tem algum cérebro, *mademoiselle* – disse –, sugiro que o use.

– Mexa-se, Viktor. – Larissa deu um único passo na direção dele, com o revólver apontado. – Não pense que eu não o usaria.

O russo a encarou sério, seu humor estragado, seus olhos homicidas. Segundos tensos correram. Aí, ele concordou com a cabeça e pôs as mãos para o alto.

– Agora pra trás. Você não, Jack. Fique aqui.

Porra. O lado da cabeça de Jack pulsava. A nuca e a região do lóbulo frontal, também. Observou Kablunak e Rhonda se movimentando para a parede dos fundos. Pascal xingava sem parar. Larissa fez um sinal com o revólver:

– Silêncio. Sentem-se. – Todos se sentaram. – Ela correu até os revólveres no chão, perto de Pascal, e, com seu pé com uma meia comprida, chutou-os para debaixo do sofá e depois retornou para perto da mesa de novo. Sempre segurando a arma e, com ela apontada para seus prisioneiros, ela se inclinou para calçar os seus sapatos de salto alto, primeiro o direito, depois o esquerdo. Fez isso tudo com uma mão só, tudo rápido e com habilidade.

– Belos sapatos – disse Jack. – Mas não tenho certeza se combinam com a sua orelha cheia de sangue.

– Tudo vai perfeitamente bem com um Manolo Blahnik. – Ela se endireitou. – Agora, que tal você passar para mim o aviso do correio?

– Ainda atrás da Sergius?

Larissa movimentou a mão com impaciência.

– Não me faça atirar em você.

– O correio não tá nem aberto ainda. – Jack olhou para o seu relógio. – Ainda falta mais de uma hora.

– Isso não te interessa, Jackinho. Vamos. Não vou perguntar de novo. – Levantou um pouco mais o revólver.

– Ok, ok. – Levantou as palmas das mãos. – Tenho que apanhá-lo na minha bolsa, tudo bem?

Com a cabeça, Larissa disse que sim.

– Acha que vai se passar por um Jack no balcão?

– Eles nem checam estes detalhes nestes casos. – Ela sorriu. – E, se checarem, digo que sou mulher.

– E quanto à parte que falta da sua orelha?

– Você a arrancou transando comigo.

– Tem muito sangue por toda a sua jaqueta cara.

– Você fez isso bem na hora que eu tinha que sair, já atrasada, pro trabalho.

– Acha que vão acreditar em você?

Larissa apontou para a bola de Jack, pendurada em seu quadril. Ela franziu a testa e balançou a franja de forma agitada. – Pensa no fato de que irá para o céu, Jack, só porque morreu em cima de uma Bíblia velha?

Ele puxou sua bolsa e a desafivelou.

Pascal grunhiu, segurando sua perna. Ele ainda estava se conscientizando com o que tinha acontecido.

– Ele tinha a porra todo este tempo? – Ninguém respondeu. – *Putá que pariu.*

Jack botou a mão dentro da bolsa. Ficou como que pescando algo. Sentia as coisas com as pontas dos dedos.

Caneta.

Passagem de ônibus.

Uma cigareira de metal e plástico.

Um velho isqueiro.

Porra.

Um outro velho isqueiro.

Lápis.

Um plugue de USB.

Fiapos enrolados nos cantos e no forro.

Merda.

Nada do aviso do correio.

...

Kim?

Ah, merda.

Não ficou imediatamente em pânico.

Jack olhou para Larissa Tate. Tirou sua mão vazia da bolsa. Deixou-a à mostra, olhou para ela e a virou um pouquinho, como se ele estivesse preparando um truque de carta. Quando nenhum ás apareceu na palma mão dele, Larissa fechou a cara.

Que infelicidade do modesto livreiro de segunda mão.

34

LARISSA ESTAVA ABORRECIDA E COM pressa, por isso ele lhe deu uma versão abreviada. *Kim mais ela é companheira de quarto de Shane mais eu estava lá na noite passada mais o aviso do correio na bolsa igual ela o pegou.* E aí Larissa soltou mais um palavrão:

– Filha da puta!

Jack ficou pensando se a bala ia atingi-lo. Ele convocou todos os seus poderes mágicos, como um veado paquerando, e se concentrou no seu dedo mindinho, apontando-o para longe do seu corpo. Isso podia fazer maravilhas nestes dias com plásticos de cor de carne. Mas o revólver continuou em silêncio. Ela já tinha outro plano.

Trancaram Kablunak, Rhonda e Pascal na cozinha sem janelas da De Groot Galleries. Max já estava lá, enfiado num armário por Pascal. Ele tinha usado o cinto de couro para amarrar as portas, dando duas voltas e apertando firme. Pascal agora prendia algumas toalhas de chá em torno da sua perna para estancar o fluxo de sangue. Larissa fez Jack tirar as chaves e os celulares de todo mundo. Rhonda xingava, ameaçava e soluçava tudo ao mesmo tempo. Kablunak se limitava a encarar Jack, o rosto sério, os olhos como luzes de mira de uma arma carregada: deixando Jack saber que o que estava acontecendo *não era nada bom*. E que haveria repercussões. Quando Jack fechou a porta, ele franziu a testa e devolveu uma olhada para o russo: *que merda você quer que eu faça?* e deixou o lugar assim.

Larissa encontrou o kit de primeiros socorros no depósito e Jack limpou a sua ferida e pôs um Band-aid na sua orelha enquanto ela mantinha o revólver apontado para ele: ela estava sentada e fazia questão de mostrar que mirava os colhões dele. Para aquele sangue todo, era só um arranhão. *Larissa, a sortuda*. Jack ficou pensando se ela tinha esgotado o seu estoque. Porém, o mais terrível eram as

suas reservas tão magras. A luz de aviso de falta de combustível estava piscando no painel do seu carma.

Depois disso, arrancou a linha do telefone da parede, botou o telefone debaixo do braço e fechou Jack no depósito.

– Espera um segundo, – disse. Dois, talvez três minutos, mais tarde, ela o deixou sair de novo. Larissa tinha aberto uma das malas e trocado as sua roupas todas ensanguentadas: agora, estava com um jeans bem apertado, uma camiseta branca de manga comprida e um par de Campers marrons.

– Figurino de fuga?

– Mais ou menos isso. – Ela mal estava ouvindo.

– E que tal uma máscara?

– Cala a boca.

Ela o fez carregar as duas malas até lá embaixo no estacionamento de carros. A Maserati de dois lugares estava a duas vagas da BMW. Larissa apontou o controle remoto do seu chaveiro e apertou o botão. Os pisca alertas se acenderam.

– Que horas são?

Jack botou uma das malas perto do carro e olhou para o relógio.

– Quase 8h30.

– Ótimo.

– Você deve saber que provavelmente ela já está lá, esperando. Tomando um café com um bolinho, vendo o tempo passar tranquilamente. E a gente vai enfrentar o horário do pique. Não importa o caminho que você escolha.

– A gente vai chegar lá. – Larissa jogou as chaves do carro para ele. – Coloca aquelas na mala do carro e depois você dirige.

Jack guardou as malas e aí se sentou no lugar do motorista, Larissa esperando com o revólver mirado nele até ele botar o cinto de segurança. Depois, entrou. O carro tinha o cheiro do perfume dela, do couro e do plástico novos e do desodorante amarelo na forma de uma flor preso nas frestas de ventilação do console central. Jack se lembrou do Toyota. *Frutas de uma maldita floresta.*

– Cuidado na rampa – ela falou. – Arranha atrás.

– E tá preocupada com isso agora?

– Só tome cuidado.

Jack ligou o motor. Ajustou a poltrona do motorista, deixando-a deslizar um pouco para trás. Eletronicamente. Verificou e ajeitou os espelhos e aí dirigiu lentamente para fora do estacionamento. Já fazia tempo que não dirigia para os bandidos. Dobrou na Moncur Street, deixou para trás o trevo de Hargrave, foi direto para Gurner e então foi para a esquerda, entrando na Glenmore Road.

– Você acha que a Oxford Street é uma boa escolha? – Larissa perguntou, a voz provocativa e irritada.

– Comparada com o quê?

– Meu Deus – Larissa balançou a cabeça olhando pelo para-brisa.

– Uma coisa é certa, não vou sentir a mínima falta da merda de tráfego dessa cidade.

A chuva atingia pesadamente o carro. Estava ficando quente lá dentro com toda a respiração e a adrenalina. As janelas estavam tomadas pela névoa. Jack ligou os desembaçadores dianteiro e traseiro e deixou o ar soprando.

– Então, pra onde tá pretendendo ir? Já tá com a passagem marcada?

Larissa deu uma leve mexida distraída no cabelo.

– Quando você tem dinheiro vivo, Jack, você sempre tem uma passagem marcada. – Penteou a franja com os dedos. – E pensar que eu podia estar levando você comigo.

– Eu adoro demais Sidney.

– Você ama fingir gostar da sua vida, de qual das duas? Vivendo sozinho com uma gata? Ou dirigindo um Toyota?

– Não tenho mais o Toyota. E eu só tenho uma. Sabe mais, deixa a Lois fora disso.

– A vida é sua.

Ele deu uma olhada na arma na mão dela: por um momento, tecnicamente, a vida de Jack pertencia a ela. Apontou para o revólver.

– O que é que tá pretendendo fazer com isso quando chegar lá? Entrar com ele no correio?

– Se precisar. Só nos leve até lá.

– Você nem precisa de mim. Pode contar para eles aquela história de esposa.

– Vai ser mais rápido se você mostrar a tua identidade. Não quero entrar em conversa com ninguém e perder o meu tempo. E ninguém, ainda por cima, fala mais a porra do inglês mesmo.

– Olha a hora, Larissa. Olha o tráfego. Não vai dar.

– Vai dirigindo, porra.

Continuou a dirigir. O mundo estava todo tomado pela luz molhada. Estava muito difícil de ver qualquer coisa além do seu próprio nariz. Eles se arrastaram pela Oxford Street.

Jack disse:

– Você não parece nada interessada na Kim.

– Por quê? Ela é interessante? – O tom de Larissa era firme e cheio de desdém.

– Bem, ela pegou um tesouro de 3,4 milhões debaixo do nariz de todo mundo. Acho que só isso já a torna interessante.

– Aham.

– Só isso?

– O que você quer que eu diga? Só encontrei essa putinha algumas vezes. E agora ela vai se arrepender. – Ela fez um movimento com o revólver. – Anda mais rápido.

35

JACK VIU KIM PRIMEIRO. NA esquina da York com a Market, onde o correio ficava na arcada abaixo do nível da rua. Uma capa de chuva preta e brilhante, um guarda-chuva de xadrez vermelho, exatamente como sua minissaia, botas pretas de cano até os tornozelos. Tinha um pacote debaixo do braço – e, ao seu lado, uma mala de rodinhas de tamanho médio com o puxador levantado no ar. Estava procurando um táxi, mas a única coisa que se movia com algum ritmo normal na cidade naquele momento eram os pedestres e seus guarda-chuvas, além do monotrilho molhando todo mundo com mais água.

Jack estava na Market Street, na pista do meio. Deu uma olhada para Kim, mas não disse nada. As luzes ficaram verdes. O tráfego andava lentamente.

– Está conseguindo vê-la? – perguntou Larissa, sua voz tensa de frustração.

– Não.

– Precisamos estacionar em algum lugar.

Jack suava, tentando manter um olho em Kim e ficar atento às luzes dos freios ligando e desligando no carro à sua frente, torcendo para que o verdadeiro rio de tráfego fluísse, para afastá-los dali e poderem descer a ladeira. Larissa estava virada para o lado do motorista, uma perna dobrada sobre o assento, tentando ver através das janelas meio cobertas de névoa. A cabeça mergulhada em uma procura desesperada, tanto para a direita quanto para a esquerda, tanto rua acima quanto rua abaixo. Estava com mau humor por causa da chuva, da nebulosidade e da *porra* do tráfego. Então, pôs um braço no ombro de Jack e se inclinou fortemente sobre ele.

– Lá está ela! Rápido! Encosta o carro!

Jack olhou para Larissa, as mãos estavam firmes na direção. O tráfego não andava para lugar nenhum. Ela pressionou o revólver na barriga dele.

– Encosta rápido!

– Estou tentando.

O tráfego se avolumou à frente, por uns dez metros, então Jack passou pelo Queen Victoria Building, quase em frente de onde ele tinha visto Kim. A Susko Books ficava um pouco mais abaixo, à sua esquerda, no final da York Street. Lá. O tráfego parou. As buzinas ecoavam forte. Ele levou a BMW para outra pista e parou. Mais buzinas começaram a berrar: um táxi parou colado à sua traseira, ligou o pisca alerta e, pelo espelho retrovisor, Jack viu uns guarda-chuvas encostando nele.

Larissa estava gritando com ele, realmente desesperada.

– Vamos, porra! Vamos. – E ele já tinha uma perna para fora da porta, na cidade barulhenta e molhada, seus Campers sendo cobertos pelo fluxo da água do esgoto. Jack procurou por Kim pela janela, mas não podia mais vê-la.

Larissa estava no meio da rua agora, olhando sobre o teto, mas com um pé no carro para poder se esticar e ficar mais alta. Segurava-se na beira da porta, a chuva a encharcando e o carro também. Então Jack ouviu um baque, um punho batendo ou talvez o revólver, atingindo o teto do carro. Estava atento observando a esquina, tentando ver, fotografando em sua mente cada mudança no tráfego, procurando Kim com o seu guarda-chuva xadrez, esforçando-se para ver alguma coisa através do lençol de chuva e torcendo para que o fluxo de pedestres, que dificultava muito sua visão, saísse do caminho.

Então ele viu. Ela tinha sumido mesmo.

36

LARISSA SALTOU PARA DENTRO DO carro e bateu violentamente a porta.

– Ela pegou a porra de um táxi. Vamos, vamos, rápido! Direto para o aeroporto.

As luzes mudaram no cruzamento e um botão para atravessar em um poste perto começou a fazer um tique-taque, um som irritante como o de uma metralhadora de criança, e as pessoas tomaram a rua, envolvendo a BMW em um pequeno mar de guarda-chuvas com o logo de um banco.

– Rápido, Jack!

– Quer que eu atropele as pessoas?

A corrida para o trabalho era a tônica: ninguém olhava para dentro do carro quando passavam por ele, ninguém via a bela garota com um revólver na mão. A vida cotidiana corria mais forte. As cabeças abaixadas, olhos atentos às poças na rua.

Larissa não parava de balançar a cabeça, a raiva transbordando livremente enquanto ela mostrava uma cara de ódio para os transeuntes.

Jack estava com a mão na porta, pronto para abri-la e correr.

– Vou matar aquela vadia!

As luzes mudaram. Os últimos transeuntes passaram em frente ao carro.

– Vai!

Jack abriu a porta e pulou para fora da Beamer.

Ninguém atirou nele enquanto ele corria pela calçada.

Ficou de pé, de costas para a rua, sob um toldo, salvo entre os seus companheiros cidadãos com cafés para viagem nos lábios. Olhou para o carro. As janelas estavam encobertas pela névoa e eram açoitadas pela chuva, por isso, era muito difícil ver qualquer coisa lá dentro. Três segundos mais tarde, o motor começou a

funcionar e a BMW despencou em velocidade pela ladeira. Uma luz verde liberou mais tráfego atrás e o carro desapareceu em um rio de aços e luzes cintilantes.

Jack ficou de pé ali por mais um momento, reencontrando-se. Por mais úmido e enrugado, como o dia, que estivesse, ele tinha nascido de novo.

O ÔNIBUS 389 SE ARRASTAVA pela Oxford Street, toda tomada, repleta de pessoas molhadas e mal-humoradas com seus guarda-chuvas que não paravam de pingar. Jack estava num lugar junto ao corredor perto da frente. Ele se sentou, olhou e sentiu suas roupas encharcadas desconfortavelmente coladas a seu corpo. De vez em quando, um pingo maior d'água se formava em uma ponta do cabelo e, após uma pausa dramática, se derramava ou na sua nuca ou em seus olhos. Realmente, sua cabeça estava sofrendo, e ele também, é claro. Todas as vezes que o ônibus dava uma guinada, um homem que viajava de pé no corredor batia em seu ombro, o que não adiantava nada na melhora da dor que sentia. E uma mulher sentada ao seu lado não parava de falar no celular. Não tinha muito o que dizer e, pelo que Jack ouviu, tudo poderia ter sido guardado para outra hora mais tarde.

O ônibus parou: mais gente se apertando. Jack pensou no que encontraria na De Groot Galleries. Sua cabeça doía ainda mais. Sua vizinha continuava a reclamar no celular:

– *Derek, ele não consegue entender, é muito insensível, você sabe, e eu realmente preciso que ele esteja lá agora.*

O cara de pé próximo a ele encostou o traseiro nele. O ônibus fervilhava.

Ficou pensando se Kim tinha conseguido pegar o voo.

De volta a Woollahra, o ônibus seguiu pela Moncur Street e, depois, pela Peaker Lane. Jack viu carros da polícia e uma ambulância obstruindo a entrada e a descida para o estacionamento de carros sob a galeria. Policiais de capas e de guarda-chuvas por tudo que é canto. O ônibus parou em um ponto ali perto, algumas pessoas saíram e um velho com sua mulher, interesseira, entraram. Eles levaram algum tempo. Jack lhes deu o lugar e foi andando para

o fundo do corredor. Por mais que desejasse se livrar daquela sauna móvel, por enquanto, resolveu continuar a enfrentá-la.

Não estava muito preocupado com os policiais: afinal, Jack, na verdade, não havia feito nada. Nem mesmo Kablunak quanto aquele assunto, isso sem levar em conta o roubo original da Sergius, não importa de onde ela tinha sido roubada. E Jack suspeitava que o próprio Kablunak provavelmente tinha chamado a polícia para entregar Rhonda – quem mais poderia ter sido? –, o que era um sinal de que o russo tinha saído da cozinha. Walter deve ter enfim começado a imaginar que porra estava acontecendo e foi lá olhar. Mas Jack tinha sido a causa de alguns dos transtornos que Viktor Kablunak havia sido obrigado a enfrentar; ele tinha desistido de voltar a ver o livro de Ian Fleming, mas estava preocupado agora com quaisquer ideias que o russo pudesse ter em relação a outros tipos de *retribuição*. A personalidade dele era *bíblica* demais para o gosto de Jack. Pragas, pestes não estavam fora de questão em se tratando de vinganças para Kablunak.

Jack desceu na estação Edgecliff. Ali, livrou-se de uma nota de cem paus da carteira em seu bolso. Ele não se importava de ficar muito molhado. Foi até a banca de jornal e comprou um maço de cigarro. *Camels*. Aí, pegou um táxi e voltou para casa.

Jack tomou uma chuveirada, colocou umas roupas sequinhas e ficou olhando para o dinheiro. Fumou, contou o dinheiro, abanou-se com um montinho de notas de 100 dólares e o pôs na mesa de jantar. Ficou vendo mais um pouco, juntou tudo e voltou a contar. Bebeu um pouco direto do gargalo de uma garrafa de Bowman de 20 anos que tinha guardado para si, e fumou, com enorme prazer, mais cigarros. Lois se empanturrou de sardinhas norueguesas que estavam na cozinha. Jack ficou preocupado com os lábios de sua gata. Lembrou-se do que Kablunak tinha falado para ele. *Dinheiro não tem alma. É energia. Deve mover-se.*

Jack olhou para Lois. Estava lambendo todo o queixo. Ela lhe devolveu o olhar, com uma pontinha de desdém. *Agora entendeu, Jack?*, ela parecia dizer. *Basicamente, vem e vai.*

O russo apareceu no dia seguinte. Encontrou Jack andando pela Oatley Road voltando para casa depois de comprar mais cigarros. Quem dirigia o carro era o seu primo Carl. Cumprimentou Jack com a cabeça pela janela.

Kablunak estava no banco de trás.

– Precisa de uma carona, Sr. Susko?

Jack tentou ler as entrelinhas, mas estava tudo escrito em cirílico.

– Você parece confuso, Sr. Susko.

– É só a minha cabeça. Tem horas em que depois de todas aquelas aventuras com seus tiroteios, ainda estou propenso a sentir algumas ondas de náusea.

– Você deve esquecer tudo.

Eles seguiram juntos no carro. O sol mostrava as garotas em trajes sumários novamente. Jack ficou imaginando o que Kim estaria usando naquele momento.

– Tenho muito mais medo da chatice do que da morte, Sr. Susko – comunicou Viktor Kablunak, relaxado, muito diferente do homem que na véspera só tinha perdido 3,4 milhões, o valor do Grande Livro. – Sempre senti que você pensava como eu.

– Quem gosta de ser chateado?

– Não é uma questão de *gostar*. É uma questão do *esforço para não sê-lo*.

– Certo. Sempre achei que era uma questão de dinheiro.

– Errado. É sobre *atitude*, Sr. Susko. – Kablunak dedilhou sua coxa como se estivesse acompanhando a música que tocava. – *Atitude e intenção. Desejo decretado. Ação*. – O russo bateu palmas com as mãos. – Vida com uma só consequência, morte. Lembra-se, Jack?

– Quem iria esquecer?

O tom de Kablunak endureceu.

– Não abandone esta ideia. Ainda não estou certo no que fazer com você.

– Que tal devolver o meu livro?

– Não.

– Certo – Jack falou. – Então estamos quites? – O seu tom era alegre, ainda que todo o resto não o fosse. Esperava que Kablunak aceitasse.

Nenhuma resposta. Entraram na Leinster Street. Kablunak ainda não dissera nada, com o olhar fixo para fora da janela no dia quente e luminoso que fazia.

Um pouco mais adiante, Carl parou o carro. O russo fez um gesto na direção da porta. Jack a abriu e saiu.

Pela janela aberta, Viktor Kablunak falou:

– Você está me devendo, Sr. Susko. Eu te manterei informado.

38

TINHA SAÍDO ALGUMA COISA NOS jornais do fim de semana sobre tudo o que havia acontecido. Rhonda Alexandra de Groot e Max Troy Martin estavam presos e acusados pelos assassinatos de Richard de Groot e Lewis Hendrik Bloemsaat. O julgamento deles estava pendente. Aparentemente, as autoridades da África do Sul estavam ansiosas para inquirir a Sra. Rhonda de Groot sobre o roubo de diamantes antigos, assim como de alguns artefatos tribais igualmente antigos, com que o seu falecido marido estava implicado. A polícia se recusava a dizer e comentar sobre a fonte desta informação.

Lois entrava e saía, mas Jack não sentia como se estivesse sozinho no apartamento. Foi dar uma volta e ver Ray Campbell. A Susko Books e a hora de seus clientes podiam esperar um dia. Talvez tivesse sido o choque retardado que o fazia se sentir estranho? Ou a volta da nicotina? Muito provavelmente, o que precisava mesmo era de uma tarde cheia de margaritas.

Ray Campbell tinha substituído agora as margaritas por manhattans. Depois do quarto, Jack já lhe havia contado tudo.

– E você nem mesmo chegou a ver a Sergius? – Ray estava quase fora de si.

– Não era simplesmente para ser e pronto.

Jack deu uma tragada forte em seu cigarro. Só mesmo os livrinhos especiais de cinco paus para Jack Susko.

– Mas você esteve tão perto!

– E ainda assim...

Ray suspirou e abanou a cabeça. O cabelo caiu para trás, o rosto todo barbeado e bem limpo, algo brilhante pela loção pós-barba e pelo álcool, estava vestido como se fosse uma espécie de Jay Gatsby: calças de cintura alta, com pregas, listras cinzas, camisa branca com uma gravata estampada, abotoaduras, suspensórios e

polainas. A cadeira do deque tinha desaparecido e ele estava reclinado em uma velha bergère. Uma edição rara e muito manuseada da novela *Children of the ritz*, de Cornell Woolrich, de 1927, estava na mesinha para drinques ao seu lado.

– E pensar em que mãos ficaram com ela. – Ray pegou a coqueteleira e preparou seu manhattan. O dele era mais para doce e encheu em um copo de coquetel. E isso sem cerejas porque Ray jamais as comprava fora da estação. Jack preferiu uma mistura de uísque com vermute, na proporção de quatro para um, em um copinho de desenho antigo. Ele o levou aos lábios, lembrando-se momentaneamente das mãos de Kim dentro da camisa dele.

– Então Kablunak chamou a polícia?

– Chamou. – Jack bateu seu cigarro num cinzeiro cromado de pé.

– Pegaram Rhonda e Max no aeroporto.

– E as garotas?

– Sumiram.

– As duas?

Jack concordou com a cabeça.

– Aparentemente sim.

– Uaaaauuuu! – Ray bebericou seu manhattan. Olhou para Jack e sorriu simpaticamente. – Você gostava dessa Kim, né?

Jack pesou seus sentimentos enquanto fumava a ponta do cigarro. Ainda era muito cedo para achar isso. E, de qualquer jeito, do que adiantava agora?

– Talvez estivesse começando a gostar, você sabe – respondeu Jack.

39

SEGUNDA-FEIRA. DE VOLTA AO TRABALHO. Alguém tinha deixado uma caixa do lado de fora da porta da frente da Susko Books. Quem quer que tivesse deixado escrevera com uma caneta preta no alto: *Todos seus!* Jack a levou para dentro e pôs em cima do balcão. Acendeu um cigarro e deu uma verificada.

The diamond in your pocket: discovering your true radiance, de Ganjai; *The power of Vastu living: welcome your soul into your home and workplace*, de Kathleen Cox; *Now hear this gentle singing*, de Meredith Mathers e Josephine Stone; *Meditation: the complete guide*, de Patricia Monaghan e Eleanor G. Diereck; *The silent scream: Subconscious trauma and how to let it out*, de Helena le Brun e Gary Klein; *Life is but a dream... So row!*, de Reynold Knox; *After the ecstasy, the laundry*, de Jack Kornfield; e *Knitted animals*, de Anne-Dorthe Grigaff.

Tudo o que você necessitava de ler para comer a sua própria merda. Talvez Jack fosse tirar uma folga de tarde e se divertir um pouco.

O telefone começou a tocar. Ele jogou o *Knitted animals* de novo na caixa, deu a volta no balcão e atendeu.

– Susko Books.

– Onde tá a porra do meu carro?

Chester Sinclair. *Merda*. Jack ainda não tinha ido pegar o Fiori.

– Qual é o nome do autor?

– O quê? – Fez-se uma pausa enquanto Sinclair pensava. – Não me venha com suas merdinhas, Susko! Onde é que tá o meu carro?

– Passando por uma revisão neste exato momento em que estamos conversando – ele mesmo surpreso de como ele tinha soado perfeito. E continuou: – Depois, eu marquei pra ele uma

superlimpeza suprema no Super-Clean-All-Hand-Wash. Como meu sinal de agradecimento.

– Tá de sacanagem comigo!

– Chester, você nem vai reconhecer o seu carro.

Pausa.

– Ok. E o Babylon Boy? Você jogou nele, né?

Nesta hora, Jack não foi tão rápido para se livrar das algemas.

Disse:

– Hmmmm... – E Chester foi com tudo para cima dele.

– Não me diga porra nenhuma! Você apostou, não foi? Diz! Jack?

Fala que você fez a merda do jogo!

– Desculpe, Chester. Não pude chegar a tempo.

Silêncio. Ele podia sentir a raiva de Sinclair pela linha. Ouviu uma garganta sendo limpa.

– Jack – falou Chester, a voz calma, mas bem ferida. – A porra do Babylon Boy venceu fácil, como Eddie Roy tinha dito que ia acontecer. Deu pra entender? – Limpou a garganta novamente. – Agora, de acordo com as minhas contas, os cinquenta dólares que pedi delicadamente para você jogar naquele cavalo teria um retorno de... – Jack ouviu o farfalhar dos papéis – seiscentos e vinte e dois dólares e dez centavos exatamente. Percebe aonde quero chegar, Jack?

– Mais do que perfeitamente.

– Não me faça chamar a polícia.

– Passo por aí de noite com o carro e o dinheiro, ok?

– Só não me faça ligar para a polícia.

Chester Sinclair desligou.

* * *

Depois dos aluguéis – lar e livraria –, dos cartões de crédito, das dívidas bancárias, das faturas pendentes, das contas de luz, gás e telefone e do maldito Chester com o seu carro e seu cavalo, o bolo dos 10 mil dólares de Jack se viu significativamente reduzido. Mas ele conseguiu comprar para si mesmo algumas coisas que ele desejava: alguns vinhos, alguns CDs, algumas roupas novas e um

novo corte de cabelo. Conseguiu também jogar alguns centavos nas canequinhas de alguns sem-teto ou dar outros nas mãos deles. Conseguiu até estocar bebida e cigarro, tudo de qualidade razoável, de modo a ter as coisas até o Ano-Novo. E, então, isso era muito. O que era maravilhoso. Porque tudo estava só um pouco abaixo do pescoço de Jack de novo. Mas ele já estava mais do que acostumado com isso. E, pelo menos, podia respirar.

Duas semanas mais tarde, um envelope de correspondência aérea chegou pelo correio. De Paris. Sem endereço de remetente. Jack o abriu com uma caneta esferográfica azul e tirou o que tinha dentro dele: uma passagem da British Airways. E uma mensagem.

Oi, Jack

*Paris é incrível!
Por que não aparece?*

*Beijos,
Kim*

Jack leu de novo. Aí, colocou a mensagem e a passagem no balcão e acendeu um cigarro. Fumou e ficou admirando as prateleiras silenciosas da Susko Books. Tentava lembrar se ele e Lois ainda tinham passaportes em dia.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39